

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Programa de Pós Graduação em História e Culturas Políticas

João Ítalo de Oliveira e Silva

**POR UMA EUGENIA LATINO-AMERICANA: VICTOR DELFINO E RENATO
KEHL**

Belo Horizonte

2008

JOÃO ÍTALO DE OLIVEIRA E SILVA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Programa de Pós Graduação em História e Culturas Políticas

**POR UMA EUGENIA LATINO-AMERICANA: VICTOR DELFINO E RENATO
KEHL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em História
Política/Universidade Federal de Minas
Gerais, como requisito para a obtenção
do Grau de Mestre.

Orientadora: Regina Horta Duarte

Belo Horizonte
2008

RESUMO

Esta dissertação trata da formação dos movimentos eugênicos brasileiro e argentino dentro de um projeto de cooperação científica entre os estudiosos da América Latina. Evidencia, portanto, os laços de amizade estabelecidos entre o médico brasileiro Renato Kehl e seu colega argentino Victor Delfino. Revela o intenso intercâmbio intelectual realizado por esses pensadores latino-americanos que pensaram em conjunto políticas públicas que promovessem o aprimoramento das respectivas populações nacionais. Compara esses dois movimentos eugênicos – argentino e brasileiro –, que se assemelharam nas duas primeiras décadas do século XX, porém tomaram caminhos diferentes sob os regimes autoritários dos anos 1930.

ABSTRACT

This current work shows the formation process of the Brazilian and Argentine eugenic movement under a bigger project of scientific cooperation among Latin-Americans scholars. It highlights the bonds built between Renato Kehl, a renowned Brazilian doctor, and Victor Delfino - editor of *La Semana Médica*, a main medical Argentine journal. This dissertation reveals an intense intellectual exchange embodied by many Latin-Americans thinkers who designed a handful of measures and proposals that could promote the improvement of their countries populations. This paper intends to compare these eugenic movements – Argentine and Brazilian –, which were quite similar during the beginning of the twentieth century, but drifted apart under the dictatorialship regimes over the 1930s.

AGRADECIMENTOS

Um trabalho de mestrado não se faz sem a contribuição de muitas pessoas. Nos últimos anos contei com o auxílio de várias que gostaria de mencionar como forma de agradecimento.

Primeiramente queria agradecer a minha orientadora Prof. Regina Horta Duarte, que com atenção e inteligência guiou esta pesquisa. Obrigado pelas correções e pelo rigor com que leu as diferentes versões deste trabalho, acrescentando observações teórico-metodológicas e corrigindo falhas de redação.

Aos professores e alunos do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais, pelo crescimento intelectual obtido na sala de aula, como Kátia Gerab Baggio e Eliana Freitas Dutra. Agradeço ao professor Eduardo França Paiva pela orientação na época da graduação e pelos primeiros ensinamentos na pesquisa histórica.

Agradeço aos professores Kátia Gerab Baggio e Bernardo Jefferson de Oliveira, membro da banca de qualificação, pelas contribuições e questionamentos levantados naquele momento.

Aos colegas de mestrado, com os quais terei lembranças de bons momentos, Ana Maria, Cíntia, Sílvia, Breno, Daniel, Mateus e Valéria. Agradeço a todos pelos embates intelectuais e pela motivação que tanto me ajudou nesses anos.

Não poderia esquecer de expressar a minha gratidão a Belti pela correção criteriosa da redação dessa dissertação. Obrigado por tornar esse texto mais apazível e por corrigir os desvios estilísticos.

Gostaria de agradecer a minha família, especialmente a minha mãe, Águeda, que sempre incentivou o meu crescimento e possibilitou que esse sonho se realizasse. A meu irmão Pablo pela torcida silenciosa e ao meu pai pela paciência nos dez primeiros anos de minha vida, imprescindíveis para a formação do meu caráter.

A meus amigos Isabela, Joanna, Tiago, Gustavo e Svetlana pelo apoio necessário para superar questionamentos surgidos ao longo do caminho. A Cleiber pelos importantes livros trazidos dos Estados Unidos.

Por último, agradeço a CAPES pelo financiamento desta pesquisa, sem a qual não conseguiria realizar as importantes viagens a Buenos Aires e Rio de Janeiro.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	4
INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO I – ORGANIZAÇÃO DA EUGENIA LATINO - AMERICANA	
1- Eugenia e seu alcance mundial	15
2- Brasil: o país que ainda “tem jeito”	24
3- Imigrantes: como abrigá-los, controlá-los e torná-los argentinos	32
4- O intercâmbio científico entre Brasil e Argentina	42
5- Eugenia como ponto de união latino-americana	53
CAPÍTULO II – PROPOSTAS EUGÊNICAS PARA A NAÇÃO	
1- Estratégias de divulgação da eugenia	64
2- Certificado de casamentos	81
3- Educação e higiene	92
4- Imigração – Raça, Eugenia e Nação	101
5- Esterilização e eugenia negativa	113
CAPÍTULO III – MOVIMENTO EUGÊNICO NOS ANOS 1930	
1- Eugenia nos anos 1930 na Argentina	120
2- Perda de espaço da eugenia no Brasil	131
3- Victor Delfino e o “novo” movimento eugênico argentino	142
4- Eugenia para leigos: Renato Kehl	151
CONCLUSÃO	161
BIBLIOGRAFIA	
1- Referências bibliográficas	166
2- Fontes Primárias	174

INTORODUÇÃO

O intercâmbio médico entre os países sul-americanos ocorreu em grande frequência no século XX. Os médicos dos diversos países se corresponderam, trocaram experiências e propostas de um caminho que suas nações deveriam seguir para ingressar no rol de nações “civilizadas”, no qual figuravam países europeus e da América do Norte. No caso da medicina a circulação de médicos e periódicos foi bastante intensa.¹ O trânsito de médicos e cientistas estabeleceu “redes de contato” que se expandiam pelo continente chegando até mesmo a Europa². Este trabalho procurará entender o percurso adotado por Renato Kehl e Victor Delfino na introdução e divulgação da eugenia no Brasil e Argentina. O período analisado iniciou em 1918 com a fundação da Sociedade Eugênica de São Paulo e foi até 1934 na aprovação da Assembléia Constituinte. Analisamos ainda alguns artigos publicados por Kehl na Argentina entre 1938 e 1942.

Buscaremos perceber os pontos em que seus pensamentos se encontraram e os enfoques de seus trabalhos de acordo com as realidades em que estavam inseridos. Analisaremos os periódicos argentinos *La Semana Médica* e *La Medicina Argentina, Hijo Mío* e *Viva Cien Años* e os brasileiros *Brazil-Médico* e *A Folha Médica*. Consultaremos também o *Fundo Pessoal Renato Kehl* que se encontra em organização no Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz. Focaremos na utilização de

¹ A tese de Marta Almeida relatou os inúmeros congressos ocorridos na América Latina que serviram como uma forma de integração da medicina no continente. ALMEIDA, Marta. *Das Cordilheiras dos à Isla de Cuba, passado pelo Brasil: Os Congressos Médicos Latino-Americanos e Brasileiros (1888-1929)*. Tese de doutoramento USP: São Paulo, 2003.

² Analisamos as correspondências de Renato Kehl e observamos como esses médicos estabeleciam redes de contatos e expandiam a sua influência através de indicações de outros médicos. Renato Kehl conseguiu criar relação com cientistas de outros países como o espanhol Luis Huerta através da indicação do sanitaria peruano Carlos Enrique Paz Soldán. Carta de Renato Kehl a Carlos Enrique Paz Soldán. 10/12/1928. Caixa sem número/ Fundo Renato Kehl/ COC/Fiocruz.

artigos ao invés de livros nas análises dos dois autores. Apesar do enfoque também consideraremos os livros de Renato Kehl *Melhoremos e Prolonguemos, Bíblia da Saúde* e o volume 1 das “Atas e Trabalhos” do Primeiro congresso Brasileiro de Eugenia.

Renato Kehl foi o principal difusor da eugenia no Brasil, tendo divulgado essa ciência entre os anos 1917 e 1937. Formou-se em farmácia em 1905 pela Faculdade de Farmácia de São Paulo e em medicina em 1915 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.³ Em 1918, idealizou a Sociedade Eugênica de São Paulo, a primeira instituição do gênero na América Latina. No ano seguinte mudou de São Paulo para o Rio de Janeiro onde fez grande parte de sua carreira. Renato Kehl publicou artigos sobre eugenia e temas correlatos em diversos jornais médicos e outros periódicos de grande circulação como a *Gazeta de Notícias*. Ele participou de muitas associações médicas no Brasil e em outros países do mundo. A Liga Brasileira de Higiene Mental foi uma dessas agremiações e onde a eugenia encontrou abrigo institucional ao longo dos anos 1920. Em 1929, Kehl participou do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, além de fundar o Boletim de Eugenia, periódico financiado por recursos do próprio autor. A atuação na eugenia fez com que seu nome fosse ligado na historiografia brasileira “a uma tendência autoritária e racista do pensamento social brasileiro” junto a nomes como Oliveira Vianna e Azevedo Amaral.⁴

Victor Delfino foi o principal propagandista da eugenia na Argentina nas décadas de 1910 e 1920. Estudou Ciências Naturais, Física e Matemática no *Observatorio de la Universidad de la Plata* antes de se interessar por Medicina Social, Higiene Pública e

³ SOUZA, Vanderlei. *A política biológica como projeto: a “eugenia negativa” e a construção da nacionalidade na trajetória de Renato Kehl (1917-1932)*. 2006. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História das Ciências da Saúde/ FIOCRUZ, Rio de Janeiro, p 68.

⁴ SOUZA, Vanderlei. *A política biológica como projeto*, p 65.

Eugenia⁵. Publicou artigos sobre antropologia, biologia, botânica, criminologia, eugenia, física, fisiologia, hidrologia, higiene, neuropatologia, psicologia e química. Participou do Comitê Executivo do jornal *La Semana Médica* entre 1912 e 1926, quando assumiu a direção de outra revista médica *La Medicina Argentina*. Delfino participou de várias organizações internacionais que abordavam os muitos campos de interesse. O autor cultivou os contatos com os cientistas de vários países que o identificaram como o principal nome da eugenia na Argentina nos anos 1920. Foi vice-presidente do Segundo Congresso de Eugenia realizado em 1921 e membro da Comissão Permanente de Eugenia com sede em Bruxelas. A historiografia argentina creditou um papel secundário à obra de Victor Delfino. O autor foi mencionado brevemente em alguns textos, sendo que não encontramos nenhum livro, tese ou artigo sobre o seu trabalho. A maioria dos trabalhos sobre eugenia na Argentina abordou o movimento nos anos 1930. Um dos pontos válidos do nosso trabalho será retomar esse autor pouco trabalhado e mostrar os seus esforços para a divulgação da eugenia na década de 1920, que seria um importante alicerce para o desenvolvimento do movimento nos anos 1930.

A história comparativa entre Brasil e Argentina com foco nos dois autores nos possibilitou perceber algumas particularidades. O estudo comparativo entre países latino-americanos nos ajuda a notar não só as influências intercontinentais, mas a elaboração de soluções e teorias próprias. Nancy Stepan refutou a idéia de uma América Latina que simplesmente seguiria as idéias vindas de além mar e que não contribuiria ao cenário científico mundial. Segundo a autora, a história da ciência na América Latina é muitas vezes percebida, por europeus e americanos, como uma tentativa de imitar ou reproduzir

⁵ MIRANDA, Marisa & VALLEJO, Gustavo. *La Idea de "la buena raza" en La Argentina*. In: *Todo es Historia*, número 425, p 61.

as teorias européias⁶. Stepan mostrou que esses cientistas elaboravam modelos mais adequados à suas realidades e em alguns casos chegavam a construir teorias ímpares. Alguns trabalhos mostraram a influência exercida por pensadores latino-americanos em seus colegas do continente.⁷

A abordagem comparativa nos possibilita conhecermos melhor as semelhanças e as diferenças entre os países estudados e a identificar as peculiaridades de cada sociedade. Buscaremos perceber a atuação de Victor Delfino e Renato Kehl frente às teorias européias, as limitações e contornos colocados pelas sociedades a essas teorias e como os cientistas usufruíram do contato com o país vizinho para a elaboração de seus projetos e políticas. Um dos pontos mais interessantes da abordagem comparativa foi perceber as diferentes propostas e ações dos nossos autores para introduzir a eugenia nas diferentes sociedades em que estavam inseridos. Eles adotaram posturas que julgaram mais apropriadas para a divulgação dessa nova ciência e evitaram temas que criariam um estigma às suas propostas.

A eugenia foi uma ciência em que as nações latino-americanas debateram em conjunto, procuraram influenciar outros países e estabelecer um pensamento científico continental. Victor Delfino, Renato Kehl e Carlos Enrique Paz Soldán tentaram estabelecer uma união continental em torno dessa nova ciência. A Sociedade Eugênica de São Paulo, idealizada por Renato Kehl, contava com a participação de Delfino e Paz Soldán. Delfino privilegiou autores brasileiros nos jornais médicos que editou. Esses cientistas buscaram criar uma eugenia latino-americana, que só seria possível a partir do

⁶ STEPAN, Nancy. *The hour of eugenics*. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1996, p 3.

⁷ O trabalho de Aline Helg mostrou o influência exercida por autores argentinos como Sarmiento, Bunge e Ingenieros na escrita da “sociologia cubana” de Fernando Ortiz. HELG, Aline. *Race in Argentina and Cuba, 1880-1930: Theory, Policies and Popular Reaction*. In: GRAHAM, Richard (Editor). *The Idea of Race in Latin America, 1870-1940*. Austin: University of Texas Press, 1990, p 52.

momento em que as demais nações do continente também participassem do processo. Eles procuraram convencer cientistas de outros países a participarem do movimento.⁸

A eugenia foi idealizada na segunda metade do século XIX, por Francis Galton, e amplamente divulgada nas primeiras décadas do século XX, e tinha como objetivo o aperfeiçoamento das qualidades humanas. Este objetivo poderia ser alcançado através do controle sobre a reprodução, imigração e casamentos. O conceito de eugenia teve uma flexibilidade muito grande e foi concebido de diferentes maneiras em diversos países nos quais médicos e cientistas se reuniram e formaram sociedades e organizações para a sua divulgação e debate. A fundamentação teórica possibilitou uma diferente concepção da eugenia. Os eugenistas seguiram, em sua maioria, duas vertentes, a neo-lamarckista e a mendelista.

Apesar da repercussão mundial atingida a partir dos anos 1910, a eugenia foi interpretada por muitos historiadores e intelectuais como uma “pseudociência”. Nancy Stepan destacou que a História da Ciência tem a tendência de desqualificar idéias que posteriormente foram superadas e taxá-las de “pseudociência”. A eugenia, em especial, sofreu esse pré-conceito devido a sua utilização pelo regime nazista. O desmerecimento da eugenia foi uma conveniente maneira de diminuir a importância da participação de renomados cientistas no seu estudo e de ignorar a natureza política das ciências humanas e biológicas⁹.

⁸ Os três médicos trocaram correspondências e buscaram estabelecer um movimento eugênico latino-americano. Eles buscaram encontrar nomes que pudessem começar um movimento semelhante na Venezuela, Chile, Uruguai e Paraguai.

⁹ STEPAN, Nancy. *The hour of eugenics*. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1996, p 5.

Nesse trabalho conjugaremos de uma visão semelhante à de Hector Palma¹⁰, a partir do momento em que percebemos a eugenia como uma ciência “histórica” coerente às idéias das primeiras décadas do século XX. Apesar de não concordarmos com as propostas elaboradas e com as atitudes tomadas, entendemos a sua pertinência para aqueles homens no final do século XIX e início do XX. Concordamos com a afirmação de que tais propostas muitas vezes ressoavam como medidas afins a determinados grupos políticos, mas consideramos isto como algo natural, pois compreendemos a ciência como uma instância ligada à sociedade. Ela foi influenciada pela comunidade na qual esteve inserida a partir do momento em que seus cientistas foram parte dessa sociedade e responderam a seus anseios e interesses. A ciência nunca é isenta dos valores dos homens que a escrevem.

Algumas vezes esses cientistas tomaram posições políticas e incutiram suas visões pessoais aos seus projetos de cunho científico. Essa influência entre sociedade e ciência ocorre em um grau de reciprocidade, pois a ciência define novos padrões que modificam o pensamento de uma sociedade e esta influencia a ciência que segue caminhos com o intuito de responder a determinados questionamentos. Percebemos essa necessidade no trabalho dos nossos autores que escreveram textos abordando temas como o movimento operário e imigração como uma forma de responder os questionamentos apresentados pela sociedade. Victor Delfino e Renato Kehl adotaram caminhos diferentes para introduzirem e divulgarem a eugenia de acordo com a sociedade em que estavam

¹⁰ Hector Palma destacou que apesar da Eugenia ter sido utilizada por movimentos políticos de direita como o nazismo, limitá-la a um movimento político seria uma verdade parcial. A eugenia foi uma ciência de respaldo mundial e elaborou teorias que apesar de soarem como absurdas nos dias de hoje tinham coerência na época. PALMA, Héctor. *“Gobernar es seleccionar”*; *apuntes sobre la eugenesia*. Buenos Aires: Jorge Baudino Ediciones, 2002, pp 9-10.

inseridos. A eugenia foi uma ciência muitas vezes aplicada em movimentos políticos e sociais e que em determinados momentos e lugares se confundiu com esses movimentos.

Esta dissertação é composta por três capítulos. No primeiro, introduzo a ascensão da eugenia nas primeiras décadas do século XX e as duas vertentes baseadas em uma orientação teórica neo-lamarckiana e mendeliana. Descrevo os momentos históricos que configuraram a introdução dessa nova ciência no Brasil e na Argentina no final da década de 1910 e procuramos compreender como Renato Kehl e Victor Delfino buscaram retratar a eugenia como uma solução para seus países. Intento mostrar como a eugenia foi pensada dentro de uma coletividade latino-americana na qual esses autores propuseram um órgão continental. Busco mostrar que esse contato entre cientistas e médicos latino-americanos não esteve restrito a eugenia, mas esteve mais presente devido a um esforço de Renato Kehl, Victor Delfino e Carlos Enrique Paz Soldán.

No segundo capítulo trabalho com as estratégias de divulgação adotadas por Renato Kehl e Victor Delfino para difundir a eugenia no Brasil e na Argentina. Percebemos as adaptações feitas pelos dois autores que, além de escreverem textos e proporem medidas, assumiram cargos públicos que lhes possibilitavam colocar em prática as suas idéias. Neste capítulo analisaremos ainda as principais medidas abordadas por Renato Kehl e Victor Delfino que seriam certificado de casamentos, educação, imigração e esterilização. Procuramos compreender como esses temas compunham um projeto de nação desses autores e como eles estiveram presentes nas discussões em voga naquele período.

O último capítulo traz o caminho percorrido pela eugenia na década de 1930 no Brasil e na Argentina. Procuramos perceber os motivos que levaram uma ascensão na

Argentina com a aprovação de medidas como certificado de casamentos e uma diminuição de importância do movimento eugênico no Brasil. É interessante perceber como o movimento eugênico tomou força sob o governo autoritário na Argentina e perdeu força sob semelhante governo no Brasil. Analisamos ainda no capítulo a atuação diminuta de Victor Delfino na concretização desse movimento na Argentina e a diminuição de sua influência na ciência daquele país que o colocaria como figura secundária na historiografia argentina. Trabalhamos com uma documentação de Renato Kehl pouco conhecida composta por artigos publicados em duas revistas argentinas *Hijo Mío* e *Viva Cien Años*. As revistas eram voltadas para um público não acadêmico e os artigos de Kehl eram uma forma de propagar a eugenia para o público geral e aplicá-la em práticas diárias.

CAPÍTULO I – ORGANIZAÇÃO DA EUGENIA LATINO - AMERICANA

1- Eugenia e seu alcance mundial

O interesse pela eugenia aumentou em todo o mundo nas primeiras décadas do século XX dando origem a fundação de sociedades destinadas ao estudo dessa nova ciência. Alguns países como Inglaterra, Estados Unidos e Rússia fundaram centros de pesquisas voltados exclusivamente ao seu estudo buscando expandir as recém-descobertas “teorias de Mendel” para os seres humanos¹¹. Nos Estados Unidos, Charles Davenport distribuiu questionários familiares a fim de reunir informações a respeito da hereditariedade de “anormalidades” como albinismo e polidactilia, ou de doenças como a insanidade e epilepsia¹². Na Inglaterra, Karl Pearson reuniu, entre médicos e trabalhadores liberais, um grande número de voluntários que coletaram dados em hospitais, escolas e residências. Essas informações serviram para analisar a hereditariedade de doenças e da aptidão científica e comercial¹³.

¹¹ Nas primeiras décadas do século XX as teorias de Mendel eram a grande novidade do meio científico, pois apesar de elaboradas na segunda metade do século XIX só foram redescobertas no início dos anos 1900. KEVLES, Daniel. *In the Name of Eugenics; genetics and the uses of human heredity*. Cambridge, USA and London: Harvard University Press, 1995, p 43

¹² Charles Davenport foi o principal nome da eugenia nos Estados Unidos e um dos mais importantes eugenistas do mundo. Ele dirigia um centro de estudo da eugenia em Cold Spring Harbour no estado de Nova York. Neste centro de estudos realizou inúmeros estudos que procuravam aplicar as teorias de Mendel nos seres humanos. Ele influenciou e formou uma geração de eugenistas nos Estados Unidos. Davenport foi responsável por organizar o segundo e o terceiro congresso internacional de eugenia em Nova York. KEVLES, Daniel. *In the Name of Eugenics*, p 45.

¹³ Karl Pearson foi o sucessor de Francis Galton e um importante nome da Eugenia inglesa. Ele foi um dos fundadores da escola biométrica que utilizava estatísticas para analisar a hereditabilidade de doenças. Pearson foi diretor do Departamento de Estatísticas Aplicadas da University College de Londres e influenciou inúmeros eugenistas com enfoque nas mais diversas áreas de estudo. KEVLES, Daniel. *In the Name of Eugenics*, pp 38-39.

Os resultados obtidos nesses estudos foram utilizados para desenvolver políticas públicas. As medidas propostas para a “melhoria” das populações foram divididas em “positivas” e “negativas”. A eugenia positiva procurou promover a reprodução dos indivíduos considerados mais “eugenizados”, normalmente considerados aqueles que possuíam um maior *status* social. Alguns desses cientistas acreditavam que as gerações futuras poderiam ser mais produtivas e saudáveis caso os indivíduos mais brilhantes, resistentes e trabalhadores se unissem e procriassem. A eugenia positiva deveria ser atingida através da educação higiênica, que instruiria os futuros cônjuges a escolherem parceiros adequados e a aplicarem medidas “eugênicas” para preservar sua prole. A propaganda de importantes princípios e medidas como certificados de casamentos e saneamento das habitações foram algumas das medidas tomadas em países da América Latina. A eugenia negativa encorajava os indivíduos menos eugênicos a reproduzirem em menor quantidade ou, até mesmo, a não se reproduzirem. Estas medidas envolviam a regulamentação de casamentos, segregação e esterilização destes indivíduos¹⁴.

Algumas medidas da eugenia negativa causaram uma enorme polêmica nos meios científicos e nas demais esferas da sociedade. Os métodos contraceptivos, por exemplo, haviam sido, a princípio, bem recebidos pelos cientistas ingleses, pois limitavam a reprodução das classes menos “eugenizadas”. Contudo o objetivo não foi atingido porque as mulheres que utilizavam tais métodos eram aquelas mais educadas, exatamente o grupo que, segundo os eugenistas, deveria ter sua reprodução incentivada¹⁵. Alguns cientistas recomendaram que todos os noivos fossem obrigados a realizar testes específicos que certificassem a inexistência de qualquer doença física ou venérea. Na

¹⁴ MOTA, André. *Quem é bom já nasce feito; sanitarismo e eugenia no Brasil*. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2003, p 44.

¹⁵ KEVLES, Daniel. *In the Name of Eugenics*, p 88.

década de 1920, foram criados centros de aconselhamento matrimonial na Alemanha, nos quais certificados de saúde poderiam ser obtidos pelos casais. Estes centros não foram bem sucedidos e poucos foram os casais que os freqüentaram antes de contraírem o matrimônio.¹⁶ A esterilização foi a medida mais polêmica e rejeitada, aplicada em poucos países, foi popular nos Estados Unidos e conseguiu defensores de diferentes esferas da sociedade incluindo o presidente Theodore Roosevelt. Alguns americanos a defenderam como uma decisão opcional e voluntária. Na Inglaterra tal consenso não foi atingido entre os eugenistas, apesar de importantes nomes como Francis Galton terem sido favoráveis à medida¹⁷. Galton faleceu em 1911 e seu sucessor, Karl Pearson, foi contrário a tal medida. Os médicos britânicos foram relutantes quanto a realizar a operação mesmo em voluntários, ou qualquer pessoa portadora de “incompetência mental”, incapaz de tomar uma decisão voluntária.¹⁸

As interpretações da eugenia foram diversas e não houve consenso entre os cientistas sobre as medidas mais eficientes para atingir o “aprimoramento” das populações nacionais. A maleabilidade da eugenia foi possível devido a duas vertentes de interpretação. A primeira delas foi a “neo-lamarckista”, que se tornou popular principalmente nos países “latinos” como França, Itália, Brasil e Argentina. Esta interpretação percebia a eugenia através das leis de Lamarck, naturalista francês do início do século XIX, defensoras da influência do ambiente nos seres vivos. A idéia de hereditariedade de Lamarck pode ser definida por dois princípios: “uso e desuso” e “herança de caracteres adquiridos”. O primeiro defendia que novos hábitos levariam a

¹⁶ ADAMS, Mark B. *The Wellborn Science; Eugenics in Germany, France, Brazil and Russia*. New York: Oxford University Press, p 36.

¹⁷ KEVLES, Daniel. *In the Name of Eugenics*, p 94.

¹⁸ KEVLES, Daniel. *In the Name of Eugenics*, p 115.

novas estruturas. O ambiente mudaria lentamente e os animais estariam expostos a novas condições climáticas e ambientais que os levariam a modificação de seus hábitos que ocasionaria na mudança de algumas estruturas físicas. Dessa forma, as espécies desenvolveriam um pelo mais longo para resistir a um frio mais intenso ou uma mandíbula mais resistente para mastigar sementes e nozes mais duras. Essa “adaptação” levaria ao aprimoramento ou atrofiamento de determinadas partes do corpo. As modificações ocorreriam de acordo com as necessidades apresentadas pelo ambiente levando ao “uso e desuso” de algum órgão desses animais. Tais modificações foram definidas como “caracteres adquiridos”, pois os indivíduos não apresentariam tal característica ao nascer e elas teriam sido adquiridas ao longo da vida. O segundo princípio propunha que estes caracteres adquiridos ao longo da vida de um organismo seriam transmitidos à prole¹⁹.

As teorias neo-lamarckianas foram interpretações posteriores às teorias de Lamarck. Segundo Mayr, houve muitas teorias sob o título de neo-lamarckismo, porém esses vários grupos de pensamento compartilharam apenas dois conceitos com a teoria de Lamarck. O primeiro deles seria a verticalidade da evolução, que consistiria num constante aprimoramento da adaptação produzindo seres “melhores” e mais bem adaptados que seus ancestrais. O segundo conceito consistia na hereditariedade dos caracteres adquiridos e modificados ao longo da vida pelas próximas gerações. Mayr destacou que o “neo-lamarckismo” incorporou um amplo e heterogêneo grupo de idéias, que engoblavam até teorias refutadas pelo próprio Lamarck. A crença na herança dos

¹⁹ GOULD, Stephen Jay. *Structure of Evolutionary Thought* Cambridge, MA, EUA: Harvard University Press, 2002, pp 175-179

caracteres adquiridos era provavelmente o único ponto comum às teorias tanto de Lamarck quanto dos neo-lamarckistas²⁰.

A outra vertente de interpretação da eugenia foi a mendeliana, que se difundiu principalmente em países como Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha, Noruega e Suécia nas primeiras décadas do século XX. As leis de Mendel foram elaboradas em 1865 por Gregor Mendel, um monge austríaco. As experiências envolveram cruzamentos entre diferentes variedades de ervilhas, que resultaram na variação de características. Num cruzamento entre ervilhas amarelas e verdes as primeiras prevaleciam sobre as segundas produzindo ervilhas amarelas ao invés de um híbrido verde-amarelado. Mendel deduziu que as ervilhas amarelas seriam dominantes e as verdes recessivas, não excluindo que o fruto desse cruzamento não tivesse características da ervilha verde. O resultado desse cruzamento era um heterozigoto que possuía característica das duas ervilhas apesar de aparentemente ser uma ervilha amarela comum. Esta ervilha teria uma grande chance de produzir semelhantes verdes caso cruzasse com uma outra ervilha heterozigota ou com uma ervilha verde (homozigota). A revolucionária teoria de Mendel fez com que os cientistas repensassem suas crenças sobre a hereditariedade e projetassem possibilidades de recessividade e dominância de várias características dos seres humanos, entre elas inúmeras doenças.

As pesquisas de Mendel foram comprovadas apenas entre vegetais e sua veracidade entre seres humanos não tinha sido aferida ainda. Os eugenistas mendelistas enxergaram na nova teoria um importante campo de conhecimento que deveria esclarecer algumas dúvidas e fornecer bases científicas para o “aprimoramento” das populações

²⁰ MAYR, Ernst. *The Growth of Biological Thought*. Cambridge, MA, EUA: University of Harvard Press, 2002, pp 526-527.

humanas. Por esta razão, muitos cientistas buscaram aplicá-la aos seres humanos como uma forma de definir os cruzamentos que deveriam ser condenados, os indivíduos que precisavam ser esterelizados e as medidas públicas a serem tomadas. A eugenia mendeliana foi mais radical porque as características dos indivíduos já estavam contidas em suas gametas e nenhuma modificação ao longo da vida poderia alterá-la. Dessa forma, o indivíduo já era condenado ao nascer, e mesmo aqueles que aparentemente não demonstravam características “deletérias” as possuíam de alguma forma em sua gameta e, por isso, não deveriam reproduzir.²¹

A vertente neo-lamarckista abria mais possibilidades de interpretação da eugenia, pois mudanças feitas no ambiente beneficiaram os indivíduos e, conseqüentemente, a sua prole. A melhora das condições sanitárias das residências ajudaria a melhorar a saúde de seus moradores e esses avanços seriam transmitidos para as próximas gerações. Alguns autores entenderam que o saneamento das habitações e a profusão da educação seriam boas medidas rumo a uma população mais “eugênica”. Estas medidas aprimorariam a população e evitariam a sua “degeneração”.

A vertente neo-lamarckista foi bem recebida por alguns intelectuais latino-americanos pela possibilidade de “aprimoramento” da população. A vertente mendelista oferecia um campo de manobra mais limitado a partir do momento em que desconsiderava a influência do ambiente nos seres vivos. As características dos indivíduos já estariam contidas nos gametas e não poderiam ser alteradas. Sendo assim, seres “degenerados” tinham maior probabilidade de gerar uma descendência de semelhante “degeneração” e esta equação não mudaria com educação ou saneamento

²¹ KEVLES, Daniel. *In the Name of eugenics*, p 44.

urbano. Por esta razão, a vertente mendelista foi mais difundida nos países em que os componentes raciais eram considerados “eugênicos” pela ciência da época.

A eugenia teve repercussão mundial e esteve sujeita a diferentes condições científicas, culturais, institucionais e políticas, sendo moldada de acordo com a realidade local. Em alguns casos, uma forte tradição católica dificultava a defesa de posições mais radicais como a esterilização e o aborto. A maioria dos cientistas de países como Brasil, Argentina e França, ainda que defendendo posições mais radicais, não o faziam de uma forma tão aberta devido à resistência de uma sociedade católica. Em outros casos, como no México, o anticlericalismo foi uma das razões pelas quais foi proposta a prática da esterilização de indivíduos considerados degenerados. Nancy Stepan destacou que a eugenia serviu como um instrumento da Revolução Mexicana, a partir do momento em que medidas como controle de casamentos e esterilização foram utilizadas para desafiar a Igreja Católica. O anticlericalismo foi uma das bandeiras dos líderes da Revolução Mexicana e as propostas eugênicas mais radicais serviram como um ato político, na medida em que afirmavam o direito de um Estado laico adotar medidas contrárias às crenças católicas²². Outro exemplo de utilização da eugenia como forma de afirmar o estado laico foi na Rússia comunista onde essa ciência foi apropriada pelo ideal pós-revolucionário, que enfatizou a ciência como uma forma de diminuir a influência da religião e melhorar a condição humana²³.

Em países imperialistas, a eugenia serviu como um discurso que respaldava a dominação de suas colônias. Países como Estados Unidos e Inglaterra utilizaram a eugenia como argumento para dominarem e governarem povos considerados

²² STEPAN, Nancy. *The hour of eugenics*. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1996, pp 128-134.

²³ ADAMS, Mark. *In the Name of Eugenics*. pp153-182.

“racialmente inferiores” e desorganizados. Essas nações foram representadas como crianças que precisavam de um povo “maduro” e eugênico para estabelecer as bases do que era correto e errado. A utilização imperialista da eugenia não se limitou a uma política de dominação sobre as colônias, mas também como uma maneira de ampliar as áreas de influência no mundo através da ciência. As associações internacionais como a “Associação Pan-Americana de Eugenia e Homicultura” e a “Federação Internacional Latina de Sociedades de Eugenia” tiveram como objetivo aumentar a influência dos Estados Unidos, no caso da primeira, e da França e Itália, no caso da segunda, entre os países latino-americanos.²⁴ A eugenia não foi apropriada apenas por nações, mas também por classes sociais num mesmo país. A África do Sul foi um bom exemplo de tal política, pois uma minoria branca se baseou em argumentos “científicos” para a manutenção de sua situação privilegiada no poder do país. Saul Dubow percebeu o movimento eugênico sul-africano como uma tentativa de estabelecer barreiras de identidades étnicas e raciais e ao mesmo tempo um delineador de camadas hierárquicas.²⁵

A maioria dos eugenistas se utilizou da respeitabilidade científica para convencer dirigentes de diversos países a encamparem suas propostas como políticas de estado, revestindo-se de um caráter autoritário. As propostas em sua maioria penetravam o universo privado dos indivíduos ao definir com quem eles deveriam se casar e se poderiam ou não ter filhos. Por esta razão a eugenia serviu, em alguns casos, como um argumento utilizado pelo Estado para adentrar na vida privada de seus cidadãos, e assim melhor controlá-los. O exemplo mais claro disso foi a Alemanha onde a eugenia foi

²⁴ Nancy Stepan mostra, no sexto capítulo de seu livro, a atuação dessas associações e como alguns cientistas latino-americanos agiram nesses congressos internacionais. STEPAN, Nancy Leys. *The hour of eugenics*, pp 171-195.

²⁵DUBOW, Saul. *Scientific racism in modern South Africa*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995, p286.

utilizada pelo regime totalitário nazista. As leis de esterilização obrigatória foram aprovadas para os portadores de algumas doenças genéticas como esquizofrenia, epilepsia, cegueira e surdez. Houve leis de casamento que proibiram a união civil entre judeus e arianos²⁶.

Intelectuais de outros países além da Alemanha utilizaram a eugenia e sua “respeitabilidade científica” para fundamentarem discursos políticos e econômicos. Exemplificamos anteriormente as apropriações feitas por cientistas mexicanos, sul-africanos, americanos, ingleses e de outras nações que se apropriaram do discurso eugênico para viabilizarem projetos políticos. Por essa razão, muitos pensadores contemporâneos classificaram a eugenia como um movimento meramente social e político. É certo que, no decorrer do caminho de sua formação como campo científico a eugenia foi utilizada em formas extremas quase estereotipadas com objetivos outros que não científicos. Entretanto, argumento que seria um imenso simplismo apresentá-la ou defini-la como uma pseudo-ciência. Todo saber científico certamente se constrói e é utilizado em condições históricas. As práticas de sua constituição são, entretanto, específicas em relação a outras formas de saber, e isso tem que ser considerado pelo historiador. A eugenia esteve presente em importantes universidades e centros de pesquisas. Cientistas respeitados e até mesmo ganhadores de Prêmio Nobel defenderam a sua aplicação. Logo, entendemos a eugenia como uma ciência do início do século XX que foi apropriada por movimentos políticos e sociais, e utilizada de acordo com as demandas locais. Esta maleabilidade é que a torna um objeto de estudo tão interessante.

²⁶ As leis de esterilização aprovadas no regime nazista já haviam sido discutidas em anos anteriores sem obterem sucesso. A “lei de prevenção genética contra doenças para a prole” foi aprovada em 14 de julho de 1933 e tornava obrigatória a esterilização de indivíduos portadores de doenças como cegueira genética, insanidade maníaca depressiva, bem como alcoólatras. A lei não trouxe nenhuma menção de esterilização baseada na raça. ADAMS, Mark. *In the Name of Eugenics*, p 43.

A eugenia prestou-se a muitas práticas e foi utilizada com intenções diversas. Cabe ao historiador da ciência, entretanto, saber que ela não se reduz a isso.

2- Brasil um país que ainda “tem jeito”

As primeiras décadas do século XX foram permeadas por relatos que demonstravam o grau de desorganização e extrema pobreza do Brasil. O Estado não estava presente no interior do país e as populações eram assoladas por doenças causadas por péssimas condições sanitárias. As principais cidades do país também sofriam com o crescimento de suas populações fruto de fluxos imigratórios. Esses novos habitantes não contavam com moradias apropriadas, o que causava doenças e mortes. Um dos primeiros relatos a mostrarem o descaso com que grande parte da população brasileira vivia foi o de Euclides da Cunha que desceveu em suas viagens a miséria do interior do país.²⁷ As elites cariocas começaram a perceber um segundo Brasil diferente da sofisticação da Rua do Ouvidor. O abandono das populações do interior brasileiro descrito pelo jornalista em missão no sertão nordestino também seria posteriormente relatado por Rondon em suas viagens pelo atual Centro-Oeste e pelos relatórios das expedições do Instituto Oswaldo Cruz.

Esses textos destacaram outros problemas do Brasil além da herança ibérica e da composição étnica da população. Os dois tópicos permaneceram em discussão entre os políticos e intelectuais brasileiros, mas outros pontos como a organização e o descaso do estado assumiram uma grande importância. O país não conhecia seu interior, algo que

²⁷ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p 119.

Rondon tentou mudar ao ser designado pelo Exército brasileiro para construir linhas de telegrafo com objetivo de conectar Cuiabá, Corumbá e cidades da fronteira do país ao restante da nação. Nesse período qualquer expedição técnica se tornava uma “missão” estratégica com pretensões nacionais. Rondon não se limitou à instalação de postes de telégrafo, mas também realizou expedições e confeccionou mapas. No intuito de levar aos rincões do país um projeto de nação conectada por uma identidade nacional.²⁸

As doenças ganharam destaque nesse debate, a partir do momento em que foram percebidas como um sério obstáculo ao desenvolvimento da nação. A malária foi apontada como uma grande vilã e, segundo estimativas, atingiu 80 a 90% dos trabalhadores da região Amazônica, sendo responsável pela morte de 30 a 40% dos seringueiros e pela incapacitação de 25% dos homens que trabalharam na Comissão Rondon²⁹. As doenças abatiam os trabalhadores e impediam a construção das ferrovias e o avanço do “progresso” rumo o sertão. As doenças contaminavam as populações sertanejas que, além de estarem debilitadas para o trabalho, também se encontravam inaptas ao serviço militar, comprometendo a segurança nacional³⁰.

O problema nacional foi parcialmente deslocado da questão racial para questões de saúde e sanitarismo. A composição da população foi um ponto discutido pelos intelectuais ao longo de toda a história do Brasil e não poderia ter sido diferente nos anos 1920. Algumas questões como quais imigrantes deveriam ingressar no país, a capacidade intelectual e organizacional das “raças” e a condenação da mestiçagem continuaram entre os tópicos de debate do pensamento social brasileiro. As teorias de Gobineau, Renan,

²⁸ DIACON, Todd A. *Stringing Together a Nation*. Durham and London: Duke University Press, 2004.

²⁹ DIACON, Todd A. *Stringing Together a Nation*, p 63.

³⁰ LIMA, Nísia Trindade & HOCHMAN, Gilberto. “Pouca saúde e muita saúva”: sanitarismo, interpretações do país e ciências sociais. In: HOCHMAN, Gilberto & ARMUS, Diego. *Cuidar, controlar, curar*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.

Agassiz e Le Bon redundaram em estereótipos e afirmações reutilizados em livros e artigos. O começo do século XX assistiu o crescente predomínio de um discurso praticamente predominante que refutava a inferioridade étnica brasileira e apresentava uma “saída” através da higiene das populações e do combate às enfermidades.

A obra de Monteiro Lobato é um bom exemplo da mudança de perspectiva trazida pelo movimento sanitarista. O autor de contos infantis retratou desolado o brasileiro que habitava o interior do Brasil. O Jeca Tatu, antes retratado como “indolente, imprevidente e parasita”, foi regenerado por Lobato após o contato com o debate sanitarista. Convencido das melhoras que o sanitarismo poderia gerar, o autor reinterpretou a condição do “sertanejo” e redimiu sua personagem. Jeca Tatu se tornou “um próspero fazendeiro, competindo com seu vizinho italiano, ultrapassando-o”, pois “modernizou sua propriedade, introduziu novas lavouras e tecnologia e aprendeu a falar inglês.”³¹ O pobre Jeca antes condenado, ridicularizado e “degenerado”, mostrava o seu valor e representava uma grande parcela da população brasileira que não conseguia desenvolver suas potencialidades devido às enfermidades. O caipira não estava somente amolecido pelo calor dos trópicos, mas debilitado pelas doenças e, quando curado seria capaz de aprender, produzir e de superar o imigrante.

A regeneração de Jeca Tatu representava o sopro de esperança vindo da higiene e do movimento sanitarista nas primeiras décadas do século XX. A nação anteriormente vista como condenada pela sua herança de miscigenação racial e desorganização estatal começou a vislumbrar uma solução viável através da ciência. A situação de precariedade apresentada pelo relatório de Arthur Neiva e Belisário Penna sobre a expedição médico-científica realizada pelo Instituto Oswaldo Cruz em 1912 teve um enorme impacto na

³¹ LIMA, Nísia Trindade & HOCHMAN, Gilberto. *Pouca saúde e muita saúva*, p 511.

intelectualidade brasileira. O relatório mostrava uma população “desconhecida, atrasada, doente, improdutivo e abandonada, e sem nenhuma identificação com a pátria.”³² Nísia Trindade e Gilberto Hochman destacaram a publicação do relatório como um dos eventos fundadores do movimento sanitário. Os outros eventos seriam os artigos publicados no jornal *Correio da Manhã* por Belisário Penna entre 1916 e 1917, mais tarde reunidos no livro *O Saneamento do Brasil*, o discurso de Miguel Pereira em 1916 que comparava o país a um grande hospital e a atuação da Liga Pró-Saneamento³³.

As críticas do movimento sanitário destacavam o sertão abandonado, isolado, doente e primitivo. O relatório de Arthur Neiva e Belisário Penna continha detalhes sobre o clima, flora e fauna, além de relatar minuciosamente as várias doenças que assolavam aquelas populações e apresentava soluções às autoridades responsáveis. Esses relatos causaram uma mobilização da sociedade que não somente debateu o tema, como tomou decisões através de políticas públicas. Os anos 1920 foram marcados pela interiorização dos serviços de saúde financiados em grande parte pelo Estado. Essas incursões tiveram o objetivo de aumentar a presença do Estado brasileiro nos mais distantes pontos do país. Foram aprovados Códigos de Saúde Rural, expedições para o sertão e postos de pesquisas avançadas no interior que também combateriam doenças. O sanitário foi discutido tanto nos periódicos de publicação diária, quanto em revistas destinadas a um grupo mais intelectualizado, como a *Revista do Brasil*.

A idéia de que o país era um grande hospital apresentava um problema mais palpável e que poderia ser resolvido com organização e trabalho. A doença era algo possível de ser tratada, pois ela não era um problema localizado na raiz de nossa

³² LIMA, Nísia Trindade & HOCHMAN, Gilberto. *Pouca saúde e muita saúde*, p 498.

³³ LIMA, Nísia Trindade & HOCHMAN, Gilberto. *Pouca saúde e muita saúde*, pp 498-499.

sociedade. Os problemas raciais, em contrapartida, sempre haviam se mostrado de solução mais complexa, pois a origem africana de parte da população criava uma aquarela diferente das nações européias e, logo, inviável. A solução não estava mais em identificar sinais físicos dos criminosos ou pesar crânios.³⁴ O movimento sanitarista não eliminou a questão racial do fórum de debate nacional, mas mostrou que os problemas do país não se limitavam à composição do seu povo.

A influência desse movimento também repercutiu na eugenia, uma ciência que tinha como objetivo o “aperfeiçoamento” do povo brasileiro. Os primeiros textos e debates sobre a eugenia coincidiram com o momento auge da discussão em torno do sanitarismo. Em 1917, o estado de São Paulo aprovou o código de saúde rural, após dois anos de batalhas no Congresso, e estendeu para o interior do estado os serviços sanitários³⁵. Em 1918, a Liga Pró-Saneamento foi fundada com o objetivo de alertar a nação quanto ao estado calamitoso do saneamento no país. Nesse mesmo ano a gripe espanhola chegou ao Brasil fazendo inúmeras vítimas e mostrando a importância de órgãos que controlassem epidemias e cuidassem da saúde da nação.

Em meio a tais acontecimentos foi fundada no Brasil a primeira organização voltada ao debate da eugenia, a Sociedade Eugênica de São Paulo. Idealizada por Renato Kehl,³⁶ a sociedade teve como patrono Arnaldo Vieira de Carvalho³⁷, diretor da Santa

³⁴ Ao longo do século XIX e XX várias teorias raciais foram formuladas na Europa e aceitas com maior ou menor frequência no Brasil. Entre elas estão a Antropologia Criminal que percebia a criminalidade como um fenômeno físico e hereditário e a craniologia, que defendia a inferioridade física e mental através da análise do crânio.

³⁵ Santos, Luiz Antônio de Castro. Poder, ideologia e saúde no Brasil da Primeira República: um ensaio de sociologia histórica. In: LIMA, Nísia Trindade & HOCHMAN, Gilberto. *Cuidar, controlar, curar*, p 262.

³⁶ Renato Kehl era formado em Farmácia pela Faculdade de Farmácia de São Paulo e resolveu estudar medicina na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1910. Nesta instituição teve contato com as idéias de Galton e estabeleceu contato com importantes membros do movimento sanitarista. Kehl retornou a São Paulo depois de sua graduação e iniciou o movimento eugênico na capital paulista. SOUZA, Vanderlei. *A política biológica como projeto: a "eugenia negativa" e a construção da nacionalidade na*

Casa de Misericórdia de São Paulo, e contou com cerca de 140 membros associados. Vários nomes conhecidos da época como Fernando Azevedo, Rubião Meira, Arthur Neiva, Vital Brasil e Clemente Ferreira foram membros. A sociedade não era composta apenas por médicos, mas também por profissionais da área biológica, advogados e por qualquer pessoa que tivesse interesse no assunto³⁸. Muitos de seus membros também estiveram associados à Liga Pró-Saneamento. A Sociedade pretendia publicar trabalhos sobre o tema no periódico “Annaes de Eugenia”, manter um bureau de informação para distribuição de folhetos e posteriormente organizar uma biblioteca e um laboratório de pesquisa eugênica.³⁹

A sociedade teve vida curta e perdeu importância com a morte de Arnaldo Vieira de Carvalho e a mudança de Renato Kehl para o Rio de Janeiro. Apesar do desmantelamento da associação, o movimento eugênico continuou a existir com a publicação de textos, propostas e congressos. Os principais temas debatidos foram os casamentos consangüíneos, educação física, esterilização, alcoolismo, higiene, educação, exames pré-nupciais, higiene mental e imigração. Outros autores importantes no meio intelectual como Afrânio Peixoto, Clemente Ferreira, Gustavo Reidel e Roquette Pinto escreveram sobre a eugenia. O movimento envolveu a intelectualidade da época e repercutiu em periódicos regulares e revistas voltadas para um público mais engajado como a Revista do Brasil. Esta publicação contou com os nomes mais representativos da época e teve uma longevidade rara para as publicações do tipo. A eugenia esteve presente

trajetória de Renato Kehl. Dissertação de Mestrado - Casa de Oswaldo Cruz/FIOCRUZ. Rio de Janeiro: 2006, pp 67-72.

³⁷ Arnaldo Vieira de Carvalho formou-se em medicina pela Faculdade Medicina do Rio de Janeiro em 1889. Foi um dos fundadores da Faculdade de Medicina de São Paulo em 1913 e a dirigiu até sua morte em 1920. SOUZA, Vanderlei. *A política biológica como projeto*, p 32.

³⁸ KEHL, Renato. *A Eugenia no Brasil: esboço histórico e bibliográfico*. Primeiro Congresso de Eugenia. Rio de Janeiro, 1929, vol 1, pp 45-62

³⁹ Estatutos da Sociedade Eugênica de São Paulo. (Recorte avulso, Fundo Renato Kehl COC/Fiocruz)

em alguns artigos e nas discussões a respeito da formação da “raça brasileira” ou na necessidade de “sanear” o país.⁴⁰

A correlação quase que automática entre eugenia e sanitarismo no final dos anos 1920 fez com que, num primeiro momento, a primeira agisse como um desdobramento do segundo. As duas áreas compartilhavam, aparentemente, “uma mesma linguagem, parecendo derivar de um mesmo conhecimento científico.”⁴¹ Kehl chegou a afirmar que “sanear equivale a praticar a eugenia preventiva, cujos fins são a defesa da raça contra os fatores de degeneração (tuberculose, sífilis, paludismo, verminoses).”⁴² Kehl se correspondeu com importantes membros do movimento sanitário como Belisário Penna e Monteiro Lobato, estabelecendo com eles uma amizade. Essas “redes de contato” serviram para abrir as portas das principais instituições e periódicos para a eugenia. Segundo Vanderlei Souza, o movimento foi celebrado pelos principais jornais paulistanos e cariocas que conclamaram a fundação da Sociedade Eugênica de São Paulo através de anúncios, comentários e notas.⁴³

O espaço conseguido pela eugenia na imprensa atraiu adeptos das mais variadas áreas de pensamento como sanitarismo, psiquiatria, medicina legal, antropologia, biologia, veterinária entre outras. Como afirmou Souza, a eugenia poderia ser definida como uma ciência “polimorfa”, a partir do momento em que outros campos de conhecimento a constituíram. Dessa forma, a eugenia teria se confundido com o próprio

⁴⁰ LUCA, Tânia Regina. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para (N)ação*. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

⁴¹ SOUZA, Vanderlei. *A política biológica como projeto*, p 43.

⁴² KEHL, Renato. *Los problemas de La degeneración de las razas*. In: Buenos Aires: *La Semana Médica* 14 out 1920, p 530.

⁴³ SOUZA, Vanderlei. *A política biológica como projeto*, p 33.

pensamento social, moral e político brasileiro.⁴⁴ Dentro desse movimento polimorfo, Renato Kehl procurou estabelecer-se como o principal expoente da ciência no país.

Entre as muitas áreas em que transitou, a higiene mental foi a que melhor acolheu a eugenia através das publicações, das conferências e reuniões da Liga Brasileira de Higiene Mental. Essa instituição era “composta por psiquiatras, aparentemente progressistas, que se propunham a realizar um programa preventivo de saúde mental, investigando os problemas sociais e se imiscuindo no cotidiano da população.”⁴⁵ A eugenia figurou como tema desde a fundação da Liga em 1922, e conquistou mais espaço com a entrada de Renato Kehl em 1925. Um dentre os objetivos de seus fundadores era tratar de maneira mais humanizada os pacientes dos manicômios e implantar medidas preventivas para evitar o aumento do número de “doentes mentais”. O combate ao alcoolismo esteve entre as medidas preventivas.

O apoio da Liga Brasileira de Higiene Mental ao movimento eugênico foi muito importante e possibilitou a divulgação da eugenia principalmente no final dos anos 1920 e primeiros anos da década de 1930. Esse suporte foi crucial para a viabilização de alguns projetos de Renato Kehl que encontrava cada vez mais oposição para a realização de uma agenda eugênica mais radical. Segundo Vanderlei de Souza, a viagem à Alemanha realizada por Kehl em 1928 foi crucial para a modificação de seu conceito de eugenia, que se tornou mais radical e restrito alinhado aos pensadores europeus. Kehl criou o *Boletim de Eugenia*, primeira publicação do gênero no Brasil, que circulou entre os anos 1929 e 1931 com recursos próprios e doações de defensores da causa. Este periódico era composto por “pequenos artigos científicos, resenhas, notas e indicações de livros sobre

⁴⁴ SOUZA, Vanderlei. *A política biológica como projeto*, p 82.

⁴⁵ OLIVEIRA, Letícia Fagundes. *A cruzada eugênica no Brasil: eugenia e sexualidade nas décadas de 20 e 30*. Dissertação de Mestrado, São Paulo, USP, 2003.

eugenia, avisos e orientações sobre o movimento eugênico no Brasil e no mundo”.⁴⁶ A linguagem dos textos era bem clara e acessível a um grande número de leitores. De acordo com Souza, a posição mais radical de Kehl pode ser percebida nas páginas do Boletim, no seu discurso no Primeiro Congresso de Eugenia e nos demais artigos veiculados na imprensa. O mesmo grupo de médicos e intelectuais liderados por Renato Kehl fundou a Comissão Central Brasileira de Eugenia em 1931.

3 – Imigrantes: como abrigá-los, controlá-los e torná-los argentinos

A Argentina passou por uma difícil consolidação de seu Estado nacional durante boa parte do século XIX. Os intelectuais da geração de 1880 formataram um projeto de nação que incluía a atração de imigrantes, o combate ao analfabetismo, a conquista das áreas mais remotas do país e exportação de carne, trigo e outros produtos agrícolas para a Europa. Os anos de prosperidade econômica iniciados em 1880 se estenderam ao longo das primeiras décadas do século XX. A Argentina se configurava como a grande potência latino-americana com uma economia agro-exportadora. Em 1914, o país era responsável pela metade da capacidade econômica e pela terça parte do comércio externo de toda a América Latina⁴⁷. Em 1909, o comércio exterior *per capita* era seis vezes maior do que o do Brasil e superior a qualquer outro país da América Latina. A riqueza trazida pelas exportações também se refletiu nos índices sociais. A taxa de analfabetismo despencou de 50% da população em 1900 para 25% em 1930, contra 60% no Brasil em 1930. A

⁴⁶ SOUZA, Vanderlei. *A política biológica como projeto*, p 131.

⁴⁷ ITAUSSU, Leonel. *Argentina e Brasil; a balança de poder no Cone Sul*. São Paulo: Anablume, 1996, p 14.

expectativa de vida ao nascer era de 39 anos em 1900, 53 anos em 1930, enquanto que no Brasil em 1930 era de 34 anos. O PIB *per capita* da Argentina se comparava ao da Alemanha e dos Países Baixos, estando à frente de outros países europeus como Espanha, Itália, Suíça e Suécia.⁴⁸

O PIB argentino apresentou um crescimento anual médio de pelo menos 5% no período de 1860 a 1914. O sucesso econômico só foi possível graças ao grande número de imigrantes que chegaram ao país ao longo dos séculos XIX e XX. A população cresceu de 1,7 milhões de habitantes em 1869 para 7,9 milhões de habitantes em 1914⁴⁹. Em 1914, a população argentina era composta por 30% de estrangeiros, o dobro dos Estados Unidos, e em cidades do litoral essa proporção subia para 60 ou até mesmo 70%⁵⁰. Buenos Aires concentrou grande parte desses imigrantes crescendo de 660.000 habitantes em 1895 para 1.570.000 habitantes em 1914, apresentando uma taxa de crescimento demográfico de 5,8% ao ano no período entre 1904 e 1909, a segunda maior do mundo ocidental, atrás apenas de Hamburgo⁵¹.

As rápidas transformações econômicas, populacionais e sociais trouxeram novos desafios para a Argentina. A imigração em massa, urbanização e industrialização que transformaram o país fizeram da “questão social” um tema recorrente na virada do século XX. Surgiram problemas nas áreas “de habitação, sanitarismo, saúde pública, aumento da criminalidade urbana, protesto operário e o surgimento de novas correntes ideológicas

⁴⁸ FAUSTO, Boris & DEVOTO, Fernando. *Brasil e Argentina: um ensaio de história comparada*. São Paulo: Ed 34, pp 152-153.

⁴⁹ SKIDMORE, Thomas & SMITH, Peter. *Modern latin-america*, New York: Oxford University Press, 1997, p 73.

⁵⁰ DEVOTO, Fernando. Imigração européia e identidade nacional nas imagens das elites argentinas (1850-1924). In: FAUSTO, Boris. *Fazer a América*. São Paulo: EDUSP, 2000, p 33.

⁵¹ ZIMMERMAN, Eduardo. *Los liberales reformistas; La cuestión social en la Argentina, 1890-1916*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1995, p 12.

que desafiavam a validade das instituições políticas e econômicas vigentes.”⁵² Os dirigentes queriam saber como acomodar milhões de imigrantes ou melhor como manter as condições sanitárias e a segurança numa cidade que cresceu 2,5 vezes o seu tamanho em 30 anos.

A higiene e o sanitarismo se tornaram temas importantes nas primeiras décadas do século XX, como uma forma da Argentina desenvolver as suas potencialidades como nação e se equiparar às “suas irmãs européias”. As condições sanitárias haviam apresentado melhoras consideráveis. A taxa de mortalidade para cada mil pessoas caiu de 22.98 na década de 1889-1898 para 15.2 em 1908, taxa comparável às principais cidades do mundo: Berlim, 14.8; Londres, 15.1; Nova York 18.6, Paris 18.6. A taxa de mortalidade por enfermidades infecciosas caiu para um quarto, de 1869 a 1908.”⁵³ O governo continuou a investir na construção de hospitais, hospícios e na criação da *Asistencia Pública de Buenos Aires*. Esta instituição tinha como objetivo combater as enfermidades “pestilentas” presentes nos centros urbanos em desenvolvimento e que poderiam comprometer os projetos políticos dessas elites⁵⁴. Esses bons índices serviram como propaganda do governo, dentro e fora do país, para a atração de imigrantes.

O sanitarismo teve uma grande repercussão na Argentina e não ficou restrito aos médicos e higienistas. Os movimentos operários, anarquistas e socialistas também discutiram o tema. Esses movimentos viam a higiene como um assunto importante, mas não como o principal alvo de suas reivindicações. Os socialistas argentinos reivindicaram a melhora das condições da higiene do proletariado a partir da obtenção da salubridade da

⁵² ZIMMERMAN, Eduardo. *Los liberales reformistas*, p 12.

⁵³ ZIMMERMAN, Eduardo. *Los liberales reformistas*, p 102

⁵⁴ ÁLVAREZ, Adriana. Ramos Mejía: Salud Pública y multitud en la Argentina finisecular. In: LOBATO, Mirta Zaida (Org) *Política, médicos y enfermedades*. Buenos Aires Biblos: 1996, p 85.

moradia. Esses movimentos contavam com muitos membros médicos que defendiam em seus textos a saúde do trabalhador, a higiene e profilaxia sexual, o combate ao alcoolismo, promoção da higiene infantil, controle da prostituição e saneamento das moradias.⁵⁵ Alguns anarquistas destacavam a tuberculose como conseqüência do desenvolvimento do capitalismo. Ela seria a “negação de um direito natural a saúde e a uma existência plena (...) a evidência de uma infidelidade à harmonia natural das coisas e a vida em sociedade.” A tuberculose serviu para eles como uma metáfora do capitalismo e sua cura seria a “revolução social”.⁵⁶

Podemos perceber a importância que condições higiênicas das moradias assumiram nos discursos de políticos, médicos, intelectuais e líderes sindicais. As cidades cresciam em ritmo impressionante, o que causou problemas de habitação, principalmente em Buenos Aires. O recém-chegado imigrante normalmente morava em *conventillos*, alojamento precário e barato geralmente perto do centro, em conjunto com outras famílias. No final dos anos 1910, o trabalhador argentino gastava em média 35% do seu salário em aluguéis dos *conventillos*, o que representava mais que o dobro do que um trabalhador pagava em Hamburgo e Liverpool. Esse tipo de moradia preocupou não só os líderes sindicais, mas também os dirigentes do país e a Igreja Católica. Acreditava-se que os *conventillos* causavam a “degradação” física e moral devido às péssimas condições higiênicas e a proximidade das famílias. Em 1917, foi criada a Comissão Nacional de Casas Baratas, que tinha como objetivo elaborar em políticas de moradias⁵⁷.

⁵⁵ BARRANCOS, Dora. Socialismo, higiene y profilaxis sexual, 1900-1930. In: LOBATO, Maria Zaida. *Política, médicos y enfermedades*, p 120.

⁵⁶ ARMUS, Diego. Salud y Anarquismo. In: LOBATO, Mirta Zaida. *Políticos, médicos y enfermedades*, p 96

⁵⁷ RIGOTTI, Ana María. La ciudad y la vivienda como ámbitos de la política y la práctica profesional. In: FALCÓN, Ricardo. *Democracia, conflicto social y renovación de ideas (1916-1930)*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2000, pp 296-299.

A imigração trouxe muito mais do que força de trabalho à Argentina, com ela vieram idéias e teorias debatidas na Europa. Vários anarquistas e socialistas desembarcaram nos portos argentinos entre os milhares de italianos, espanhóis, franceses, alemães e outros tantos grupos étnicos que migraram para o país. Esses imigrantes com novas idéias ajudaram a formar organizações sindicais importantes como a *Federación Obrera Regional Argentina* (FORA), de orientação anarquista, e a *Federación Obrera Marítima* (FOM). O movimento dos trabalhadores teve um grau de organização maior na Argentina do que no Brasil. A capacidade de mobilização na Argentina criou eventos sem paralelo no Brasil como a greve de inquilinos (1907), na qual eles se recusaram a pagar os aluguéis como uma forma de protestar contra os aumentos. O movimento organizado por socialistas e anarquistas teve âmbito nacional ao mobilizar não só os inquilinos de Buenos Aires, mas os de Rosário e Bahía Blanca.⁵⁸

As greves ocorreram com certa frequência na Argentina, mas poucas tiveram a repercussão da greve dos metalúrgicos da indústria portenha de Vasena. No dia 7 de janeiro de 1919, grevistas acompanhados de seus familiares tentavam convencer os trabalhadores a paralisarem suas atividades. Revoltados pela inutilidade de seus apelos, o grupo começou a apedrejar os carros que transportavam os trabalhadores não grevistas. A polícia respondeu ao ataque com tiros que mataram quatro pessoas e feriram trinta, dos quais alguns morreriam depois de um tempo. A FORA organizou uma greve geral para o dia 9, que produziu choques armados com policiais. O pior deles foi a repressão com tiros que atingiu o cortejo que acompanhava os corpos das vítimas do dia 7. Esses dois eventos geraram choques que duraram quase uma semana. A Semana Trágica, como ficou

⁵⁸ FAUSTO, Boris & DEVOTO, Fernando. *Brasil e Argentina*, p 187.

conhecida, foi um dos episódios mais sangrentos da história argentina e assustou as elites, que temiam o poder de uma massa de trabalhadores organizados⁵⁹.

A parte mais à direita da elite se mobilizou e criou a *Liga Patriótica*, que teve uma atuação importante no fechamento dos protestos através da força. Ela organizou as “*guardias cívicas*” que durante a “Semana Trágica” perseguiram anarquistas e judeus, diminuindo o poder de organização desses movimentos. A Liga saiu fortalecida do evento e adquiriu um papel mais complexo como uma tropa de choque e uma força de pressão política das elites que não acreditavam na capacidade do governo radical, recém empossado, de combater as massas. A Liga assumiu o discurso de “movimento patriótico” defensor da sociedade civil ante o “perigo vermelho”.⁶⁰

As críticas ao governo e ao projeto da Geração de 1880⁶¹ ficaram cada vez mais evidentes ao longo das primeiras décadas do século XX. A *Liga Patriótica* questionava a liberdade de protesto dos movimentos operários em sua maioria liderados por imigrantes. O barulho promovido por esses novos membros da nação argentina fez com que alguns intelectuais revissem as matrizes identitárias da nação argentina. As críticas ao projeto de nação desenhado pela Geração de 1880 foram parciais e limitadas a partir do momento em que não questionavam o modelo agroexportador e nem forneciam alternativas estruturais. A aproximação do primeiro centenário da independência argentina forneceu um espaço intelectual para a divulgação dessas idéias. Os anos 1920 foram tomados por um fenômeno de renovação intelectual no campo filosófico, político e cultural. Ricardo

⁵⁹ FALCÓN, Ricardo & MONSERRAT, Alejandra. Estado, empresas, trabajadores y sindicatos. In: FALCON, Ricardo. *Democracia, conflicto social y renovación de ideas*, pp 166-167.

⁶⁰ FALCÓN, Ricardo & MONSERRAT, Alejandra. *Democracia, conflicto social y renovación de ideas*, p 169.

⁶¹ A Geração de 80 foi um grupo político que se estabeleceu na presidência argentina em 1880 com o General Roca e permaneceu até 1916. Este grupo de intelectuais com orientação positivista estabeleceu um modelo agroexportador, estreitamente ligado ao mercado inglês, sustentado pela imigração em massa.

Falcón destacou os debates de relevância que circularam nos círculos intelectuais do país nos anos posteriores ao Centenário⁶².

Um deles ocorreu por uma “reação antipositivista” que foi tomada por várias tendências ideológicas. Esta “reação” era composta por um grupo heterogêneo de idéias cujo único ponto comum era a crítica ao positivismo. Alguns grupos viam na crítica ao positivismo ou ao liberalismo argentino como uma forma de alargar a democracia e diminuir a desigualdade. Ao mesmo tempo havia aqueles que percebiam nessa crítica a possibilidade de questionar os aspectos progressistas como a sanção da lei Sáenz Peña que decretava o sufrágio universal masculino.⁶³

Entre os diversos grupos de idéias destacaremos o “nacionalismo tradicionalista telúrico” composto por aristocratas de províncias periféricas que ficaram a parte do sucesso econômico argentino. As três principais figuras foram Ricardo Rojas, Manuel Galvéz e Leopoldo Lugones. Eles escreveram uma literatura que descrevia as paisagens e os costumes locais como oposição ao mercantilismo e à perda dos princípios éticos de Buenos Aires. Esses autores procuravam encontrar o “espírito do povo” que havia sido diluído pelos erros da “Geração de 80”. Galvéz encontrou essa essência no “hispanismo” e Rojas no indianismo. Essa valorização da cultura interna não ocorreu apenas na Argentina mas em outros países da América Latina por movimentos que valorizavam as características nacionais. No Uruguai, José Enrique Rodó foi o precursor desse movimento de revalorização do hispano desde o século XIX. No Brasil, o movimento

⁶² FALCÓN, Ricardo. Militantes, intelectuales e idéias políticas. In: FALCÓN, Ricardo. *Democracia, conflicto social y renovación de ideas (1916-1930)*, p 325.

⁶³ A lei Saenz Peña introduziu o voto universal e secreto, estabelecendo o sufrágio universal masculino FALCÓN, Ricardo. Militantes, intelectuales e idéias políticas, p 327.

antropofágico também propunha uma valorização do que era produzido dentro do país que deveria enxergar o que vinha “de fora”, digeri-lo e depois aplicar à nossa realidade.

A valorização das “raízes argentinas” significava repensar o papel que os imigrantes teriam na nação. Rojas não se opunha à entrada de imigrantes, mas acreditava na necessidade de integrá-los a uma cultura nacional que seria forjada via educação, História e Língua. Galvéz destacou o valor da “alma argentina”, hispânica e católica, que residiria nas províncias e não na capital “afrancesada, artificial, retórica, aristocrática e civilizada”. Lugones consagrou o gaúcho como o verdadeiro arquétipo nacional, um tipo de trabalhador rural já extinto, mas que forneceria um modelo de vida moral e social às massas urbanas que desfrutavam de características culturais diferentes. Os três autores forneceram novos pilares para o nacionalismo argentino, um movimento que valorizava a herança hispânica, o catolicismo, o índio, enfim, os valores “originais” das antigas colônias rurais que se contrapunham à nação urbana.⁶⁴

A eugenia começou a ser discutida na Argentina no momento em que o país valorizava suas “raízes” e repensava o imigrante e sua assimilação. Outros problemas do período também estiveram presentes nos textos do movimento eugênico argentino. Victor Delfino, um dos principais nomes do movimento no país, escreveu seu primeiro texto sobre higiene e proletariado em abril de 1919, três meses depois da “Semana Trágica”. Ele propunha um programa de higiene que abrangesse o proletariado e que criasse um trabalhador saudável e consciente das leis de higiene. Esse programa compreenderia a

⁶⁴FALCÓN, Ricardo. *Democracia, conflicto social y renovación de ideas*, pp 332-336.

higiene individual e das moradias dos trabalhadores.⁶⁵ Essa era uma forma da ciência controlar o trabalhador na sua vida pública e privada, garantindo a “tranquilidade”.

Victor Delfino foi o principal defensor e propagandista da eugenia na Argentina ao longo dos anos 1910 e 1920. Ele nasceu em Buenos Aires em 1883 e morreu na mesma cidade em 1941. Estudou Ciências Naturais, Física e Matemática no *Observatorio de la Universidad de la Plata* antes de se interessar por Medicina Social, Higiene Pública e Eugenia⁶⁶. O seu primeiro livro publicado foi *Las rutas del infinito* e mostrava algumas observações sobre astronomia. Delfino demonstrou interesse por diversos temas e publicou artigos sobre antropologia, biologia, botânica, criminologia, eugenia, física, fisiologia, hidrologia, higiene, neuropatologia, psicologia e química. A maior parte desses artigos foi publicadas no periódico *La Semana Médica*, no qual participou do Comitê Executivo entre 1912 e 1926, quando assumiu a direção de outra revista médica, *La Medicina Argentina*. Delfino participou de várias organizações internacionais que abordavam os muitos campos de interesse. Foi vice-presidente do Segundo Congresso de Eugenia realizado em 1921 e membro da Comissão Permanente de Eugenia com sede em Bruxelas. Em 1920, Delfino se tornou diretor do *Instituto Tutelar de Menores* e secretário da *Comisión Asesora de Hospitales y Asilos* em 1926.

Victor Delfino participou do Primeiro Congresso de Eugenia em 1912 e escreveu um dos primeiros textos sobre o tema ao retornar à Argentina⁶⁷. Ele idealizou e fundou a *Sociedad Eugénica Argentina* em 1918, com o objetivo de “melhorar a raça argentina”

⁶⁵ DELFINO, Victor. *Higiene y proletariado*. In: Buenos Aires: *La Semana Médica*. Buenos Aires. 17/4/1919, pp 407-409.

⁶⁶ MIRANDA, Marisa & VALLEJO, Gustavo. *La idea de “la buena raza” em la Argentina*. In: *Todo es História*, número 425, p 61.

⁶⁷ Victor Delfino foi o único médico latino-americano a participar do Primeiro Congresso de Eugenia. Em seu texto ele apresenta os temas tratados no congresso e os objetivos da eugenia. DELFINO, Victor. *Una nueva ciencia. El Congreso de Londres*. Buenos Aires: *La Semana Médica*, 5/12/1912.

através de uma severa lei de imigração que evitasse a entrada de criminosos, enfermos e velhos.⁶⁸ A organização contou com a participação de médicos importantes como Gregório Araoz Alfaro, Carlos Robertson Lavalle e o higienista Emilio R. Coni. O movimento eugênico argentino apresentou sutis diferenças em relação a Europa sobre quais medidas deveriam ser tomadas para que a “eugenização” da sociedade fosse obtida. Apesar das diferenças, temas como a esterilização ou a castração foram desconsiderados por quase todos os presentes. Gregório Araoz Alfaro, por exemplo, não era totalmente contrário a essa medidas, mas admitiu que tais propostas causariam uma grande oposição da Igreja Católica.⁶⁹ Naquela ocasião grande parte das discussões sobre eugenia se limitaram à imigração e a propostas de projetos para regulamentá-la.

4- Eugenia e os estreitos laços científicos entre Brasil e Argentina

Os médicos de diversos países latino-americanos buscaram, no final do século XIX e início do XX, integrar a medicina da região. Marta de Almeida ressaltou que os congressos médicos foram uma estratégia de integração da medicina e políticas públicas no continente que ajudassem o controle de doenças entre as nações fronteiriças⁷⁰. A autora destacou a aproximação entre os médicos de Brasil e Argentina. Os médicos das duas nações publicaram artigos em periódicos do país vizinho, leram essas publicações e

⁶⁸ *Sociedad Eugénica Argentina*. Buenos Aires: *La Semana Médica*. 27/03/1919, p 328.

⁶⁹ PALMA, Hector. “*Gobernar es seleccionar*”; *apuntes sobre la eugenesia*. Buenos Aires: Jorge Baudino Ediciones, 2002, pp 112-113.

⁷⁰ ALMEIDA, Marta. *Das Cordilheiras dos Andes à Isla de Cuba, passando pelo Brasil: Os Congressos Médicos Latino-Americanos e Brasileiros (1888-1929)*. Tese de doutoramento USP: São Paulo, 2003, pp 317-318.

realizaram caravanas para divulgar seus trabalhos. Existem inúmeras menções de acontecimentos ocorridos no Brasil em jornais médicos argentinos e vice-versa.

A Academia Nacional de Medicina do Rio de Janeiro contou com muitos médicos argentinos como membros honorários e correspondentes. Em 1919, os membros honorários estrangeiros eram 53, originários de dez países, sendo 30 deles eram franceses. Os argentinos representavam o segundo maior grupo com seis componentes, à frente de Uruguai (4), Itália(3), Portugal(3) e Alemanha(2). Entre os membros correspondentes estrangeiros, a nação platina possuía 12 representantes, o segundo maior contingente, atrás mais uma vez da França com 17.⁷¹

O periódico argentino *La Semana Médica* foi importante veículo do contato científico com o Brasil. Encontramos a coleção quase completa do periódico na Fundação Ezequiel Dias (FUNED) em Belo Horizonte, desde a primeira década do século XX até os anos 1940, com exceção de exemplares da época da Segunda Guerra Mundial, de 1914 a 1917. Alguns dos exemplares continham grifos, o que nos faz acreditar que esses jornais foram lidos pelos médicos mineiros fazendo parte do debate acadêmico da época. A FUNED funcionava na época como a biblioteca médica da capital mineira, tendo em vista que a Escola de Medicina da UFMG só surgiria alguns anos após o estabelecimento da Fundação Ezequiel Dias, braço do Instituto Oswaldo Cruz em Minas Gerais. Esses médicos estavam em contato com a realidade da medicina em Buenos Aires e com os avanços científicos, observações, conclusões, planejamentos e dilemas de seus colegas portenhos. Podemos crer que, de uma certa forma, *La Semana Médica* serviu como uma ponte entre as academias dos dois países.

⁷¹ Boletim da Academia Nacional de Medicina. Rio de Janeiro 29/12/1919.

O intercâmbio entre doutores argentinos e brasileiros esteve presente nas páginas do periódico. No período entre 1918 e 1926, o Brasil foi mencionado 115 vezes, sendo 51 notas informativas, 36 referências bibliográficas, 20 textos científicos e 8 citações ou textos de argentinos sobre o Brasil. Entre as publicações científicas destacam-se nomes importantes como: Belisário Penna(1), Alfredo da Matta(2), Antônio Austregésilo(3), Renato Kehl(5) e Clemente Ferreira(3). Outros médicos, como Aloysio Castro, também foram lembrados principalmente devido a suas visitas a Buenos Aires. As notas informativas foram variadas e serviram para anunciar a chegada de um médico brasileiro, saudar avanços da eugenia no Brasil, arrecadar fundos para a construção do monumento para Oswaldo Cruz no Rio, relatar os acontecimentos científicos, como a realização de congressos, ou revelar as impressões de viagem de médicos argentinos ao Brasil.

Oswaldo Cruz foi talvez o médico brasileiro mais respeitado pela academia argentina. Ele foi tratado como uma estrela pelos médicos daquele país, que se prontificaram a arrecadar recursos para a construção de um monumento em sua homenagem no Rio de Janeiro. Alguns nomes argentinos importantes, como Genaro Sisto, Gregório Araoz Alfaro, Enrique Zárate, Carlos Robertson Lavalle, Bernardo Houssay e Emilio R. Coni fizeram doações pessoais para o monumento. Houve também doações de organizações como o Jockey Club de Buenos Aires, Prefeitura de Buenos Aires, Universidade de Buenos Aires e do Ministério de Relações Exteriores. As doações também vieram de instituições de outras partes do país, como os Círculos Médico de Córdoba e de Rosário. A quantia arrecadada atingiu o valor de 10 contos e 500 mil reis. A comissão pró-monumento Oswaldo Cruz no Rio de Janeiro contava com tesoureiro e recebeu apoio do jornal “*La Nación*” e do Governo Nacional. Esta comissão convidou

outras faculdades de medicina latino-americanas para participarem do movimento e algumas delas, como a de Santiago (Chile), Montevideu e Assunção, já teriam aderido. As doações levavam “o sentimento de alta admiração de um americano que honramos e a arraigada admiração pela grande nação amiga”⁷². O esforço em levantar fundos mostra o prestígio do médico, bem como o contato das duas academias. Os diversos órgãos oficiais se envolveram nessa campanha. A morte de Oswaldo Cruz foi lamentada por periódicos da “grande imprensa” e médicos.

Outros médicos brasileiros, além de Oswaldo Cruz, eram respeitados por seus colegas argentinos e receberam honras quando visitaram o país. Essas viagens normalmente incluíam visitas a centros médicos, instituições de ensino e organizações como a Academia Nacional de Medicina. Antônio Austregésilo, por exemplo, visitou o Hospício das Mercedes acompanhado de nomes ilustres da medicina argentina como Dr. Cabred e Victor Delfino. Além de conhecer as dependências do hospício, ele realizou uma conferência, em parte publicada no jornal *La Semana Médica*, e palestras na Faculdade de Medicina de Buenos Aires. O periódico louvou a visita, que demonstraria “que o intercâmbio afetivo e de idéias entre ambos os países se intensifica cada vez mais (...) ondas de afeto profundo, marcadas por Azevedo Sodré Peixoto, Fajardo y Seidl, seguidas por Oswaldo Cruz, Chagas, Juliano Moreira, Hernanin López, Neiva, Lobo e Fonseca em suas visitas”. Segundo o jornal, a Argentina também fazia a sua parte, “retribuindo com igual sinceridade nos Congressos Médicos, e com delegações particulares, estas visitas tão eficazes para a estreita vinculação dos dois povos amigos”⁷³.

⁷² O periódico *La Semana Médica* traz inúmeras notas sobre a arrecadação de fundos para a construção do monumento, um acompanhamento regular das pessoas e organizações que aderiam ao movimento. *Monumento Oswaldo Cruz*. Buenos Aires: *La Semana Médica*. 12/9/1918, p 364.

⁷³ *En el Hospicio de las Mercedes*. Buenos Aires: *La Semana Médica*. 19/9/1918, p 387.

Essas visitas mostram um lado pragmático no qual o visitante aprendia novas técnicas e práticas com os seus colegas. Nessas palestras certamente ocorreram debates em que experiências desenvolvidas no Brasil eram compartilhadas com uma platéia argentina.

Em uma carta publicada no *La Semana Médica*, Antônio Austregésilo relatou suas impressões de viagem à Argentina e Uruguai. Austregésilo descreveu com poetismo o “ruidoso progresso” que ocorria em Buenos Aires. Para o médico, a cidade já possuía uma “árvore das ciências médicas vigorosa e verdejante”, da qual já estava colhendo saudáveis frutos. A vida universitária no país seria como uma colméia com três mil estudantes dispostos a escutar as noções modernas dos grandes professores. Austregésilo descreveu os vários lugares que visitou e louvou o trabalho que estava sendo feito pelos argentinos. Entre as instituições visitadas estavam a “Colônia Open-Door” para alienados, o Instituto Modelo de Clínica Médica, o “Hospital de los Niños”, a Casa de Expósitos que também se dedicava às crianças, e os “vastos, belos e higiênicos” hospitais Alvear, Rivadavia, Rawson e Duran. Todas as instituições visitadas foram destacadas por sua eficácia e higiene, sendo muitas vezes comparadas a organizações semelhantes na Alemanha e nos Estados Unidos⁷⁴. Nesse caso, Austregésilo voltou, não apenas com estórias, mas com uma noção de práticas e procedimentos médicos realizados por seus colegas platinos. Tais experiências foram, de alguma forma, aplicadas no Brasil, o que nos faz crer que o intercâmbio não esteve restrito ao campo das idéias.

Alguns médicos brasileiros assumiram cargos importantes na Argentina, como foi o caso de Arthur Neiva. Em 1915, ele aceitou o convite para assumir o Instituto Bacteriológico de Buenos Aires com a função de organizar e dirigir a Seção de Zoologia

⁷⁴ *Impresiones del Prof. Austregésilo, de su viaje a la Argentina y el Uruguay*. Buenos Aires: *La Semana Médica*. 2/1/1919, p 26.

e Parasitologia. Neiva permaneceu por mais de um ano na Argentina, onde foi o primeiro a identificar um tipo da leishmaniose tegumentar americana no altiplano argentino-boliviano. Este trabalho foi publicado pela Revista da Universidade de Buenos Aires e foi publicado, em 1916, no Primeiro Congresso Americano de Ciências Sociais.⁷⁵ A sua descoberta foi de grande valia para a Academia Argentina e demonstra resultados concretos produzidos pelo trânsito de cientistas das duas nações. Novos olhares e conceitos auxiliaram no “desenvolvimento científico” dos dois países. Os laços estabelecidos durante sua estadia em Buenos Aires permaneceram fortes após a sua volta ao Brasil. Ao longo de toda a sua vida, Neiva se correspondeu com seus colegas argentinos. Essa correspondência provavelmente ajudou a manter uma proximidade científica e afetiva entre os cientistas dos dois lados da fronteira, resultando na troca de correspondências, alunos, experiências e informações, que certamente propiciaram mudanças em práticas bem ou mal sucedidas no outro lado da fronteira.

Os argentinos também realizaram visitas ao Brasil, que acreditamos em menor número devido às poucas notas a respeito nos periódicos analisados. Uma das visitas relatadas ocorreu em junho de 1917, quando uma comitiva com os mais importantes médicos do país embarcou para o Rio de Janeiro com a intenção de retribuir as visitas realizadas por seus colegas de profissão. Na bagagem, eles carregavam alguns presentes, entre eles uma placa de bronze feita em homenagem a Oswaldo Cruz. Na placa havia três mulheres que representavam a ciência médica argentina, a humanidade e a higiene, e todas as três prestavam homenagens ao higienista brasileiro⁷⁶. Essas comitivas

⁷⁵ BENCHIMOL, Jaime & TEIXEIRA, Luiz Antônio. *Cobras, lagartos & outros bichos; uma história comparada dos institutos Oswaldo Cruz e Butantan*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ 1993, p 58.

⁷⁶ *Médicos argentinos al Brasil*. Buenos Aires: *La Semana Médica*. 28/6/1917. (Recorte de jornal s/p)

favoreciam os laços científicos que se concretizavam em intercâmbios de estudantes argentinos que foram estudar ou lecionar no Instituto Oswaldo Cruz. Os médicos portenhos realizaram comitivas de visita ao Brasil principalmente para a participação em congressos e datas comemorativas. Um exemplo foi a comitiva de 20 médicos que veio ao Rio de Janeiro para assistir as comemorações do centenário da Academia Nacional de Medicina do Rio de Janeiro, em 1929. Os argentinos formaram a maior delegação estrangeira que contou com Victor Delfino e foi chefiada por Araoz Alfaro⁷⁷.

As visitas dos médicos brasileiros à Argentina não receberam tanta importância no periódico *Brazil-Médico*. Uma das poucas exceções foi a caravana médica planejada em 1927, que teve a sua organização publicada nas páginas do jornal. As notas propagandeavam a viagem à Argentina informando datas de partida e retorno, locais de inscrição, quantias requeridas, número de vagas e o banco no qual os depósitos deveriam ser feitos⁷⁸. Esses anúncios mostram a organização de tais caravanas que poderiam ser compostas por “qualquer” médico que tivesse interesse. Essas excursões eram anunciadas nos jornais médicos e convites aparentemente não eram exigidos. Isso nos faz crer que um número maior de médicos participou das caravanas e não apenas os mais ilustres que realizavam palestras e publicavam textos. A Argentina foi mencionada em várias seções do jornal, aparecendo em maior número na de Notas e Informações, 75, onde foram relatadas a realização de congressos médicos e notícias cotidianas da atuação médica no

La Prensa Médica Argentina. Buenos Aires: *La Semana Médica*. 30/6/1917 (Recorte de jornal s/p) *Visita de médicos argentinos a Rio*. Buenos Aires: *La Semana Médica*. 30/6/1917 (Recorte jornal)

⁷⁷ A comemoração recebeu delegações de 13 países em grande maioria da América Latina e alguns europeus. A segunda maior delegação foi a do Uruguai com 9 médicos. *Centenario da Academia Nacional de Medicina*. Rio de Janeiro: *Brazil-Médico*. 25/8/1928. (Recorte de jornal s/p)

⁷⁸ *Caravana Médica Brasileira*. Rio de Janeiro: *Brazil-Médico*. 8/10/1927. (Recorte de jornal s/p)

país. Os periódicos da nação platina foram lembrados nas seções *Analyses* e *Imprensa Médica*, sendo o *La Semana Médica* um dos sete jornais mencionados.⁷⁹

Nenhum autor argentino publicou no *Brazil-Médico*, que contava com uma pequena média de dois a três artigos científicos por número. Eles publicaram em maior quantidade em outros jornais brasileiros como *A Folha Médica*⁸⁰. As outras menções estiveram contidas nas seções de necrologia, bibliografia/analyses, associações científicas e correio. Esta última demonstra uma correspondência, ainda que tímida, do periódico com os médicos argentinos. Uma das cartas recebidas foi escrita por Victor Delfino ao enviar parte de Publicações recebidas que, em 1922, reportou o recebimento da obra *Memórias del Instituto Tutelar de Menores*, escrito pelo próprio autor.

O contato com a Argentina pôde ser percebido nas inúmeras notas que mostram o cotidiano científico no país. Foram abordados temas como a mortalidade infantil em Buenos Aires, preparo de enfermeiras, construção de novos hospitais, venda de aspirinas, fiscalização da higiene em Buenos Aires, congressos e colação de grau na Faculdade de Medicina de Buenos Aires. O cotidiano médico da nação platina foi relatado e provavelmente algumas dessas práticas foram copiadas, melhoradas ou criticadas. Outras províncias do país também foram analisadas nessas notas que descreveram a tuberculose em La Rioja, o paludismo em Misiones e a paralisia em Santa Fé. Percebemos que o país recebeu uma atenção diferenciada das demais nações latino-americanas e européias. Em 1925, cinco editoriais foram escritos abordando temas diversos como o Hospital de

⁷⁹ Os sete jornais médicos argentinos citados são: *La Prensa Médica Argentina*, *La Semana Médica*, *Revista Argentina de Biología*, *Revista Médica Latino-Americana*, *Revista Médica del Rosario*, *Revista Asociación Médica Argentina* e *Archivos Argentinos de enfermedades del Aparato Digestivo y de la Nutrición*.

⁸⁰ Sabemos da publicação desses artigos através do próprio *Brazil-Médico*. O jornal contava com a seção *Imprensa Médica*, na qual publicava o sumário de alguns exemplares de periódicos brasileiros e estrangeiros. O autor argentino que mais publicou no *Folha Médica* foi Gregório Araóz Álfaro com textos sobre tuberculose e clínica médica.

Clínicas de Buenos Aires, o combate da tuberculose na Argentina, Faculdade de Medicina de Buenos Aires e visitas ao Instituto de Cirurgia.

A reciprocidade dos títulos universitários entre os dois países também foi abordado num editorial escrito por Heitor Prager Fróes. Ele defendia que a reciprocidade dos diplomas universitários seria um estímulo ao bom estudo e ao estreitamento dos “laços de solidariedade entre as repúblicas sul-americanas, cujas fronteiras deverão representar de futuro meras divisões administrativas.”⁸¹ O intercâmbio intelectual e universitário seria um dos primeiros passos rumo à fraternização dos povos sul-americanos. A realização de congressos e conferências internacionais seria uma primeira etapa dessa aproximação e criaria um ambiente favorável para decisões mais importantes como o reconhecimento dos títulos universitários. Esta medida não teria tanta utilidade prática, pois poucos seriam os profissionais que cruzariam as fronteiras à procura de trabalho. A grande vantagem estaria no campo universitário, pois facilitaria o “intercâmbio de professores, como aos próprios estudantes se permitirá a freqüência nos cursos dos mais notáveis especialistas do continente, aproveitando-se das melhores instalações técnicas”. Esse editorial mostra o interesse na formalização do intercâmbio científico entre essas duas nações. O intercâmbio entre as duas academias não se limitaria à troca de artigos, mas promoveria a troca de estudantes, o que aprofundaria os laços, debates e problemas levantados nos dois países.

O jornal *La Semana Médica* também trouxe várias notícias cotidianas sobre o Brasil, como a realização do VII Congresso Médico Nacional brasileiro que foi destacado na edição de 27 de Junho de 1918. A nota mostra a circular convocatória aos médicos brasileiros, firmada por Miguel Couto. Outras notas relatavam acontecimentos no

⁸¹*Reciprocidade dos títulos universitários*. Rio de Janeiro:*Brazil-Médico*. 14/3/1925, p 140.

Instituto Oswaldo Cruz, como a criação de uma seção de fisiologia que foi colocada sob a direção do professor Miguel Ozório de Almeida. Nesse caso a nota servia como reivindicação para que tal medida fosse aplicada na Argentina, que deveria seguir o exemplo do Brasil⁸². Outras referências como as notas bibliográficas mostram um acompanhamento dos médicos argentinos do que acontecia na academia brasileira. As publicações listadas são diversas, incluindo livros de médicos, relatórios de pesquisas, revistas brasileiras, atas de congressos, gastronomia, e até livros históricos⁸³.

A relação fraterna entre as academias brasileira e argentina representa uma troca de conhecimentos viabilizada através dos inúmeros congressos, conferências e visitas de médicos ao país vizinho. A troca científica também incluía o fornecimento de materiais de uma instituição para outra. Em 1921, o *Brazil-Médico* publica uma nota de agradecimento do decano da Faculdade de Medicina de Buenos Aires, Professor Alfredo Lanan, ao diretor do Museu Nacional, Dr. Bruno Lobo, pela coleção de culicídeos brasileiros ofertada pelo museu brasileiro⁸⁴. Em 1917, o médico argentino David Speroni ofertou a Bruno Lobo, diretor do Museu de História Natural, cinco réplicas de gesso dos crânios utilizados por Florentino Ameghino para elaborar suas teorias antropológicas sobre o homem primitivo⁸⁵. As trocas de materiais que aprimoravam o acervo das respectivas instituições foram acompanhadas de trocas bibliográficas. Estas foram ainda mais extensas e se intensificaram em ocasiões especiais, como o centenário da

⁸² *Instituto Fisiológico en Rio de Janeiro*. Buenos Aires: *La Semana Médica*. 29/5/1919, p 581.

⁸³ Dois livros históricos com títulos sugestivos foram publicados “*La política del Brasil en las repúblicas del Rio de Plata*” e “*LA política imperialista del Brasil y las cuestiones de límites de las repúblicas sudamericanas*” de Vicente Quesada. Os livros foram mencionados respectivamente em 10/7/1919 e 9/9/1920.

⁸⁴ *Faculdade de Medicina de Buenos Aires agradecida ao Museu Nacional*. Rio de Janeiro: *Brazil Médico*. 28/5/1921. (Recorte avulso s/d)

⁸⁵ *Médicos argentinos al Brasil*. Buenos Aires: *La Semana Médica*. 28/7/1917 (Recorte avulso s/d) *Visita de médicos argentinos a Rio*. Buenos Aires: *La Prensa Médica Argentina*. 30/6/ 1917 (Recorte avulso s/d)

independência do Brasil. O governo argentino preparou uma coleção de livros nacionais para ser exibida na Exposição Internacional do Rio de Janeiro. Nesta biblioteca argentina havia uma seção médica, organizada por Gregório Araoz Alfaro⁸⁶.

Este intercâmbio científico entre Brasil e Argentina não foi exclusivo dos dois países e pode ser percebido como um projeto que envolveu outras nações do continente. Em 1918, Victor Delfino recebeu uma carta de José López Silvero, secretário da redação do *Crónica Médico-Quirúrgica* de Havana, na qual propunha o estabelecimento de um intercâmbio médico no continente americano. Esta idéia havia sido por ele proposta no *Congreso de la Asociación de la Prensa Médica Cubana* e obteve aceitação geral. O médico cubano propunha a formação de uma Associação da Imprensa Médica Pan-Americana e buscava apoio de importantes figuras dos demais países da América Latina. Segundo José Lopez Silvero, sua idéia já teria obtido aceitação do Dr. P. E. Duprat da *Revista Médica Uruguaya* e do dr. Carlos Enrique Paz Soldan, da *La Reforma Médica* de Lima. Na Argentina, Victor Delfino foi escolhido por José Silvero para impulsionar esse intercâmbio, por ser considerado um médico de reconhecido prestígio e capaz de começar este movimento através das páginas do *La Semana Médica*⁸⁷.

Aparentemente José Silvero escolheu bem o seu correspondente, pois Victor Delfino foi entusiasta de uma união intelectual latino-americana. Acreditamos que ele tenha sido um dos responsáveis pela maior difusão de autores brasileiros no periódico *La Semana Médica*. No momento inicial como membro do comitê de redação, entre 1912 a 1914, houve apenas duas referências ao Brasil. Em 1915 as menções crescem para 6 e atingem o seu ápice nos anos 1917 e 1918 devido à morte de Oswaldo Cruz e às várias

⁸⁶*Biblioteca Argentina en la exposición de Rio de Janeiro*. Buenos Aires: *La Semana Médica*. 15 Junio 1922. (Recorte avulso s/d)

⁸⁷*Americanismo médico*. Buenos Aires: *La Semana Médica*. 23/5/1918, p 604.

homenagens prestadas por médicos argentinos ao higienista brasileiro. Acreditamos que o intercâmbio entre Brasil e Argentina era intenso e que Delfino fomentou o fortalecimento dos laços entre os dois países.

5- A eugenia como ponto de união latino-americana

A eugenia foi pensada por Victor Delfino dentro de uma coletividade científica latino-americana. Ele estabeleceu um intenso contato com o principal idealizador do movimento eugênico brasileiro, Renato Kehl. Os dois trocaram correspondências, fundaram sociedades juntos e participaram dos mesmos congressos. Eles tinham um projeto comum que previa a formação de um movimento eugênico latino-americano. Os dois eugenistas possuíam um discurso afinado e, segundo Victor Delfino, “nada indica melhor os fins que se deverá seguir a *Sociedad Eugénica Argentina* do que os delineados no discurso de Renato Kehl”, que “integra a vastíssima finalidade de aperfeiçoamento humano perseguido pelos eugenistas”⁸⁸. Renato Kehl viu com bons olhos a iniciativa de Delfino e enviou a ele uma carta parabenizando a fundação da *Sociedad Eugénica Argentina*, que seria para ele uma sociedade análoga à que dirigia em São Paulo. Kehl parabenizava Delfino por “sua cruzada a favor da raça” e se despedia como um admirador e amigo⁸⁹.

A fundação de uma sociedade na Argentina cumpria o objetivo de difundir a “ciência de Galton” no continente. Em uma carta enviada a Kehl, Delfino se entusiasma com a publicação do “*Annaes de Eugenia*” como a primeira publicação do gênero na

⁸⁸KEHL, Renato. *Avances de la Eugenia en la América del Sur*. Buenos Aires: *La Semana Médica*. 18/7/1918, p 92.

⁸⁹ *Sociedad Eugénica Argentina*. Buenos Aires: *La Semana Médica*. 8/8/1918, p 200.

América do Sul. Na mesma carta, ele diz ter recebido uma carta de Carlos Enrique Paz Soldán na qual o colega peruano informa que em breve indicará o nome de algum amigo chileno com capacidade de iniciar o “movimento eugênico” naquele país. Na sessão da Sociedade Eugênica de São Paulo de abril de 1919, Renato Kehl parabeniza o trabalho feito por Victor Delfino, informa o intento de Paz Soldán de organizar uma instituição semelhante no Peru e fica feliz do movimento estar ganhando força entre os “países irmãos”.⁹⁰ O médico peruano foi uma peça importante nas pretensões de difusão da eugenia pelo continente. Renato Kehl continua interessado em difundir a eugenia na América Latina ao longo dos anos 1920 e, em 1928, pediu a Paz Soldán o contato de eugenistas no México e em Cuba. Kehl trocou correspondências com Soldán ao longo de vários anos e, em algumas delas, demonstrou interesse em fundar uma organização continental de estudos eugênicos. Esta teria como objetivo realizar uma propaganda em todos os países da América do Sul que possuem em comum “grandes extensões e problemas raciais de dificuldade e complexidade desconcertantes”. Os problemas eugênicos sul-americanos deveriam ser definidos e depois estudados em comum e as soluções correspondentes deveriam ser publicadas em revistas que seriam fundadas com esse intuito.⁹¹ Renato Kehl provavelmente acreditava que os países do continente tinham problemas semelhantes e que juntos poderiam encontrar soluções viáveis para a aplicação da eugenia em suas respectivas realidades. O eugenista possivelmente concordava com o “destino nobre” da eugenia de “aperfeiçoar a humanidade” e estava procurando levar tais conhecimentos para os mais diversos povos e nações.

⁹⁰ *Sociedade Eugênica de São Paulo*. São Paulo: Estado de São Paulo. 4/4/1919.

⁹¹ *Carta de Carlos Enrique Paz Soldán a Renato Kehl*. 2/3/1919. Fundo Renato Kehl.

Paz Soldán foi um importante catalisador dessa integração continental e foi percebido como tal tanto por Renato Kehl quanto por Victor Delfino. O colega peruano gozava de grande influência no meio acadêmico e utilizou de suas redes de contato para tentar realizar o sonho de uma “América do Sul eugênica”. Em uma das cartas a Renato Kehl, ele afirmou estar seguro de que seu bom relacionamento com alguns acadêmicos venezuelanos asseguraria um movimento em favor da eugenia naquele país. Baseado nesses bons contatos ele enviou uma comunicação intitulada *Eugenización de la América* à Academia de Medicina de Caracas, da qual era membro correspondente, em que solicitou que a corporação venezuelana encabeçasse um movimento eugênico americano e formulasse um plano geral de trabalhos.⁹² A academia aceitou patrocinar um esclarecimento eugênico da América que serviria como um prelúdio para o intenso trabalho de eugeniização. Paz Soldán viu com alegria a repercussão do movimento e esperava com ansiedade a realização de um congresso eugênico que daria as bases futuras para “uma pátria (sul-americana) comum e eugenizada”.⁹³

Carlos Enrique Paz Soldán demonstrou entusiasmo com a criação da *Sociedad Eugénica Argentina* em carta enviada a Victor Delfino. Para o médico peruano, a fundação de tal organização seria um trabalho de interesse para o continente, pois a partir do momento que provocou interesse dos homens na Argentina, uma contribuição estaria sendo feita aos demais povos do continente. Paz Soldán acreditava que chegaria o momento em que a América ocuparia o posto privilegiado na História do Mundo, lugar

⁹² Carta de Carlos Enrique Paz Soldán a Renato Kehl 11/04/1919. Fundo Renato Kehl.

⁹³ Carta de Carlos Enrique Paz Soldán a Renato Kehl 1/11/1919. Fundo Renato Kehl.

este reservado aos trabalhadores. A fundação da sociedade também foi celebrada pelo ex-presidente da Liga Uruguaia contra a Tuberculose, dr. Joaquin de Salterian.⁹⁴

Victor Delfino e Carlos Enrique Paz Soldán foram os únicos correspondentes estrangeiros a integrar da Sociedade Eugênica de São Paulo. A admissão de um novo membro não era uma tarefa tão simples, pois dependia da assinatura de dois sócios e do pretendente. A admissão só seria efetivada após o novo membro ser aprovado em assembléia.⁹⁵ A proposta da inclusão de Victor Delfino como membro foi do secretário geral da instituição, Renato Kehl e, segundo Antonio Vieira de Carvalho, obteve o assentimento unânime da direção da sociedade. O médico argentino teria ainda sido homenageado na sessão, por seu trabalho a favor da eugenia na Argentina⁹⁶.

Outros cientistas latino-americanos também participaram dessa correspondência. Luis Zanotti Cavaziani foi um dos autores que recorreu a Kehl para obter informações necessárias para a fundação de uma associação eugênica. Cavaziani procurou outros intelectuais paraguaios a fim de fundar a Sociedade Eugênica do Paraguai. Segundo Vanderlei Souza, o autor paraguaio requisitou os estatutos da Sociedade Eugênica de São Paulo para servirem de modelo para a elaboração do regimento da sociedade de seu país.⁹⁷

No Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, Renato Kehl fez um balanço do desenvolvimento da eugenia no Brasil, escrevendo algumas páginas sobre a Sociedade Eugênica de São Paulo. Entre as conquistas obtidas pela sociedade estava o seu importante papel na construção de outros “núcleos eugenizadores entusiastas em alguns

⁹⁴ *Sociedad Eugénica Argentina*. Buenos Aires: *La Semana Médica*. 5/9/1918.

⁹⁵ Estatutos da Sociedade Eugénica de São Paulo. Caixa 2 Fundo Renato Kehl. COC/Fiocruz.

⁹⁶ *Distinción honorífica*. Buenos Aires: *La Semana Médica*. 17/4/1919, p 414.

⁹⁷ SOUZA, Vanderlei. *A política biológica como projeto*, p 89.

países sul-americanos”. Segundo Kehl, Victor Delfino já era conhecido pelo seu trabalho em prol da eugenia na Argentina, no entanto o movimento ganhou força no país platino após a fundação da primeira sociedade em São Paulo, o que incentivou o surgimento de outros entusiastas. De acordo com o eugenista, a organização paulistana teria incentivado alguns autores como Stucchi (Córdoba/ARG) e Coni(Buenos Aires) e os peruanos Carlos Enrique Paz Soldán e Honório Delgado a tomarem a dianteira da propaganda eugênica nos seus países. Kehl destacou ainda que o mesmo entusiasmo poderia ser verificado em outros países sul-americanos e dezenas de pensadores mantiveram correspondência com a associação paulista.⁹⁸

Podemos perceber a enorme importância que os eugenistas davam à divulgação da “ciência de Galton” nos demais países da América do Sul. Esse interesse fez com que vários contatos fossem estabelecidos entre os cientistas e intelectuais dos diferentes países da região. O *Boletim de Eugenia*, fundado em 1929, manteve os laços sul-americanos da eugenia e também publicou textos de autores de outros países do continente. A dra Pauline Luise, de Montevideú, publicou um texto sobre educação sexual. Os argentinos Victor Delfino e Leopoldo Bard publicaram textos intitulados respectivamente: “O atestado médico pré-nupcial” e “A propósito do certificado pré-nupcial”.

Esses autores estreitaram os laços com os demais acadêmicos do continente através da participação em associações de vários países. Renato Kehl participou da Academia Nacional de Lima e da Sociedade de Eugenia do México. Publicou artigos em vários jornais e revistas científicas argentinas. Entre elas, destacamos os periódicos editados por Victor Delfino, *La Semana Médica* e *La Medicina Argentina* nos anos 1920

⁹⁸ Kehl, Renato. *Eugenia no Brasil*. Rio de Janeiro: Primeiro Congresso de Eugenia 1929, p 56.

e 1930 e as revistas *Hijo Mío* e *Viva Cien Años*, no final dos anos 1930 e ao longo dos anos 1940. Ele leu essas e outras publicações que recebia, em grande maioria, através de amigos. Kehl citou trabalhos como o texto que leu de Emílio Coni no jornal peruano *El Comercio*, e o da jovem pensadora argentina Raquel Camaña em seu livro *Pedagogia Social*, um bom exemplo de eugenia positiva.⁹⁹ Vários livros de Kehl como *Conducta e Porque sou um eugenista?* foram traduzidos para o espanhol. O contato de Kehl com pensadores latino-americanos não se limitou àqueles na Argentina e no Peru. Ele se correspondeu com Israel Castellanos, de Cuba, que em uma carta a Kehl agradeceu por sua presteza e lhe enviou uma cópia de seu livro sobre a delinqüência contra a mulher em Cuba, vencedor do prêmio Lombroso de Turim¹⁰⁰. Outros cientistas como Alfredo M. Saavedra, eugenista mexicano, Guillermo Uribe Cualla, de Bogotá, Guillermo Francovich, da Bolívia, Octavio Jiménez y Jiménez, de Guaiacuil, e Waldemar E. Courts, médico chileno que participou do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, também se corresponderam com Renato Kehl.¹⁰¹

Enfim, Renato Kehl assumiu um papel de referência na cena científica sul-americana. Em 1935, a então recém-fundada “*Sociedad Nacional de Eugenesia*” do Uruguay entrou em contato com a Embaixada do Brasil em Montevideú manifestando interesse em estabelecer relações com autoridades semelhantes no Brasil. A nova sociedade procurava estabelecer um intercâmbio através da troca de trabalhos, estudos e ensinamentos, conseguindo uma obra útil “ao aperfeiçoamento da raça e proliferação da

⁹⁹ Renato Kehl no seu livro *Melhoremos e Prolonguemos a vida*, refere em vários momentos os seu contato com os periódicos e autores latino-americanos. Na página 265, ele cita o higienista argentino Emílio Coni. Nas páginas 28-29 e 74-76 ele cita Raquel Camaña. KEHL, Renato. *Melhoremos e Prolonguemos*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1922.

¹⁰⁰ Carta de Israel Castellanos a Renato Kehl. 3/12/1930. Caixa sem número/Fundo Renato Kehl. COC/Fiocruz

¹⁰¹ Caixa 3. Fundo Renato Kehl. COC/Fiocruz.

vida nos dois países.”¹⁰² A carta foi endereçada a Renato Kehl, que era automaticamente identificado como figura de relevância no assunto.

Victor Delfino também foi correspondente de inúmeras associações em todo mundo e de várias outras na América Latina. Entre elas, participou das Academias de Medicina do Rio de Janeiro, Lima, México, Caracas; da Academia de Ciências de Cuba, da Sociedade de Amantes da Ciência de Lima, da Sociedade Nacional de Temperança de Lima, foi membro da *Facultad de Ciencias Físicas y Naturales de La Universidad Mayor de San Marcos*(Lima), professor honorário da Universidade de Manaus e colaborador da *Dirección de Estudios Biológicos de La República Mexicana*. O cargo de editor-chefe do jornal *La Semana Médica* ajudou Victor Delfino a estabelecer redes de conexão com cientistas de diversos países, sendo que muitos deles também dirigiam publicações.

A posição de editor também foi utilizada por Victor Delfino para divulgar as suas idéias. O autor privilegiou a eugenia e temas correlatos que ganharam grande espaço no periódico, além de favorecer a publicação de autores brasileiros. Renato Kehl esteve entre os autores estrangeiros que mais recebeu destaque no jornal *La Semana Médica*. Vários de seus livros foram resenhados por Victor Delfino, que teceu elogios ao trabalho de Kehl, pela finalidade de suas obras e pelo seu vasto conhecimento, referendados por sua prática frente à Inspeção de profilaxia de lepra e das enfermidades venéreas.¹⁰³ O trabalho de Kehl como eugenista foi muito enaltecido e seu livro “Como escolher um bom marido” foi descrito como um dos mais importantes trabalhos de eugenia, ao sugerir normas de escolha de um marido que beneficiariam a prole. Para Delfino a obra de Kehl seria digna de louvor, tanto pelo trabalho por ele realizado quanto pela proposta de

¹⁰² Caixa 3, Fundo Renato Kehl. COC/Fiocruz

¹⁰³ *O perigo venéreo*. Buenos Aires: *La Semana Médica*. 17/11/1921.

melhora da saúde física e espiritual.¹⁰⁴ Na análise de outro livro do mesmo autor, *A Fada Hygia*, foi descrito como um livro realmente original diferente de outras obras do gênero escritas por americanos, alemães e suíços. De acordo com a resenha, o livro passaria os ensinamentos mais elementares da higiene pública e privada relatados através de contos, histórias e diálogos animados escritos com frases curtas e doutrinárias, perfeito para o aprendizado das crianças. Delfino torcia para que o livro servisse de exemplo para outros autores e que recebesse uma versão para o espanhol, o que seria de grande valia para os jovens da “América” que, a depender das escolas comuns, aprenderiam apenas a balbuciar os preceitos de higiene.¹⁰⁵ Renato Kehl agradeceu as palavras do seu colega argentino e sugeriu que a versão espanhola do livro fosse feita por Delfino.¹⁰⁶

O bom relacionamento com Victor Delfino possibilitou a Kehl a publicação de vários artigos originais no periódico *La Semana Médica*.¹⁰⁷ Esses textos tratavam das associações eugênicas, da relação da ciência de Galton com o darwinismo social, dos resultados da guerra nas populações nacionais e dos fins da eugenia. Delfino ofereceu a Kehl colunas no periódico *Revista Científica Argentina*, que mais tarde mudaria o nome para *La Medicina Argentina*, no qual ele também era editor-chefe.¹⁰⁸ O convite foi aceito e muitos artigos de Kehl foram publicados em grande número nesse periódico.

¹⁰⁴ *Como escolher um bom marido*. Buenos Aires: *La Semana Médica*. 3/4/1924.

¹⁰⁵ *A Fada Hygia (Bibliografia)* – Janeiro de 1925 – *La Semana Médica*

¹⁰⁶ Carta de Victor Delfino a Renato Kehl – 12/03/1925 – Caixa sem número/ Fundo Renato Kehl/ COC/Fiocruz

¹⁰⁷ Renato Kehl teve cinco textos publicados no *La Semana Médica* entre 1918 e 1926 sendo que todos tratavam da eugenia. Outros médicos brasileiros também publicaram muitos textos no periódico entre 1915 e 1926, entre eles Antônio Austregésilo (6), Clemente Ferreira (6), Alfredo A. Matta (6), Arthur Neiva (1) e Belisário Penna(1). Kehl ainda figurou como um dos principais autores brasileiros no periódico *La Medicina Argentina* coordenado por Victor Delfino entre 1926-1935, com três textos publicados. Mesmo número de Belisário Penna.

¹⁰⁸ Carta de Victor Delfino a Renato Kehl – 12/03/1925 – Caixa sem número/ Fundo Renato Kehl/ COC/Fiocruz.

A eugenia serviu como teoria comum que ligou vários cientistas dos países latino-americanos. Delfino, Kehl e Paz Soldán são exemplos da união científica que ocorreu no continente. Percebemos a clara intenção de expandir os conhecimentos eugênicos para todo o continente a fim de criar um movimento sul-americano. Paz Soldán propôs instituições e publicações comuns. Delfino incentivou a veiculação de artigos escritos por brasileiros, principalmente Renato Kehl, em periódicos médicos argentinos. Kehl pensou numa sociedade eugênica que envolvia cientistas proeminentes do continente que também publicaram no *Boletim de Eugenia* e participaram dos congressos que ele organizou. As cartas mostram a formação de uma rede intelectual que envolvia vários países do continente e pensadores europeus. Nessas correspondências eles trocam referências e endereços de importantes médicos estrangeiros. Paz Soldán enviou o endereço de Luis Huerta, importante eugenista espanhol, com quem Renato Kehl estabeleceu contato, enviou artigos e publicou um artigo do autor espanhol no *Boletim de Eugenia*.¹⁰⁹

Os estreitos laços científicos entre Victor Delfino, Renato Kehl e Carlos Enrique Paz Soldán demonstraram um interesse de propagação da eugenia no continente. Eles pensavam na viabilidade da “eugenização da América” como um processo comum e viável. Podemos pensar numa eugenia latino-americana seguindo uma vertente menos radical. Nancy Stepan mostrou a difícil aproximação da eugenia latino-americana com a norte-americana, devido à visão mendelista radical que condenou a miscigenação racial.¹¹⁰ Os Estados Unidos assumiram o destaque na eugenia mundial após o Segundo Congresso Internacional de Eugenia, realizado em 1921 em Nova York, sob a liderança

¹⁰⁹ Carta de Renato Kehl a Carlos Enrique Paz Soldán. 10/12/1928. Caixa sem número/ Fundo Renato Kehl/ COC/Fiocruz.

¹¹⁰ STEPAN, Nancy. *The Hour of Eugenics*, p 172.

de Charles Davenport. A América Latina foi vista como mais uma fronteira para a eugenia americana, que convidou representantes da Guatemala, Chile, Cuba e Argentina para participarem do tal congresso.¹¹¹

A proposta de Davenport na Conferência Pan-Americana de Havana em 1927 de criação de um Código de Eugenia e Hominicultura foi refutada pela maioria dos delegados latino-americanos. Entre as várias propostas do código a mais polêmica foi a contida no quinto capítulo que concebia aos governos o direito de anular os casamentos baseado em critérios eugênicos como crime, loucura, sífilis e alcoolismo contraídos após o casamento. A proposta recebeu forte resistência dos delegados argentino, costarriquenho, mexicano, porém a oposição mais radical foi a do delegado peruano Carlos Enrique Paz Soldán. Ele expressava o receio sobre a maneira pela qual Davenport e Ramos tinham feito do controle imigratório algo meramente racial. Ele e os demais delegados apelavam para a soberania nacional de cada país e mandaram uma mensagem contrária ao controle financeiro e político dos Estados Unidos no continente.¹¹²

Em torno da eugenia os cientistas latino-americanos construíram uma rede de relações e uma significativa proximidade intelectual nas primeiras décadas do século XX. Percebemos nos jornais uma grande correspondência entre os cientistas do continente. Esses cientistas estabeleceram “redes de conexão” que serviam para aumentar o contato com os cientistas do continente, trocar experiências e abrir novas possibilidades de publicação na Europa. Renato Kehl e Victor Delfino procuraram aumentar o movimento eugênico para além das fronteiras de seus países. Muitas vezes os eugenistas compartilhavam das mesmas idéias mas enfocavam diferentes aplicações da eugenia.

¹¹¹ STEPAN, Nancy. *The Hour of Eugenics*, p 174.

¹¹² STEPAN, Nancy. *The hour of eugenics*, pp 176-181.

Victor Delfino e Renato Kehl focaram os seus discursos em diferentes pontos do plano eugênico. No próximo capítulo trabalharemos com alguns pontos importantes no projeto eugênico desses autores, bem como as estratégias adotadas de divulgação nas diferentes sociedades. Procuraremos traçar como os diferentes ambientes e as condições históricas específicas dos países onde esses cientistas atuavam, levaram à elaboração de diferentes propostas e enfoques.

CAPÍTULO II – PROPOSTAS EUGÊNICAS PARA A NAÇÃO

1 – Estratégias de divulga(ção) da eugenia

Em meados do século XX vários foram os caminhos possíveis para a obtenção de um país eugênico, livre das “degenerações” e pronto para o “progresso”. Essas possibilidades não foram apenas de orientação teórica, mas na própria maneira de perceber a eugenia. Uma nova ciência requeria estratégias de divulgação que conseguissem propagar essas teorias ao maior número possível de pessoas a fim de obter apoio e, por conseguinte, aplicar medidas concretas. A percepção que esses homens de ciência tinham era a de que o mundo precisava ser alertado sobre as possíveis medidas de aprimoramento populacional e que o tempo seria precioso demais para ser perdido. Os eugenistas pensaram em estratégias para aprimorar a divulgação de sua mensagem, tornando o seu discurso interessante para o público. Alguns deles decidiram deixar o campo das idéias assumindo cargos públicos que possibilitavam um meio de difundir o pensamento científico, tornando essa atitude parte de sua “missão”.

Renato Kehl e Victor Delfino foram os responsáveis pela introdução da ciência de Galton em seus países. Eles compartilharam opiniões e projetos, mas tiveram planos de ação diferenciados. O médico brasileiro defendeu uma atuação da eugenia baseada na melhora da educação, na aprovação dos certificados de casamento, na difusão do saneamento e na esterilização de alguns indivíduos.¹¹³ Victor Delfino teve uma visão mais ampla da eugenia que, além de abordar a educação, controle de casamentos, higiene

¹¹³ Gostaríamos de ressaltar que a atuação de Renato Kehl que aqui consideramos é referente aos primeiros anos de divulgação da eugenia. Estamos desconsiderando a virada dos anos 1920 aos anos 1930. Nesse período, como destacou Vandelei Souza, o discurso do eugenista se radicalizou e com isso modificou o seu posicionamento.

e uma esterilização limitada e voluntária, defendia o combate ao alcoolismo, assistência aos menores e controle de imigração. Percebemos que Kehl se ateve a aplicar uma eugenia mais ortodoxa e focada, ao contrário da abordagem mais ampla de Victor Delfino. Os textos do autor argentino focam o tema de uma maneira indireta ao tratar de temas correlatos. As estratégias de divulgação da eugenia foram divergentes entre os autores, pois cada um enfatiza alguns pontos na aplicação da eugenia.

Renato Kehl definiu a eugenia como a ciência que “estuda e aplica as leis de hereditariedade, descendência e evolução, investiga as influências relativas ao meio (...), aos costumes, as aptidões de cada indivíduo, encarado moral, intelectual e fisicamente”.¹¹⁴ Caberia ao eugenista preocupar-se “com o indivíduo, em particular, visando-o no ponto de vista coletivo” procurando assim, “resolver os problemas que dizem respeito a sua origem e a sua prole futura”.¹¹⁵ O seu propósito seria “impedir a aquisição de qualidades más que concorrem para a degeneração da espécie e, ao contrário, favorecer a multiplicação dos caracteres biológicos de aperfeiçoamento”.¹¹⁶ Ela não teria como objetivo criar “tipos superiores”, que se assemelhassem a gênios, mas procurava elevar o nível médio da humanidade, já que diminuiria o número de “degenerados fisio-psíquico”.¹¹⁷

Victor Delfino definiu a eugenia de maneira semelhante, como a ciência da melhora do patrimônio hereditário que envolvia todas as influências capazes de favorecer melhoras ou pioras do homem. Esta ciência concentraria seus esforços na criação de um meio propício para o desenvolvimento dos caracteres humanos, desenvolvendo os bem

¹¹⁴ KEHL, Renato. *O médico e o culto a raça*. In: Rio de Janeiro: *Brazil-Médico*, 20/1/ 1923, p 35.

¹¹⁵ KEHL, Renato. *O médico e o culto a raça*, p 35.

¹¹⁶ KEHL, Renato. *O médico e o culto a raça*, p 36.

¹¹⁷ KEHL, Renato. *A Eugenia Prática*. Rio de Janeiro: *A Folha Médica*, 15/2/1929, p 49.

dotados e retardando as “taras”. Dessa forma, os fatores higiênicos não deveriam ser esquecidos¹¹⁸. Os dois autores destacam que a eugenia não tinha a intenção de criar “super-homens”, e sim diminuir o número de indivíduos considerados “degenerados”. Ambos destacaram a importância do meio para a eugenia, mas Renato Kehl fez questão de ressaltar que as influências hereditárias eram muito mais importantes que o meio. Victor Delfino, por outro lado, percebeu a eugenia considerando a interdependência do indivíduo com o meio, ou da herança e o meio, sendo de vital importância a análise do comportamento dos caracteres hereditários dos indivíduos.

Acreditamos na existência de dois tipos de eugenia para Renato Kehl, a primeira delas seria uma vertente empírica, mendelista e próxima de seus colegas americanos e ingleses, que se limitava no campo das idéias e que pareceu em alguns momentos no discurso. A segunda seria uma ciência neo-lamarckiana que considerava a importância do meio na formação do indivíduo e lançava um grande número de propostas. Vanderlei Souza defende uma mudança no discurso de Renato Kehl suscitada por uma viagem realizada pelo autor em 1928 à Alemanha. Segundo Souza, o livro “Lições de Eugenia”, publicado em 1929, seria a obra em que Renato Kehl teria expressado o distanciamento dos pressupostos sanitaristas e ambientalistas e a proximidade de um discurso mais radical.¹¹⁹ Acreditamos que essa ruptura, ocorrida no final dos anos 1920, representa a “oficialização” no discurso de Kehl do primeiro tipo de eugenia que ele veladamente defendia em seus textos. A base da “eugenia negativa” contida no livro “Lições de

¹¹⁸ DELFINO, Victor. *Los postulados de eugênica. Significación científica y social de esta ciencia*. In: Buenos Aires: *La Medicina Argentina*. 09/1929.

¹¹⁹ Vanderlei Souza defende em seu livro que o livro “Lições de Eugenia” foi a obra preparada pelo autor para organizar o seu pensamento e “colocar em ordem” a “ciência eugênica” conforme ele tinha encontrado na Europa. O livro teria representado o ponto ruptura do autor com as idéias médico-sanitaristas, que já vinha ocorrendo a algum tempo. SOUZA, Vanderlei. *A política biológica como projeto: a “eugenia negativa” e a construção da nacionalidade na trajetória de Renato Kehl*. Rio de Janeiro: Tese de dissertação FIOCRUZ, 2006, p 140.

Eugenia”, os 13 meios de obtenção da eugenia, já tinham sido descritos em um outro artigo publicado em 1926 pela “A Folha Médica”.¹²⁰

A eugenia neo-lamarckiana apareceu mais livremente nas propostas do autor nos anos 1910 e 1920, pois era mais fácil ser aceita na sociedade. Percebemos uma diferença entre as idéias e o discurso que acabam transparecendo em alguns momentos na obra de Kehl. Ele provavelmente acreditava em um tipo de eugenia mais radical que defendia o controle dos casamentos, a esterilização e o controle de imigração. Vanderlei Souza afirmou que o projeto eugênico apresentado por Renato Kehl nos anos 1930 será mais distante do higienismo e com uma perspectiva mais radical e excludente. Esses anos foram marcados por um maior contato com os autores americanos e europeus de orientação mendelista. A Comissão Central de Eugenia, fundada em 1931, por exemplo, teria sido influenciada pela Sociedade Alemã de Higiene Racial.¹²¹

A dualidade teórica na eugenia de Kehl pode ser entendida como uma estratégia de divulgação, pois ele aproveitou o prestígio que o sanitarismo gozava naquela sociedade para introduzir uma nova teoria. A eugenia apresentada pelo autor foi delineada como uma complementação natural do higienismo, um braço teórico que apresentava novas soluções para o “progresso” brasileiro. Definimos essa aproximação eugenia-sanitarismo como uma “estratégia” de Kehl de divulgação dessas novas idéias. Acreditamos que ele não só aproveitou o prestígio do movimento como entendeu o sanitarismo como um primeiro processo rumo ao “aperfeiçoamento” populacional do Brasil. Ele afirmou que “sanear equivale a praticar a eugenia preventiva”, porém esta

¹²⁰ Os 13 meios de obter a eugenia foram publicados no texto “Eugenia e seus Fins” no jornal “A Folha Médica” em 16/7/1926 e traduzido para o espanhol por Victor Delfino e veiculado no periódico argentino “*La Semana Médica*” em 19/8/1926.

¹²¹ OLIVEIRA, Letícia Fagundes. *A Cruzada Eugênica no Brasil: eugenia e sexualidade nas décadas de 20 e 30*. Dissertação/USP, 2003, p 35.

seria apenas uma categoria da eugenia. Portanto, sanear e educar seriam medidas básicas da política eugênica, pois “regenerariam” o moral e o físico do indivíduo.¹²² A próxima etapa seria a aprovação de uma lei que tornasse obrigatório o exame pré-nupcial. O combate ao analfabetismo tinha um papel importante, pois criaria uma população mais educada e de mentalidade mais aberta, algo que possibilitaria a aplicação de uma eugenia mais radical no país.

Os traços de uma eugenia negativa no discurso de Kehl podem ser percebidos em alguns textos. A esterilização, por exemplo, foi uma medida da qual não discordou, mas abriu mão de seus “benefícios” devido à polêmica que causaria. “O nosso entusiasmo por essa operação regeneradora não vai ao ponto de desconhecemos as dificuldades que ela encontra na sua execução”. Kehl destacou os efeitos lentos, “mas positivos”, da esterilização, porém enfatizou a necessidade de aplicá-la simultaneamente a outros preceitos eugênicos. Após discutir essa prática ele concluiu que seria necessário lançar mão da esterilização para obter a melhoria física, moral e intelectual.¹²³ A repercussão negativa dessa prática seria provavelmente tão grande que criaria um estigma negativo para a eugenia como ciência e impossibilitaria a adoção de outras medidas eugênicas. Por isso ele defendeu e propagandeou com tanta dedicação o certificado de casamento, que tinha resultado próximo ao da esterilização.

Os seus primeiros textos sobre eugenia, entre 1917 e 1921, trouxeram uma aproximação com o sanitarismo, ao ponto dos dois serem quase a mesma coisa. Ao longo dos anos 1920 essa proximidade foi diminuindo, apesar corresponder com homens-chave

¹²² KEHL, Renato. *Los problemas de la degeneración de las razas*. In: Buenos Aires: *La Semana Médica*: 14/11/1920.

¹²³ KEHL, Renato. *A esterilização sob o ponto de vista eugênico*. In: Rio de Janeiro *Brazil-Médico*: 26/03/1921.

do movimento sanitarista até o fim da sua vida principalmente com seu sogro Belisário Penna. No entanto, ele conseguiu dividir as duas ciências muito facilmente. Para o autor, a eugenia harmonizaria e concretizaria as idéias e intenções regeneradoras, com ênfase na formação de caracteres ótimos, transmissíveis por herança, e ao mesmo tempo ajudaria a “eliminação” das taras e das degenerações. A higiene e a medicina social cuidariam do indivíduo na sociedade e na coletividade.¹²⁴

Podemos perceber um tom mais restritivo num texto de 1926, no qual sanear não estava listado como um dos 13 meios de aplicar a eugenia. As medidas propostas incluíam esterilização, controle de nascimentos, propaganda, educação eugênica, testes mentais, regulamentação da imigração entre outros.¹²⁵ Poucas foram as obras do movimento sanitarista consideradas como obras sobre eugenia ou tema afim no índice bibliográfico feito pelo autor no texto apresentado no Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia. As obras listadas abordavam temas como educação, imigração japonesa, exame pré-nupcial, mestiçagem, higiene mental, alcoolismo e doenças mentais.¹²⁶ Portanto, a radicalização que se tornaria evidente a partir de 1929 já estava presente em 1926.

A ligação com o sanitarismo fez com que Renato Kehl conseguisse organizar uma estrutura mais sólida que possibilitou uma boa assimilação da eugenia no Brasil e a fundação da primeira instituição para seu estudo no continente latino-americano, a Sociedade Eugênica de São Paulo. Mesmo com o fim precoce da sociedade em 1919, Kehl permaneceu na sua jornada de divulgação da eugenia no Brasil. Acreditamos que

¹²⁴ KEHL, Renato. *La Eugénica y sus fines*. In: Buenos Aires *La Semana Médica*: 19/08/1926, p 480.

¹²⁵ KEHL, Renato. *La Eugénica y sus fines*, p 481.

¹²⁶ As únicas obras referentes ao movimento sanitarista foram dois livros de Belisário Penna: *Valorização do homem e da terra* (1922) e *Saneamento do Brasil* (1923). A lista aparece no final do texto “Eugenia no Brasil” apresentado por Renato Kehl no Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia.

Kehl foi muito bem sucedido na divulgação da eugenia no meio acadêmico nacional, visto que houve uma repercussão entre os intelectuais.

Outra estratégia de divulgação foi a publicação de artigos voltados para o público geral. Renato Kehl publicou em jornais e revistas de grande circulação, onde abordou temas menos científicos através de uma linguagem acessível. Os seus textos publicados nos diários, *Gazeta de Notícias* e *Correio da Manhã*, abordaram temas diversos como as vestes femininas, a febre amarela, o trabalho e a fadiga, o sono, alimentação infantil e o asseio do corpo. Em alguns textos, ele trabalhou com a eugenia mais claramente, ao abordar temas como alcoolismo. Em outros momentos, preferiu focar seus ensinamentos para aqueles que viviam no interior, quem sabe com a esperança de ajudar vários “Jecas tatu”.

Um dos públicos-alvo de Kehl foi a mulher, extremamente importante pelo seu papel na maternidade e, para tanto, Renato Kehl publicou alguns artigos, entre 1926 e 1928, na *Revista da Semana*, periódico lido por um grande número de mulheres. A revista foi publicada entre 1900 e 1962, em edições semanais, e contava com colaborações de intelectuais e artistas. Seus editores utilizavam fotografias e tinham um tom leve, alegre e elegante e abordavam atualidades sociais, políticas e policiais.¹²⁷ Os primeiros artigos focaram o tema da beleza feminina; as mulheres belas e fortes seriam as responsáveis pela beleza de uma raça forte.¹²⁸ Em outro artigo o autor destacou os concursos de beleza feminina que eram cada vez mais comuns na América do Norte. A exibição da perfeição física seria positiva por servir como um “espelho educativo”, além de contribuir para o “aperfeiçoamento da raça”. Esses concursos seguiam os preceitos da

¹²⁷ TABOADA, Gisele & NERY, João. *A Revista da Semana em perspectiva*. IV Encontro de Pesquisa de Intercom In: <http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/1266/1/R0676-1.pdf>

¹²⁸ KEHL, Renato. *Mulheres bellas*. *Revista da Semana*. 5/6/1926.

Grécia e estariam fundando um alicerce sólido para uma humanidade futura “eugenizada” e bela.¹²⁹ No texto “Nobreza de nascimento”, Kehl defende a criação de um novo padrão de fidalguia brasileira, no qual teríamos a verdadeira aristocracia nacional, a dos “bem dotados”.¹³⁰ Esses artigos divulgavam a eugenia para o público feminino, usando uma linguagem menos específica. Apenas em um artigo, “A religião de Galton”, Kehl abordou diretamente a eugenia.

Ao analisarmos a história da eugenia no Brasil percebemos quão bem sucedido foi Renato Kehl na divulgação da nova ciência. Consideramos os “Estatutos da Sociedade Eugênica de São Paulo” como um plano de ação do autor. Kehl descreveu as metas da sociedade que acreditamos tenham sido parte de seus próprios objetivos. A sociedade pretendia estudar a aplicação da eugenia, bem como das ciências afins, divulgar os preceitos e promover o exame pré-nupcial. As reuniões seriam uma forma de colocar esses objetivos em prática. A Sociedade teria ainda uma revista que publicaria seus trabalhos (*Annaes de Eugenia*), um bureau de informação de folhetos, livros sobre o assunto e organizaria uma biblioteca e um instituto de pesquisa.¹³¹

Considerando essas metas o movimento eugênico conseguiu atingir parte de seus objetivos. A eugenia foi divulgada, recebeu apoio de nomes importantes e realizou um congresso com importantes pensadores. Kehl obteve um importante espaço na intelectualidade brasileira e publicou em periódicos importantes como *Brazil-Médico*, *A Folha Médica*, *Revista do Brasil*, *Chácaras e Quintaes* e *Gazeta de Notícias*. A Liga Brasileira de Higiene Mental apoiou o movimento, culminando num periódico especializado *Boletim de Eugenia*. A Comissão Central de Eugenia serviu como um

¹²⁹ KEHL, Renato. *A nudez e a plástica*. A Revista da Semana. 27/11/1927.

¹³⁰ KEHL, Renato. *Nobreza de nascimento*, A Revista da Semana. 23/07/1927.

¹³¹ Estatutos da Sociedade Eugênica de São Paulo. Fundo Renato Kehl, COC/FIOCRUZ.

instituto especializado para a pesquisa eugênica. Uma de suas propostas, o controle da imigração, foi aprovada pelo congresso em 1934, fruto da campanha contrária à imigração japonesa movida por Renato Kehl.¹³²

A eugenia na Argentina também teve sua divulgação iniciada no final dos anos 1910. Victor Delfino, principal defensor da ciência de Galton no país, participou do Primeiro Congresso Internacional de Eugenia em 1912. A primeira sociedade eugênica da Argentina foi fundada em 1919 tomando como exemplo a organização liderada por Renato Kehl no Brasil. A fundação da *Sociedad Eugénica Argentina* foi um dos caminhos encontrados por Victor Delfino para difundir a ciência em seu país. As reuniões geralmente aconteciam na *Asociación Médica Argentina* e contavam com a presença de grandes nomes do corpo médico nacional. Entre eles se relacionaram em torno de 28 médicos que mesmo não presentes mandaram suas adesões pelo correio.¹³³ Este grupo inicial se separou em grupos menores que, ao longo do ano de 1918, se reuniram com a intenção de elaborar os estatutos da nova instituição.

Apesar das inúmeras notas sobre a *Sociedad Eugénica Argentina* publicadas no *La Semana Médica*, pouco se sabe sobre o funcionamento dessa instituição. As notas focavam mais a organização dos estatutos e o reconhecimento internacional da sociedade do que o próprio funcionamento. A sociedade não publicou projetos, nem organizou

¹³² A Constituição de 1934 criou cotas que restringiram a entrada de imigrantes ao ano a apenas 2% do total de imigrantes que já haviam ingressado no Brasil. Esse 2% era aplicado a cada nacionalidade e o único grupo diretamente afetado foi os japoneses. Renato Kehl participou do debate e condenou a entrada dos japoneses por motivos eugênicos. LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional*. São Paulo: Ed UNESP, 2001.

¹³³ Esta primeira reunião contou com a presença de doze médicos entre eles Gregório Araoz Alfaro, Enrique A. Boero, Victor Delfino, Carlos Robertson Lavalle, Guillermo Bosch e Carlos Fonso Gandolfo. Outros dezesseis médicos enviaram suas adesões entre eles Emilio R. Coni, Enrique Zárate e duas mulheres Dras. Elvira Rawson Dellepiane e Lucia Giorgi. A maioria dos médicos era obstetra e ginecologistas e grande parte deles publicavam no *La Semana Médica* e alguns eram membros do comitê de redação da publicação semanal. A lista completa dos membros pode ser encontrada em: *La Semana Médica*. 25/7/1918, p 136.

congressos para a discussão da eugenia. Não conseguimos apurar os seus planos ou, até o seu papel no debate da eugenia. Temos a impressão que a sociedade não teve suas discussões transformadas em propostas políticas ou leis. O seu fundador Victor Delfino a menciona em um texto de 1924, destacando que a Sociedade contaria com os médicos mais representativos das disciplinas de nipiologia, pediatria, obstetrícia-pediatria e higiene. Delfino enumerou várias questões que seriam tratadas pela Sociedade sobre a herança, seleção e sua aplicação na espécie humana. A organização analisaria a “influência do meio, estado econômico, da legislação, dos diversos ambientes, sobre o valor das gerações futuras e sobre as suas aptitudes físico-intelectuais e sociais”. Em resumo, a Sociedade observaria o “conjunto de princípios capazes de manter o homem em condições de normalidade.”¹³⁴

Os objetivos traçados para a *Sociedad Eugénica Argentina* refletiam a visão de eugenia de Victor Delfino, pois a instituição tinha como objetivo analisar a influência do meio e de outros fatores ambientais no desenvolvimento das gerações futuras. Este objetivo demonstra a visão neo-lamarckista que Delfino reproduzia em seus textos sobre a eugenia, desde o primeiro deles escrito em 1912, após a participação no Primeiro Congresso Internacional de Eugenia realizado no mesmo ano em Londres. Ao retornar do congresso, Delfino escreveu um texto sobre a nova ciência e os tópicos que haviam sido discutidos no congresso. Ele criticou a eugenia norte-americana por desconsiderar os efeitos do ambiente ao condenar os filhos de pais tarados e “degenerados” a um futuro semelhante ao de seus progenitores, sendo que a única solução seria a esterilização. Os

¹³⁴ DELFINO, Victor. *El problema de la raza*. Buenos Aires: *La Semana Médica*.18/9/1924, p 675.

americanos desconsideravam “a influência de outros importantíssimos (fatores) – por acaso essenciais – que seriam o ambiente físico e social.”¹³⁵

A visão neo-lamarckista de Delfino o acompanhou ao longo dos anos em seus textos e propostas. Um dos temas mais abordados pelo autor foi o combate ao alcoolismo. Ele participou de organizações internacionais como *International Temperance Bureau* em Lausanne na Suíça e da *World Prohibition Confederation*, uma associação sediada em Londres que lutava pela proibição do álcool no mundo. Delfino ainda participou do *Anales antialcoolique* de Paris como redator e fundou o movimento templário na Argentina, com o mesmo objetivo.

Um dos textos de Delfino, *Alcoholismo y Descendencia*, continha dados alarmantes sobre os efeitos do álcool nos órgãos reprodutivos masculinos e femininos. Os alcoólatras crônicos possuiriam uma menor longevidade e teriam 86% de chances de apresentarem alterações do testículo. Em 55% dos casos a alteração caracterizava uma degeneração completa do órgão reprodutor, causando em muitos casos ressecamento do esperma e a esterilidade. Para Delfino, o alcoolismo seria “um dos principais fatores da degeneração racial e com a mais nociva influência contribuía a reprodução de uma prole defectiva (...) o alcoolismo constituiria um dos mais graves problemas sociais contemporâneos.”¹³⁶

Alarmado pelo risco de “degeneração” da raça causado pelo álcool, Delfino realizou uma cruzada contra as bebidas alcoólicas e, além de publicar textos sobre o assunto, fez com que todos os jornais que editou priorizassem o tema. O *La Semana*

¹³⁵DELFINO, Victor. *Una nueva ciencia. El Congreso de Londres*. Buenos Aires: *La Semana Médica*. 5/12/1912, p 1176.

¹³⁶DELFINO, Victor. *Alcoholismo y Descendencia*. Buenos Aires: *Revista de Criminología, Psiquiatria y Medicina Legal*, 1915, p 585.

Médica se tornou referência internacional pela sua campanha contrária ao alcoolismo. Victor Delfino recebeu uma carta do presidente da *Liga Nacional de Temperancia* de Lima na qual trocou informações sobre estratégias para combater o álcool e incentivou o autor argentino a continuar o seu trabalho.¹³⁷ Uma das estratégias do autor foi demonstrar as medidas de combate ao alcoolismo em outros países para pedir sua aplicação na Argentina.¹³⁸ Delfino salientou os movimentos antialcoólico em diversos países do mundo e enfatizou a campanha contra a bebida no Chile. Para ele, a “nação irmã” seria um exemplo, pelos trabalhos realizados pela Liga Nacional contra o Alcoolismo no Chile.¹³⁹ O tema continuou a ser abordado no *La Medicina Argentina* com textos sobre o álcool e a raça, aspectos sociais do alcoolismo e reformatórios antialcoólicos. Estes periódicos serviram como veículos de propagação de suas idéias, que não eram expressas somente nos textos de sua autoria, mas também em textos de outros autores ou em pequenas notas.

Victor Delfino foi redator-chefe do jornal *La Semana Médica*, e influenciou imensamente o perfil da publicação, ao privilegiar alguns assuntos como eugenia e alcoolismo. Apesar de seu importante cargo, o autor provavelmente não possuía tanta liberdade para propagandear a eugenia. Por isso ele utilizou pequenas notas que demonstravam a difusão dessa ciência no mundo. A fundação da Sociedade Eugênica de São Paulo foi uma das primeiras referências ao tema e mostrava o avanço da ciência na América do Sul. Outras notas relatavam a fundação de uma sociedade eugênica na Índia,

¹³⁷ *El antialcoholismo en Perú*. Buenos Aires *La Semana Médica*. 14/03/1918

¹³⁸ Alguns artigos sobre alcoolismo no *La Semana Médica*: Represión del alcoholismo(Uruguay) – 23/3/1914; Lucha contra el acocoholismo en Italia – 15/11/1923; El alcoholismo en Francia – 5/3/1925; Movimiento antialcohólico en Estados Unidos y Europa -25/3/1926; El prohibicionismo en Alemania – 3/6/1926.

¹³⁹ DELFINO, Victor. *La Campaña contra El alcoholismo en América Latina. Sus progresos en la República de Chile*. Buenos Aires: *La Semana Médica*. 4/2/1915.

as conferências realizadas na Sociedade Belga de Eugenia, chamadas para o Congresso Italiano de Eugenia, os tópicos discutidos na Sociedade Francesa de Eugenia e a pauta da reunião da Comissão Internacional de Eugenia.

Algumas notícias retrataram a conexão existente entre Victor Delfino e o movimento mundial. O eugenista é considerado por Davenport como o melhor representante argentino para participar do Segundo Congresso Internacional de Eugenia, e provavelmente o único representante da América do Sul. A carta do biólogo americano convidando Delfino para ser um dos vice-presidentes de tal congresso mostra a sua proximidade com o movimento eugênico mundial.¹⁴⁰ Outra nota descrevia os delegados que fariam parte do congresso e enfatizava Victor Delfino como o único representante da América do Sul.¹⁴¹ Em outra carta transcrita no jornal, Victor Delfino foi convidado para participar das “Jornadas Internacionais de Eugenia” que aconteceriam em Bruxelas sob os auspícios da Sociedade Belga de Eugenia. Neste evento grandes nomes da eugenia mundial compareceriam e importantes discussões seriam feitas com o intuito de solucionar grandes problemas de interesse geral.¹⁴² O contato de Delfino foi ainda maior com os eugenistas italianos que o convidaram não só para participar, mas também para apresentar um texto sobre o tema que mais lhe agradasse.¹⁴³

Outras notas pareciam querer mostrar um caminho que o movimento eugênico argentino deveria tomar. Um exemplo seria o instituto criado para o estudo das raças na Suécia, que também investigaria as doenças, indagando as causas e estabelecendo os

¹⁴⁰ Segundo Congreso Internacional de Eugenia. Buenos Aires: *La Semana Médica*. 21/10/1920.

¹⁴¹ Segundo Congreso Internacional de Eugénica. Buenos Aires: *La Semana Médica*. 14/07/1921.

¹⁴² *Importante conferencia eugénica en Bélgica, Invitación a la Argentina*. Buenos Aires: *La Semana Médica*. 26/11/1922

¹⁴³ *Primer Congreso Italiano de Eugénica Social*. Buenos Aires: *La Semana Médica*. 31/07/1924

meios adequados de curá-las.¹⁴⁴ Os laboratórios de pesquisa eugênica continuaram a ser descritos em uma notícia, nomeada de *Movimiento Eugénico Internacional*, que relatava a sua existência na Finlândia, Noruega e Suécia.¹⁴⁵

No período entre 1918-1926, a eugenia foi mencionada 80 vezes em artigos, análises bibliográficas e pequenas notas. Já no período posterior à retirada de Delfino do comitê de redação, 1926-1930, as menções foram apenas três. A luta contra o alcoolismo também recebeu maior atenção nos anos de 1918-1926, com 45 menções contra duas citações nos anos 1926-1930. Estes temas sumiram do *La Semana Médica* após sua retirada mas continuaram relevantes no *La Medicina Argentina* após Delfino assumir a edição em 1926. Neste novo periódico acreditamos que Victor Delfino tivesse mais liberdade editorial e, por isso ele publicou mais artigos sobre a eugenia¹⁴⁶.

La Semana médica	1918-1926	1926-1930
Eugenia	80	3
Alcoolismo	45	2
Brasil	115	50
Renato Kehl	9	0

O jornal tinha uma dinâmica diferente, mas foi rapidamente modificado por Delfino que criou seções semelhantes ao *La Semana Médica*, como Noticiário que

¹⁴⁴ *Instituto para el estudio biológico de las razas en Suecia*. Buenos Aires: *La Semana Médica*. 18/05/1922.

¹⁴⁵ *Movimiento Eugénico Internacional*. Buenos Aires: *La Semana Médica*. 15/3/1923

¹⁴⁶ Entre 1926-1933, Victor Delfino publicou seis textos que abordavam diretamente a eugenia. Entre 1918-1926 no *La Semana Médica*, ele publicou apenas dois.

informava sobre o cotidiano médico no mundo¹⁴⁷. Ele ainda estabeleceu a eugenia como tema de relevância através da seção EUGENICA, que publicava frequentemente textos dele e de outros autores como o importante eugenista inglês Leonard Darwin. Os autores que publicaram nos periódicos que Delfino editou também compunham a mensagem que ele queria transmitir. Os autores brasileiros que publicaram textos no *La Medicina Argentina* abordavam temas diretamente relacionados aos projetos de Delfino. Entre eles estão Belisário Penna e Renato Kehl, desaparecido do *La Semana Médica* após a saída de Delfino, que publicou quatro textos no *La Medicina Argentina* entre 1926-1933.

A utilização da posição de editor e a fundação da *Sociedad Eugénica Argentina* foram as principais táticas adotadas por Victor Delfino para divulgar a eugenia em seu país. O autor não se contentou em divulgar, mas também procurou aplicar a nova ciência e fazer a diferença. Entre essas medidas esteve o combate ao alcoolismo, controle de imigração, a direção do Instituto Tutelar de Menores e a atuação como secretário da *Comision Asesora de Asilos y Hospitales Regionales*.

O Instituto Tutelar de Menores foi uma instituição criada no dia 25 de junho de 1918, pela Sociedade Protetora de Órfãos e Crianças Inválidas. O prédio que o abrigava era composto por três amplos salões que serviriam de dormitório, bem ventilados e iluminados, refeitórios extensos, salas de aula, biblioteca, banheiros e grandes pátios. O instituto tinha capacidade para receber 300 asilados e a expectativa era que se transformasse em uma instituição modelo destinada a realizar uma obra de “elevação humana” através do cuidado de crianças abandonadas. A polícia deveria encaminhar os menores contraventores ao instituto onde eles receberiam alojamento e instrução se

¹⁴⁷ Essa seção se assemelha muito à *Semana Médica* no jornal homônimo. Esta seção era a última do periódico e tinha uma função informativa e trazia os acontecimentos médicos na Argentina e no mundo.

transformando em indivíduos úteis. A instituição teria a intenção de tirar esses meninos do caminho da “degradação” e da delinqüência. Victor Delfino defendeu a existência de “meios adequados que permitam corrigir ou diminuir as anormalidades que se dão nos indivíduos”¹⁴⁸ e, logo, conseguir diminuir o índice de criminalidade de uma cidade.

Delfino se baseou em Lombroso para afirmar a necessidade de separar os delinqüentes entre aqueles que assim nasceram e os que foram levados a cometer crimes por situações da vida. O último grupo seria maior e a infância e adolescência seriam as épocas cruciais na formação, quando os seus piores instintos poderiam ser exacerbados o que os levaria a realizarem crimes, roubos e a mentira. Esses criminosos onerariam a sociedade e poderiam ser recuperados caso outras medidas, além do encarceramento, fossem tomadas. Medidas terapêuticas seriam a solução, principalmente quando as causas do mal fossem: educação defeituosa, alcoolismo e convívio com pessoas relacionadas com o crime.¹⁴⁹ Ele destacou que uma instituição como essa que “guarda e protege as crianças, reintegrando-as em sua psicologia normal, é mais eficaz e está mais em conformidade em seu fim terapêutico contra o crime.”¹⁵⁰

Victor Delfino foi um entusiasta da fundação do Instituto Tutelar de Menores, pois “reformaria” o jovem delinqüente e contribuiria para a sociedade. Ele assumiu o controle da instituição em 1920. A comunidade médica parabenizou Delfino pelo cargo, entre eles o médico brasileiro Belmiro Valverde e o peruano Honório Delgado.¹⁵¹ Victor Delfino dirigiu o orfanato por três anos e se envolveu na função que exercia. Ele fez com que a instituição participasse de reuniões como o *Tercer Congreso Panamericano Del*

¹⁴⁸ DELFINO, Victor. *Instituto Tutelar de Menores*. Buenos Aires: *Revista de Criminologia*. 5/1918, p 500.

¹⁴⁹ DELFINO, Victor. *Instituto Tutelar de Menores*, p 501.

¹⁵⁰ DELFINO, Victor. *Instituto Tutelar de Menores*, p 502.

¹⁵¹ *Ecos de nombramiento em el extranjero*. Buenos Aires: *La Semana Médica*. 27/05/1920.

Niño, enviando fitas cinematográficas e trabalhos referentes ao funcionamento do Instituto e a temas correlatos como a importância da educação física, a higiene oral, fugas, educação de anormais e os efeitos do alcoolismo.¹⁵²

Os cargos públicos ocupados por Victor Delfino serviram como uma forma de aplicar o seu projeto de nação. A eugenia na Argentina não teve uma assimilação tão rápida e nem conseguiu atrair tantos adeptos como no Brasil.¹⁵³ A Sociedade Eugênica Argentina teve pouca influência na sociedade, pois não apresentou projetos ou encampou idéias. Delfino não conseguiu organizar um congresso para debater o tema ou fundar uma instituição que estudasse medidas para o “aprimoramento” da “raça argentina”. A menor aceitação fez com que Delfino ampliasse seu projeto eugênico e encontrasse outras formas de “agir”. Ele defendeu o combate ao alcoolismo que havia começado nos primeiros anos do século XX. Assumiu a diretoria do Instituto Tutelar de Menores como uma forma de guiar crianças abandonadas e “consertar” aquelas que não eram delinqüentes ainda. Dessa forma, ele desenvolvia o potencial desses meninos, evitava que se tornassem alcoólatras ou criminosos e, conseqüentemente, desonerava o país ao prevenir a sua “degeneração”. Outro cargo que ele assumiu foi o de diretor da *Comision Asesora de Asilos y Hospitales Regionales*. Esta comissão construía, vistoriava e reformava hospitais e asilos, função que também contribuía para a “saúde racial” da Argentina.

¹⁵² *Instituto Tutelar de Menores*. Buenos Aires: *La Semana Médica*. 7/9/1922

¹⁵³ A Sociedade Eugênica de São Paulo contou com 140 membros no momento de sua fundação, enquanto sua similar argentina contou com 28 componentes, sendo que 16 deles participavam por correspondência.

2 – Certificados de casamento

A união de duas pessoas foi um tópico que movimentou a discussão eugênica no mundo todo e recebeu uma atenção especial dos movimentos argentinos e brasileiros. O casamento era o começo da construção de um país, pois dessa união surgiriam os “filhos da nação”. O fruto dessas uniões poderia ser indivíduos prolíficos, fortes, inteligentes, laboriosos, ou seja, eugênicos ou pessoas preguiçosas, estúpidas, doentes, também conhecidos como “degenerados”. Estes seriam aqueles que apresentavam um “desvio das qualidades de origem do indivíduo sob a ação de fatores e circunstâncias involuntárias, sobretudo de ordem congênita e hereditária.”¹⁵⁴

O casamento foi o primeiro tema a ser tratado pelo movimento eugênico brasileiro. Segundo Stepan, a idéia de fundar a Sociedade Eugênica de São Paulo começou a tomar forma numa reunião proposta por Renato Kehl em 1917, na qual se discutiu a proposta de revisão do código civil que permitiria os casamentos consanguíneos entre tios e sobrinhas. A maioria dos médicos presentes se opôs a tais uniões por motivos religiosos ou científicos. Kehl teria aproveitado o ensejo para mostrar o controle dos casamentos com uma das propostas da eugenia. Após a reunião, Kehl enviou uma circular propondo a criação de uma sociedade que estudasse o tema, o que ocorreu no dia do aniversário de São Paulo, 25 de Janeiro de 1918.¹⁵⁵

A discussão em torno do casamento esteve presente no “DNA” do movimento eugênico brasileiro e representou a primeira vitória política da Sociedade idealizada por Kehl. A discussão em torno da modificação do Código Civil foi o primeiro debate em que

¹⁵⁴ CASTAÑEDA, Luzia. Eugenia e casamento. In: *História, Ciências, Saúde*. Vol 10(3) 901-30, set-dez 2003. Manguinhos - Rio de Janeiro.

¹⁵⁵ STEPAN, Nancy. *The Hour of Eugenics*. Ithaca and London: Cornell University Press, 1991, p 47.

a Sociedade se envolveu. Eles foram contrários à modificação do Código Civil e realizaram uma campanha na sociedade brasileira como forma de obter apoio para a sua causa. Em um texto apresentado a Academia Nacional de Medicina em 1920, Renato Kehl criticou a aprovação da modificação do Código Civil no Senado. Kehl esperava que tal apoio não fosse obtido na câmara, pois tal modificação seria incongruente e estaria sendo combatida por várias agremiações.¹⁵⁶ O código não foi modificado o que podemos considerar a primeira vitória do movimento ao manter a única medida de “profilaxia matrimonial” existente no Código Civil.¹⁵⁷

A discussão em torno da consangüinidade chegou a Academia Nacional de Medicina. O tópico foi proposto pelo Dr. Moncorvo Filho na sessão de 4/9/1919. A discussão em torno do casamento continuou ao longo dos anos 1920 e 1930, principalmente nos textos de Renato Kehl. Para ele muitas lágrimas poderiam ser evitadas se a sociedade atual se convencesse da importância biológica do exame pré-nupcial. Tais certificados deveriam ser exigidos da mesma forma que se exigia certificados de vacina no ingresso das crianças na escola. O autor não entendia a razão pela qual exigíamos comprovantes de residência e papéis sem valor para os cônjuges e nos descuidávamos da saúde desses indivíduos e conseqüentemente do legado que eles deixariam para seus filhos.¹⁵⁸

Kehl defendeu a modificação do Código Civil “de modo a estabelecer a exigência do exame ante-nupcial e a proibição do matrimônio de todos os indivíduos degenerados, criminosos, ou que por qualquer circunstância fossem considerados inaptos para as boas

¹⁵⁶ KEHL, Renato. *O casamento em face da eugenia*. Rio de Janeiro: *Brazil-Médico*, 18/9/1920. P 626.

¹⁵⁷ CASTAÑEDA, Luzia. Eugenia e casamento, p 920.

¹⁵⁸ KEHL, Renato. *Las asociaciones eugênicas*. Buenos Aires: *La Semana Médica*, 13/3/1919. P 277.

procriações.”¹⁵⁹ Os exames deveriam ser regulados por lei e proibir taxativamente o casamento daqueles incapazes de gerarem filhos “eugenicamente perfeitos”. Os casamentos entre indivíduos “disgênicos”, portadores de taras e vícios, causariam 80% das mortes entre os recém-nascidos. Além disso, o fruto dessas uniões seriam pessoas com algum tipo de problema: “surdez, mudez, lábio leporino, hidrocefalia, raquitismo, desvio dos ossos”.¹⁶⁰

A fim de obter apoio dos demais membros da Academia Nacional de Medicina, Kehl destacou os projetos anteriores de Souza Lima do final do século XIX, no qual ele defendia a possibilidade dos pais ou tutores exigirem dos futuros genros ou noras o exame de sanidade antes de aprovarem a união. A tentativa do autor foi mostrar que o tema não era originário de suas idéias, mas já vinha sendo discutido por décadas. A necessidade de identificar uma “tradição eugênica” no Brasil e na humanidade, de um modo geral, foi uma prática discursiva comum nos textos do autor. Em outros artigos o autor destacou a história do aperfeiçoamento humano dos templos bíblicos até a Grécia.¹⁶¹ Apesar de ser uma “nova ciência” a eugenia possuía raízes e teria sido praticada pela humanidade em outros momentos de sua história. Kehl também destacou a aprovação do certificado em outros países como Estados Unidos e Noruega e a sua discussão no Uruguai. Esta foi outra estratégia discursiva utilizada pelo autor, que tentava demonstrar a plausibilidade de suas propostas pela aceitação que essas receberam em outros países do mundo.

¹⁵⁹ KEHL, Renato. *O casamento em face da eugenia*, p 626.

¹⁶⁰ KEHL, Renato. *O casamento em face da eugenia*, p 627.

¹⁶¹ Alguns textos de Kehl trouxeram a “história da eugenia”, entre eles: *La eugênica y sus fines*. Buenos Aires: *La Semana Médica* – 19/8/1926. pp 479-480. & A Eugenia no Brasil. Rio de Janeiro: *Anais do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia* – 1929, pp 45-47.

Kehl afirmou entender o amor e reconheceu o direito de “perpetuar a força, a beleza e a inteligência”, mas ele não lhes reconheceu o “direito funesto de gerar deliberadamente a miséria, o aleijão e a dor.” Por isso, defendeu não só o isolamento daqueles indivíduos considerados perigosos para a humanidade, mas também daqueles “perigosos à raça”. A regulamentação eugênica do casamento não havia sido aprofundada devido a um “dogmatismo errôneo e anacrônico da liberdade garantidora dos interesses individuais, mesmo quando de encontro aos interesses superiores de coletividade.”¹⁶² Kehl questionou a liberdade individual e diminuiu sua importância quando os interesses do Estado estivessem em jogo. Ele citou Platão para se fundamentar, pois este entendia ser “ao Estado e não a vontade das partes que está reservado os interesses gerais da República” e mais, “aos magistrados devem estar reservados os direitos para eleger os homens mais vigorosos e mais sãos e as mulheres mais formosas e mais fortes, para delas obter os melhores produtos.” O filósofo grego ainda propôs que se criasse um tribunal que julgaria a viabilidade dos casamentos após examinarem os noivos nus.¹⁶³

Renato Kehl afirmou que o critério salutar de procriar com indivíduos fortes e bonitos sempre existiu na humanidade. Estes costumes eram uma seleção sexual que seguia princípios semelhantes aos da seleção natural. Segundo o autor, os princípios sociais que regiam aquela sociedade teriam “pervertido” essa seleção que foi realizada por diversos povos como os hindus e os gregos. E se antes se pleiteava os interesses da espécie “hoje, pleiteia-se o interesse do indivíduo”.

¹⁶² KEHL, Renato. *A regulamentação eugênica do casamento*. Rio de Janeiro: *Brazil-Médico*. 16/10/1920, p 689.

¹⁶³ KEHL, Renato. *A regulamentação eugênica do casamento*. Rio de Janeiro: *Brazil-Médico*. 16/10/1920, pp 689-690.

Segundo Kehl, a reprodução entre indivíduos portadores de doenças e vícios teria um ônus social enorme. Um exemplo disso seria Max Jukes, um pescador nascido em 1720 cuja prole já somaria 1200 indivíduos ao longo de várias gerações. Dentre eles 300 morreram recém-nascidos, 60 foram ladrões, 370 criminosos diversos, 8 assassinos, 440 vagabundos e 300 ociosos que nunca procuraram trabalho. Calculou-se que 4000 contos teriam sido gastos com hospitais, prisões e asilos para esses degenerados, sem contabilizar o custo dos roubos e homicídios. Renato Kehl tentava mostrar que o custo dessas uniões era muito alto e por isso o Estado tinha direito de intervir na vida do indivíduo tendo em vista o bem comum.¹⁶⁴

Em 1927, um projeto para a adoção do exame pré-nupcial foi proposto por Amaury Medeiros ao Congresso Nacional. A proposta sugeria que outros documentos fossem acrescentados aos já anteriormente mencionados no artigo 180. Entre os documentos estaria “um certificado médico datado de cinco dias, no máximo, antes do ato, sempre que o pai (...) notificar ao juiz o desejo de um exame médico pré-nupcial, ou houver denúncia (...) de que um dos contraentes tem defeito físico irremediável ou grave doença transmissível ao outro cônjuge ou à prole.”¹⁶⁵ As doenças graves transmissíveis seriam a tuberculose, a lepra, a sífilis, a blenorragia, o cancro venéreo, a epilepsia, a idiotia, a imbecilidade e a alienação mental. O projeto não foi convertido em lei, mas causou discussões no Congresso Nacional e em outras instâncias da sociedade. Houve muitas manifestações favoráveis, mas a dificuldade de se estabelecer tal lei num país tão vasto como o nosso tornava o projeto inviável.

¹⁶⁴ KEHL, Renato. *A regulamentação eugênica do casamento*, p 691.

¹⁶⁵ CASTAÑEDA, Luzia. *Eugenia e casamento*, p 920.

O tema continuou a ser discutido no Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, realizado no Rio de Janeiro em 1929. Tópicos como relação idade/casamento, foram discutidos em textos elaborados para apresentação no congresso.¹⁶⁶ Alguns membros da Liga Brasileira de Higiene Mental, como Julio Porto-Carrero, discutiram o tema. A sociedade tinha a intenção de “preservar de psicopatias o indivíduo normal, o predisposto e o anormal, bem como conservar em equilíbrio o estado mental e melhorá-lo”¹⁶⁷, e o certificado era uma maneira de atingir esse objetivo. O debate em torno do tema continuou nos anos 1930, dentro da Liga e no Boletim de Eugenia.

Os certificados de casamento também foram defendidos na Argentina e se tornaram obrigatórios em 1936. Apesar de sua instituição nos anos 1930 o tema já vinha sendo defendido há algum tempo por Emílio Coni. Em uma carta dirigida ao Departamento Nacional de Higiene em 1919, Coni destacou seu interesse no estabelecimento de certificados de sanidade desde a época em que participava da Aliança de Higiene Social, órgão da Liga Argentina contra a tuberculose. Em 1909 no Quarto Congresso Científico em Santiago, Coni apresentou um texto no qual propunha o estabelecimento de uma lei no Registro Civil que obrigasse ambos os cônjuges a apresentarem um certificado de saúde no momento do matrimônio. Os cônjuges não poderiam apresentar “nenhuma tara física importante que os impeça de realizar o enlace (alcoolismo, tuberculose, câncer, etc).”¹⁶⁸ Coni defendeu a exigência do certificado para o matrimônio, partindo do pressuposto de que ao ser exigido em escolas, faculdades,

¹⁶⁶ No índice dos três tomos do Congresso identificamos alguns textos que abordaram o assunto: Consangüinidade – Newton Belleza; Casamento e eugenia - Joaquim Moreira da Fonseca; Exame pré-nupcial e certificado médico – S.Boccanera Neto; O exame pré-nupcial como fator eugênico – Júlio Pires Porto-Carrero e Exame pré-nupcial e alcoolismo – Geraldino do Valle.

¹⁶⁷ OLIVEIRA, Leticia Fagundes. *A Cruzada Eugênica no Brasil*, p 37.

¹⁶⁸ CONI, Emilio R. *Certificado de sanidad de los conyuges*. Buenos Aires: *Revista Farmaceutica*. 5/1919, p 668

deveria essa exigência ser estendida também às uniões matrimoniais, algo de grau mais sério e importante.

Um outro médico de Córdoba, Dr. Alberto Stucchi, também abordou o tema. Em 1919, ele pediu o estabelecimento do certificado pré-nupcial como uma maneira de impedir o matrimônio de alcoólatras, sífilíticos e tuberculosos. O médico cordobense defendia que a qualidade de um país poderia ser medida pela qualidade de seus habitantes e não por sua quantidade. A eliminação de taras resultaria, a médio prazo, no superávit de vidas mesmo com a diminuição de matrimônios. Stucchi se preocupou em responder às possíveis objeções da Igreja Católica quanto ao caráter do matrimônio visto por ela como um contrato natural criado por Deus. O médico rebateu tal argumento utilizando São Thomas de Aquino que afirmou que o objetivo de Deus ao criar o matrimônio foi a perpetuação da espécie dos interesses da sociedade civil e da Igreja.¹⁶⁹

Alberto Stucchi foi um defensor da eugenia na Argentina e também esteve conectado com o movimento eugênico sul-americano através de seu contato com Victor Delfino. Em carta destinada a Renato Kehl, Delfino enviou o endereço de Stucchi para que ele pudesse estabelecer contato com Clementino Fraga e Leonel Gonzaga e programar algumas palestras no Rio de Janeiro. Os dois médicos eram respectivamente presidente e vice-presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro e estavam muito animados em recebê-lo na instituição. O médico argentino poderia realizar conferências sobre medicina social, eugenia e sua especialidade. Percebemos mais uma

¹⁶⁹ PALMA, Hector. *“Gobernar es seleccionar”*; *Apuntes sobre la eugenesia*. Buenos Aires: Jorge Baudino Ediciones, 2002, pp 160-161.

vez o trabalho de Victor Delfino e Renato Kehl para conectarem o movimento eugênico sul-americano.¹⁷⁰

Stucchi não foi o único a defender o exame pré-nupcial na Argentina. Victor Delfino alertou sobre os problemas dos casamentos consangüíneos. A explicação para tal condenação se baseou em a motivos biológicos. O cruzamento de duas pessoas ainda que aparentemente sãs, implicaria em riscos, segundo a teoria de Mendel, de um filho enfermo entre quatro na primeira geração, sendo que dois teriam algum tipo de enfermidade não aparente.¹⁷¹ O plasma enfermo poderia “macular” a descendência, se uma pessoa aparentemente sã se unisse a outra de igual condição. Nesse caso, a união entre primos ou parentes potencializaria os riscos porque ambos poderiam ter características recessivas que só apareceriam em uniões entre heterozigotos. Enfermidades como surdez, mudez, epilepsia, imbecilidade seriam recessivas e poderiam aflorar de casais aparentemente “normais”.¹⁷²

Os casamentos consangüíneos, segundo Delfino, já haviam sido proibidos na Inglaterra, Suíça, Japão, Suécia e Brasil e estavam em processo de proibição na Itália, França, México, Rússia e em mais nove países. Sua proibição envolvia motivos morais sociológicos e biológicos, pois a questão moral seria uma das mais importantes e envolveria a sociológica. A mudança teria ocorrido quando a moral tomou conta do homem e estabeleceu convenções que objetivavam a preservação do bem-estar do indivíduo e as necessidades sociais. Sob o aspecto biológico, seria difícil comprovar os

¹⁷⁰ Carta de Renato Kehl a Victor Delfino. 8/6/1932. Caixa sem número Fundo Renato Kehl/COC/Fiocruz.

¹⁷¹ As leis de Mendel trabalham com características dominantes (A) e recessivas(a). Um indivíduo heterozigoto(Aa) seria aquele que tem a característica dominante e recessiva, mas que aparentemente demonstram apenas a característica dominante. Este indivíduo quando cruza com outro heterozigoto tem 25% de chances de que sua prole seja recessiva (aa).

¹⁷² DELFINO, Victor. *Algunos resultados de los estudios acerca e la herencia normal y patológica de la especie humana*. Buenos Aires: *La Semana Médica*. 18/05/1922, p 811.

danos causados por uniões consangüíneas, pela dificuldade da realização de estudos comprobatórios da existência e doenças e vícios, visto que demandariam um desenho complexo da árvore genealógica dos indivíduos. Entre os vários estudos pode-se estabelecer que a consangüinidade, quando acumulada e repetida, causaria infecundidade e déficits fisiológicos que determinariam neuropatias. O maior perigo residia a apresentação de “taras” pelos cônjuges.¹⁷³ A diferença de idade também foi apontada como um problema comum das uniões consangüíneas. Por estas razões e por motivos preventivos, Delfino pediu que os legisladores aprovassem uma cláusula que proibisse “absolutamente as uniões consangüíneas até terceiro grau inclusive, devo dizer, entre tios e sobrinhos”, sem nenhuma exceção.¹⁷⁴

O exame pré-nupcial foi apontado como a medida eugênica preventiva mais importante, motivo de preocupação na Antiguidade e nas principais nações civilizadas. Delfino aponta que estaríamos vivendo um retrocesso, pois tais medidas já haviam sido adotadas pelos índios, espartanos, lacedemônios e gregos. Victor Delfino utilizou a mesma estratégia discursiva de Renato Kehl ao referendar a eugenia através de uma origem que fundamentaria a sua aplicação no “presente”. Ao utilizar essa técnica, ele destacou que tal medida era apoiada pelos principais “cultores eugênicos” do mundo como Mjoen, Darwin, Pinard e Kehl. Segundo Delfino, pouco se discutia na Argentina e na América sobre os certificados, salvo Cuba, México e atualmente o Brasil. Os esforços brasileiros foram exaltados pelo eugenista argentino que descreveu Belisário Penna e

¹⁷³ DELFINO, Victor. *La consanguinidad en sus relaciones con el matrimonio*. Buenos Aires: *La Medicina Argentina*. 6/1926, pp 51-53

¹⁷⁴ DELFINO, Victor. *La consanguinidad en sus relaciones con el matrimonio*, p 53

Renato Kehl como defensores contumazes da eugenia e “seus amigos e companheiros de ideal social”.¹⁷⁵

Delfino defendeu que os certificados fossem obrigatórios e argumentou de maneira semelhante a Renato Kehl, ao afirmar que os interesses do coletivo deveriam prevalecer sobre o interesse particular. A sociedade teria o “dever de constituir uma raça forte e sã, capaz de realizar sem tropeços os seus destinos no mundo”.¹⁷⁶ O grande problema para estabelecer a obrigatoriedade do exame era a dificuldade de garantir que aquele indivíduo estaria isento de qualquer enfermidade ou “tara” e que teria uma vida saudável. O exame poderia ser feito algumas semanas ou meses antes do noivado. Tuberculose, demência e idiotia seriam casos de interdição total, já a sífilis levaria a interdição temporária, sendo permitido o casamento depois de tratada.¹⁷⁷

Delfino admirava o trabalho realizado por Renato Kehl no Brasil, “um dos mais importantes eugenistas do mundo”, e seus trabalhos sobre certificado de casamento se aproximaram muito da argumentação do autor brasileiro. Os dois apresentaram a seleção dos cônjuges como algo comum em várias outras civilizações e que teria se perdido na sociedade atual. Os seus textos clamavam por uma urgência na adoção dessas medidas, pois outros países já as tinham adotado e suas nações se encontravam na traseira da civilização ocidental. Os dois autores desconsideraram os interesses individuais em detrimento dos interesses coletivos. Kehl foi mais profundo e utilizou Platão para fundamentar seu ponto de vista.

¹⁷⁵ DELFINO, Victor. *El certificado de sanidad para conyuges*. Buenos Aires: *Clinica y Laboratorio*. 1930 (número XV), p 35.

¹⁷⁶ DELFINO, Victor. *El certificado de sanidad para conyuges*, p 36.

¹⁷⁷ DELFINO, Victor. *El certificado de sanidad para conyuges*, p 37.

Victor Delfino escreveu mais textos sobre as uniões consangüíneas, algo com que Kehl não precisou mais se preocupar após a derrota da proposta de modificação do Código Civil no congresso. Delfino utilizou argumentos científicos baseados nas leis de Mendel para a condenação de tais uniões. A proximidade “genética” aumentava a probabilidade de “taras” e vícios recessivos aflorarem. Apesar da defesa da proximidade genética, Delfino não apresentou nenhum estudo sobre a união de raças diferentes que apresentasse uma menor probabilidade de recessividade devido a uma maior diferença hereditária. As teorias de Darwin levantavam essa possibilidade, a partir do momento em que a probabilidade de um indivíduo de sobreviver a diferentes situações impostas seria maior se ele possuísse uma variedade de características, que um dia lhe poderiam ser úteis. Apesar dessas possibilidades, o autor argentino não cogitou essa proposta. Delfino utilizou argumentos morais para fundamentar a sua proposição e não apenas teorias científicas. Esse argumento foi usado provavelmente devido ao público católico que se tentava alertar.

Renato Kehl enfocou em seus textos a aprovação dos certificados de casamento, que só seriam enfatizados na obra de Delfino nos anos 1930. O eugenista brasileiro se esforçou mais para aprovar os exames no Brasil do que Delfino na Argentina. Kehl tentou obter apoio da Academia Nacional de Medicina, deu espaço para que o tema fosse abordado no Boletim de Eugenia e no Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia. Ele utilizou de estratégias discursivas ao mostrar o ônus financeiro e social dos casamentos entre “degenerados”. O trabalho de Kehl inspirou Delfino e provavelmente influenciou sua argumentação. O autor argentino considerou Kehl uma referência no assunto. Apesar de seus esforços e de projetos como de Amaury Medeiros em 1927, os certificados não

foram aprovados no Brasil, ao contrário da Argentina cuja aprovação se deu em 1936, num período mais conservador em que o movimento eugênico radicalizou o seu discurso influenciado pelo italiano Nicolas Pende.

3 – Educação e higiene

Os intelectuais brasileiros da Primeira República assumiram, em sua grande maioria, cargos públicos. Renato Kehl não fugiu à regra e foi responsável pela organização do serviço de propaganda e educação higiênica da Inspetoria da Lepra e Doenças Venéreas, convite que recebeu em dezembro de 1920.¹⁷⁸ Segundo Souza(2006), Renato Kehl era o responsável por cuidar da educação e da propaganda higiênica e antivenérea no Departamento Nacional de Saúde Pública. Ele realizou campanhas educativas sobre saneamento e profilaxia rural. “Além das campanhas realizadas através da imprensa, Kehl foi incumbido de organizar conferências públicas, elaborar boletins, folhetos e cartazes educativos que orientassem a população quanto aos preceitos da higiene e do saneamento.”¹⁷⁹ Entre outras atribuições assumiu a organização do Museu de Higiene em 1922, como parte da comemoração do centenário da independência do Brasil.¹⁸⁰

A educação foi de enorme importância para o projeto eugênico de Kehl, que tinha a intenção de difundir os conhecimentos da “ciência de Galton” e de ser ouvido pelos diversos grupos, crianças, mães, jovens, intelectuais, trabalhadores rurais, médicos ou políticos. As crianças deveriam aprender os “ensinamentos” eugênicos desde a mais tenra

¹⁷⁸ SOUZA, Vanderlei Sebastião de. *A política biológica como projeto*, p 104

¹⁷⁹ SOUZA, Vanderlei. *A política biológica como projeto*, p 105.

¹⁸⁰ Fundo Renato Kehl – COC/Fiocruz

infância. Kehl mostrou surpresa ao perceber que a higiene era sempre um assunto ensinado em conjunto com as ciências físicas e naturais. Para o autor, a higiene, que naquele período era parte da eugenia, deveria “constituir uma disciplina à parte e ser ministrada pelo menos 3 a 4 vezes por semana.”¹⁸¹ Essa disciplina deveria ser extremamente prática e experimental como uma maneira de ensinar os hábitos necessários para as crianças. A educação teria um papel importante na conscientização, pois, para exterminar doenças, “os trabalhos oficiais de profilaxia e saneamento, faz-se mister que o povo se eduque nos preceitos elementares da higiene e auxilie esses serviços prestigiando-os e obedecendo-os conscientemente”.¹⁸²

Renato Kehl esteve ciente da necessidade de educar as crianças com preceitos de higiene e eugenia desde novos. Em 1923, Kehl escreveu para o público infantil uma “cartilha de higiene” intitulada “Fada Hygia”. Adotado em algumas escolas de São Paulo e Rio de Janeiro em 1924, o livro “ensinaria as crianças a preservar e defender a saúde, melhorando e preparando a constituição física em evolução.”¹⁸³ Victor Delfino elogiou esta obra por sua linguagem objetiva e de fácil compreensão, que só encontraria igual nos livros do Conselho Nacional de Saúde dos Estados Unidos.¹⁸⁴ Delfino ficou lisonjeado com a proposta de Kehl para que o livro fosse por ele traduzido para o espanhol, o que foi aprovado pelo autor argentino que esperava fazer o trabalho assim que o Conselho de Educação Argentino aprovasse a distribuição da obra para as escolas platinas.¹⁸⁵

Para Renato Kehl, a eugenia positiva era aquela responsável por favorecer a procriação saudável e multiplicar aqueles indivíduos considerados “eugênicos”. A

¹⁸¹ KEHL, Renato. *Bíblia da Saúde*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1926, pp71-72

¹⁸² KEHL, Renato. *Bíblia da Saúde*, p 72.

¹⁸³ SOUZA, Vanderlei. *A política biológica como projeto*, p 112.

¹⁸⁴ *A Fada Hygia*. Buenos Aires: *La Semana Médica*. 15/01/1925. (recorte)

¹⁸⁵ Carta de Victor Delfino a Renato Kehl – Fundo Renato Kehl – COC/Fiocruz

eugenia positiva tem como objeto a “educação moral da juventude, para que ela constitua no futuro, pais e mães, em condições de gerar uma prole sã, robusta e bela.”¹⁸⁶ O fim do analfabetismo poderia ser considerado o primeiro passo para a aplicação da eugenia e da obtenção da regeneração “moral” do indivíduo. Conforme ressaltou Souza(2006), o fim da educação para Kehl “consistiria na preparação completa para a vida, especialmente na cultura do espírito e do corpo, no robustecimento do caráter e na elevação do civismo”.¹⁸⁷ A educação serviria como parte do processo de eugeniização da nação que seria obtida através do saneamento viabilizando o Brasil para atingir “a grandeza política, econômica e racial”.¹⁸⁸

A população brasileira conseguiria melhorar as suas qualidades físicas e intelectuais através de reformas que modificassem a educação, saneamento e a higiene. O interesse da nação estava em jogo, por isso caberia “aos políticos, médicos, pais e mestres a responsabilidade de cuidar, controlar, vigiar e educar os hábitos alimentares e higiênicos dos filhos, a fim de torná-los saudáveis, robustos e belos.”¹⁸⁹ Victor Delfino também se preocupou com a alimentação das crianças que deveria ser rica em “cálcio, e consistente em cereais, fruta, pão integral” para que os dentes das crianças fossem sempre saudáveis. Dentes bem cuidados demonstrariam boas condições físicas e poderiam representar uma melhora nas “condições físicas, mentais e econômicas da raça humana”.¹⁹⁰

¹⁸⁶ KEHL, Renato. *Los problemas de la degeneración de las razas*. Buenos Aires: *La Semana Médica*. 14/10/1920, p 530.

¹⁸⁷ SOUZA, Vanderlei. *A política biológica como projeto*, p 110.

¹⁸⁸ SOUZA, Vanderlei. *A política biológica como projeto*, p 109.

¹⁸⁹ SOUZA, Vanderlei. *A política biológica como projeto*, p 113.

¹⁹⁰ DELFINO, Victor. *La Higiene oral y principalmente en el niño*. Buenos Aires: *La Semana Médica*. 28/9/1922, p 656.

A eugenia argentina manifestou os seus propósitos disciplinadores envolvendo medidas de “profilaxia social”. A educação eugênica assumia uma preponderância inusitada ao constituir na pré-condição do Estado para evitar que suas ações fossem assistencialistas. Segundo Vallejo, autores das orientações políticas mais diversas como os liberais Victor Mercante e Carlos Bunge e a socialista feminista Raquel Camaña sustentaram a importância da educação no projeto eugênico argentino.¹⁹¹ A educação eugênica cumpriria com o objetivo de criar gerações cada vez “melhores” que as anteriores e, como defendeu Bunge, impulsionaria ao “aperfeiçoamento ao infinito”.

A escola seria o lugar qualificado de experimentação onde o mais apto seria selecionado. De acordo com Vallejo, alguns pensadores argentinos enxergavam na educação a possibilidade de preservar uma “elite meritocrática” na qual os estudantes estariam protegidos dos males externos que poderiam colocá-los em perigo.¹⁹² A escola, para Victor Delfino, também teria o papel de realizar a profilaxia social contra “os clássicos azotes, a tuberculose, o alcoolismo e o tabaquismo.”¹⁹³ A escola ajudaria a família a romper com as práticas rotineiras de outrora e a colocar em uso práticas higiênicas trazendo inovações nos hábitos de milhares de pessoas. As novas doutrinas higiênicas ensinadas por educadores e pelos médicos ajudariam os proletários a conservar a saúde e a recuperarem “eficazmente a perda de resistência para a luta”. Nesse sentido, a educação e a higiene andariam juntas promovendo uma conscientização da sociedade sobre sua eficácia e necessidade.

¹⁹¹MIRANDA, Marisa & VALLEJO, Gustavo. *La eugenesia y sus espacios institucionales en Argentina*. In: MIRANDA, Marisa & VALLEJO Gustavo (Org). *Darwinismo social y eugenesia en el mundo latino*. Buenos Aires: Siglo XXI de Argentina, 2005, p 150.

¹⁹² MIRANDA, Marisa. *La eugenesia y sus espacios institucionales en Argentina*, p 154.

¹⁹³ DELFINO, Victor. *Higiene y proletariado*. Buenos Aires: *La Semana Médica*. 17/4/1919, p 408

O movimento sindical na Argentina foi extremamente organizado e conseguiu pressionar o governo em greves gerais que, algumas vezes, atingiam outras cidades além de Buenos Aires. Após os tumultos por eles causados na Semana Trágica em 1919, o país passou a temê-los e buscou controlá-los. Entre os anos 1920 e 1930 houve quatro principais centrais trabalhadoras no país: USA, COA, FORA anarquista e CUSC.¹⁹⁴ Ao perceber a organização dos trabalhadores em associações e sindicatos, Victor Delfino ampliou suas propostas de educação, visando essa classe trabalhadora. Tendo em vista essa realidade, Delfino propôs a elaboração de “um programa lógico e metodológico que compreenda a higiene individual em si, a higiene individual da casa e da fábrica” o que poderia ser o ponto de partida “ de uma ação eugênica organizada pelo Estado com cooperação das sociedades operárias, dos sindicatos e dos particulares (escolas profissionalizantes, universidades populares ...).”¹⁹⁵

Delfino afirmou que não bastava “apenas” gerar leis e decretos que não seriam necessariamente seguidos. As melhores medidas não seriam cumpridas e o sucesso só seria obtido quando o povo percebesse que essas leis foram ditadas para o seu próprio benefício. A cruzada da higiene do proletariado necessitava de homens inteligentes, ativos e sinceros, que “expliquem ao trabalhador mediante noções elementares (...), os preceitos de higiene social” de uma maneira compreensível.¹⁹⁶ Esse texto escrito em 1923 mostra uma visão madura, sensível e pronta a dialogar com o movimento sindical. O

¹⁹⁴ FALCON, Ricardo & MONSERRAT, Alejandra. *Estado, empresas, trabajadores y sindicatos*. In: FALCON, Ricardo (Org). *Democracia, conflicto social y renovación de ideas (1916-1930)*. Buenos Aires: Editorial Sulamericana, 2000, p 184.

¹⁹⁵ DELFINO, Victor. *Algunas reflexiones sobre la higiene del obrero*. Buenos Aires: *La Semana Médica*. 29/3/1923, p 610.

¹⁹⁶ DELFINO, Victor. *Algunas reflexiones sobre la higiene del obrero*, p 610.

cuidado de Delfino provavelmente se deveu ao fato de acreditar que o futuro da nação depender da solução do problema do proletariado.

A escola ocuparia outra função no projeto de “nação eugênica” de Delfino, além de melhorar as condições de vida do proletariado. A infância seria o período da vida em que as psicopatias se manifestariam pela primeira vez. A escola teria a complexa missão de identificar os “anormais” e os “atrasados” e caberia a ela submeter esses indivíduos a um ensino adaptado a suas “deficiências psíquicas”. Crianças com neuropatias poderiam deter o desenvolvimento das suas taras caso tivessem uma educação especial.¹⁹⁷ A escola seria o lugar onde os maiores danos eram causados àqueles que possuíam uma predisposição psicopática. Por esta razão, a escola deveria ser o lugar de investigação e prevenção das neuropatias.¹⁹⁸

A escola teria um papel fundamental na profilaxia mental e na higiene mental de um país, pois deteria a progressão das neuropatias. A identificação desses problemas ajudaria na adequação ao trabalho a partir do momento em que esses indivíduos poderiam procurar ambientes de trabalho mais apropriados para os seus problemas. Logo, indivíduos com determinadas fragilidades poderiam trabalhar em funções mais condizentes com baixa luz ou pouco ruído de acordo com as suas necessidades.¹⁹⁹ O primeiro ponto de seu plano de profilaxia mental era a educação especializada. Os outros pontos foram a higiene do ambiente de trabalho do operário, de acordo com a sua função; tratamento precoce dos transtornos mentais e vigilância para evitar recaídas; criação de serviços abertos e instituições para tratamento de psicopatias cujo trabalho pode

¹⁹⁷ DELFINO, Victor. *Liga de profilaxis y de higiene mental*. Buenos Aires: *La Semana Médica*. 4/8/1921, p 148

¹⁹⁸ DELFINO, Victor. *La higiene mental en las diferentes naciones de América*. Buenos Aires: *Revista Científica Argentina*. 1924, p 14

¹⁹⁹ DELFINO, Victor. *Liga de profilaxis y de higiene mental*, p 148.

continuar em domicílio com supervisão adequada; difusão das noções de profilaxia e higiene mental e reforma de alguns ambientes arcaicos de assistência a psicopatas.²⁰⁰

A educação fez parte do projeto de Delfino que envolveu a higiene “corpórea” e mental da nação. A educação física seria responsável pelo saneamento do corpo, e a sua questão deveria “revestir no nosso país um interesse capital. Trata-se, de fato, de uma raça pujante e vigorosa, que é necessário conservar, vendo o crescimento, seu capital biológico”²⁰¹. A preservação da raça tinha como objetivo proteger os seus representantes de enfermidades como alcoolismo, bem como de habitação insalubre. Segundo Delfino, o país já contaria com algumas sociedades de educação física que criavam um cidadão, flexível e resistente, moldado pela ginástica e atletismo capaz tanto de atacar quanto de defender, com ou sem armas. A educação física deveria ser introduzida na escola, unindo-se à educação intelectual. Ele propôs a reforma no ensino com uma educação física padronizada e que seguiria as instruções do Instituto Superior de Educação Física. Dessa forma, um programa de saneamento da juventude promoveria “a sanidade e o desenvolvimento cada vez mais pujante da raça.”²⁰²

A “raça argentina” foi descrita como pujante e vigorosa e a missão dos médicos seria a manutenção desse bom “capital biológico” que a nação possuía. Delfino não condenava o povo argentino, ele enxergava uma boa “matéria-prima” que precisava apenas ser protegida de alguns males que rondavam as nações modernas. Os grandes problemas seriam as enfermidades de “transcendência social” como a tuberculose, o alcoolismo e a habitação insalubre, que poderiam “contaminar” a nação “degenerando” a sua “bela raça”. O movimento argentino via na eugenia a “missão” de manter a “raça

²⁰⁰ DELFINO, Victor. *La higiene mental en las diferentes naciones de América*, p 14

²⁰¹ DELFINO, Victor. *La educación física*. Buenos Aires: *La Semana Médica*. (recorte avulso s/data).

²⁰² DELFINO, Victor. *La educación física*. (recorte avulso s/data).

argentina”, que era originalmente “boa”, ao contrário do movimento eugênico brasileiro que procurou “curar” o povo brasileiro “degenerado” pelas péssimas condições sanitárias.

Victor Delfino afirmou que a ação do governo era lenta na consecução de atos previstos em leis e outros destinos, por isso ele optou pela ação para salvar a “raça argentina”, pois quase nada seria feito se a sociedade dependesse apenas de medidas oficiais. Ele defendeu que o capital biológico e psíquico dos filhos argentinos fosse fomentado. Para isso, um grande número de instituições que trabalhassem separadamente na proteção e assistência da infância deveria ser coordenado, formando uma base para o futuro edifício “nipiológico”²⁰³ nacional. Essas instituições poderiam ser das mais diversas “dispensários, gotas de leite, consultas de lactantes, restaurantes para mães pobres, mutualidades maternais, jardins de infância, etc”. Essas instituições que contemplariam o porvir da raça seriam unidas num instituto.²⁰⁴

O cargo de diretor do Instituto Tutelar de Menores pode ser considerado como uma ação de Victor Delfino rumo à prevenção das “enfermidades sociais” no país. Ele pretendia nessa instituição salvar alguns desses meninos que estavam a caminho da “degeneração”. A eugenia preventiva e positiva seriam o mote principal da política eugênica de Delfino que unia educação e higiene. Ele escreveu outros textos nos quais se preocupou com a higiene das prisões, que seria de extrema importância mas, muitas vezes era esquecida pelos governantes. As prisões também o preocuparam por serem centros de “regeneração”, que só seria obtida através “da educação, da instrução, um regime disciplinário, do trabalho e da liberdade condicional”, ou seja, um período

²⁰³ Nipiologia foi a ciência responsável pelo aleitamento e outros cuidados para a primeira infância.

²⁰⁴ DELFINO, Victor. *El Social Work..* Buenos Aires: *La Semana Médica*. 23/2/1922.

transitório de retorno aos “hábitos sociais” perdidos nos tempos de cárcere.²⁰⁵ Ele defendeu ainda a criação de um Ministério de Sanidade que transformaria a higiene pública numa “medicina política”, que ajudaria a “governar o povo e a aperfeiçoar a raça.”²⁰⁶ Esse Ministério defenderia a raça e ajudaria a aprovar um Código Sanitário, ainda inexistente em outros países do continente, que ajudaria a organizar uma política higiênica para o país.

A educação foi vista pelos dois autores como crucial para a fundação de uma consciência eugênica que formaria um indivíduo ciente das noções de higiene, da periculosidade de determinados hábitos e doenças (alcoolismo, sífilis e tuberculose) e da importância da seleção do cônjuge ideal. Como afirmou Laura Azcona, “a escola devia ensinar o que não se aprendia na família, os valores da época como o asseio pessoal e o patriotismo”, logo, “os princípios higiênicos e morais eram transmitidos mediante as ações cotidianas, pelas atitudes que formularam parte do inconsciente e por livros e textos”.²⁰⁷ No caso de Kehl, a importância da educação foi maior na década de 1920 sendo minimizada nos anos 1930. Para Delfino, cuidar das crianças era uma forma de agir e evitar que o povo argentino se “degenerasse”.

²⁰⁵ DELFINO, Victor. *Higiene de las prisiones*. Buenos Aires: *La Semana Médica* .11/12/1924, p 1397

²⁰⁶ DELFINO, Victor. *El problema sanitario nacional y el Ministerio de Sanidad*. Buenos Aires: *La Semana Médica*. 6/9/1923, p 529

²⁰⁷ AZCONA, Laura. *Los manuales escolares: las ideas higienistas en educación*. In: DI LISCIA, Maria. *Médicos y maestros: Higiene, eugenesia y educación en Argentina (1880-1940)*. Santa Rosa, Arg:Editorial de la Universidad del Pampa, 2004, p 168. (Apud)

4 – Imigração

A imigração foi um tema muito debatido na Argentina e no Brasil nos séculos XIX e XX. Os dois países viram no imigrante europeu um caminho seguro para se formar uma nação branca, civilizada e mais próxima possível da Europa. Europeus dóceis, laboriosos e dispostos a recomeçarem suas vidas num outro continente eram vistos como a solução para esses países cheios de índios ou negros. Para os defensores da eugenia no início do século XX o ponto crucial da discussão não era necessariamente quais povos deveriam ser atraídos, mas quais daquelas populações ou pessoas não deviam ser aceitos. As grandes massas migratórias haviam chegado aos dois países no final do século XIX e nas décadas de 1920 e 1930 o número de imigrantes já não era tão grande. Os intelectuais desses países começaram a discutir o tipo de europeu que entrava no país, ou os não europeus que desembarcavam nos portos. As nacionalidades continuaram sendo importantes, mas esses pensadores começaram a analisar a saúde e escolaridade dessas pessoas.

No Brasil, alguns projetos de lei como o do deputado mineiro Fidélis Reis em 1923 procuraram estabelecer normas “disciplinadoras” e de incentivo à imigração. De acordo com o parlamentar deveríamos vedar a entrada de colonos negros e restringir a entrada dos amarelos a uma cota de 5% do número de colonos já residentes no país. Reis ainda apontava uma necessidade de incentivo à imigração branca e advertia que nenhum interesse econômico era mais importante que a “formação étnica da nacionalidade”.

“Não queremos, Senhor Presidente, nem é nosso desejo, abrir aqui em debate sobre a controvertida questão da superioridade ou inferioridade das raças, embora com Gobineau propensos a admitir a influência decisiva e incontestável do sangue ariano, ou antes, do louro doliocefalo de Lapouge e Huxley em todos progressos da civilização.”
(...)

“Baste-nos o erro que consistiu na imigração do preto. Não reincidamos em igual erro com o amarelo. Que importa o interesse econômico de natureza transitória? Aproveite-nos no caso a lição americana.”²⁰⁸

A fala de Fidélis Reis mostra o discurso racial de superioridade branca sobre as demais raças e destaca os Estados Unidos como exemplo de política imigratória devido à bem sucedida atração de populações européias. Os japoneses, descritos como amarelos, também eram condenados e deveriam ser proibidos de ingressar no Brasil. O projeto de lei não chegou a prosperar na Câmara, mas fora dela recebeu várias opiniões favoráveis de pensadores e instituições da época. Oliveira Vianna propôs que a proibição não se limitasse à entrada dos negros, mas de qualquer outra raça que não fosse branca e européia. A Academia Nacional de Medicina presidida por Miguel Couto apoiou a proposta através de uma resolução aprovada na ocasião.²⁰⁹

Os japoneses constituíram a nacionalidade não européia que mais causou discussão entre os intelectuais brasileiros, devido ao grande número de imigrantes que entravam nos portos brasileiros. Médicos, higienistas, políticos e educadores viram no japonês um povo avesso à assimilação e danoso à nacionalidade brasileira. Segundo Oliveira Vianna, “O japonês é como o enxofre: insolúvel. É este justamente o ponto mais delicado do seu problema imigratório, aqui como em qualquer outro ponto do globo”²¹⁰. Entre os autores contrários a entrada desse povo, Arthur Neiva, Miguel Couto e José Félix Alves Pacheco se destacaram como “os três heróis da campanha anti-nipônica”, e

²⁰⁸ REIS, Fidélis & FARIA, João. O problema imigratório e seus aspectos étnicos, p.22-4. Apud: CARNEIRO, Valdemar. *A crise da Imigração Japonesa no Brasil (1930-1934): Contornos diplomáticos*. Brasília: IRPI, 1990, pp 35 e 36

²⁰⁹ CARNEIRO, Valdemar. *A crise da imigração japonesa no Brasil*, p 97.

²¹⁰ VIANNA, J.F. Oliveira. *Raça e Assimilação*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1932, p 205.

discutiram o tema ao longo dos anos 1920 e 1930.²¹¹ De acordo com Lesser²¹², os nativistas utilizavam argumentos de ordem biológica e nacionalista para afirmar que os imigrantes japoneses traziam uma doença “que não era interna”, usando questões de saúde como uma arma para a invasão do Brasil.²¹³

Renato Kehl esteve entre os intelectuais que discutiram o tema da imigração japonesa no Brasil. Ele se dizia contrário à entrada desses imigrantes, pois os produtos de caldeamentos heterogêneos seriam sem nenhuma dúvida “inferiores”. Esses seriam, segundo ele, os pareceres de Agassiz, Darwin, Spencer, Hellwald, Richet e outros. O problema em atrair imigrantes da raça amarela seria uma questão antropológica e não um problema econômico. Kehl afirmou que o Brasil ainda buscava realizar a integração dos diversos troncos constituidores da sua nacionalidade, através de uma depuração e homogeneização. Tendo em vista a dificuldade desse processo Kehl perguntava: “para que complicar a situação acrescentando outros elementos étnicos e socialmente tão diversos? Para que atrasar a nossa química racial no seu lento trabalho de depuração?” Broca e Richet foram os principais autores utilizados por ele para se posicionar “cientificamente” contrário a essa miscigenação. Para Kehl, “o nosso país grandioso e hospitaleiro deveria conservar suas fronteiras abertas para todos que querem colaborar na obra nacional de paz e de trabalho”. Apesar dessa afirmação, ele julgava que não se deveria “fomentar a imigração de indivíduos de raças como negra e amarela. Bastam-nos os que aqui aportam espontaneamente....e não são poucos.”²¹⁴

²¹¹ LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional; imigração, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2001, p 178.

²¹² Jeffrey Lesser escreveu sobre a negociação da identidade nacional pelos imigrantes “não brancos”, como sírios, libaneses e japoneses.

²¹³ LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional*, p 179

²¹⁴ KEHL, Renato *Questões de raça- O Dr. Renato Kehl diverge da opinião dos que são favoráveis a imigração japonesa*. Rio de Janeiro: Correio da Manhã. 16/05/1924. (recorte avulso)

Apesar de não demonstrar uma visão racializada em grande parte de seus textos, Kehl defendia claramente uma hierarquia racial na qual os brancos ocupavam lugar de destaque, os amarelos, negros e “degenerados” tinham péssimas avaliações. O autor sempre tomou cuidado ao abordar assuntos como certificados de casamentos ou esterilização, e nunca condenou grupos raciais inteiros a tais medidas, e sim indivíduos que possuíssem “taras”, vícios e doenças. No primeiro capítulo do seu livro *Melhoremos e Prolonguemos*, Kehl afirmou que o brasileiro não poderia ser considerado degenerado do ponto de vista étnico. O nosso povo seria fruto do caldeamento de outros tipos de sangue provenientes de três diferentes troncos raciais. O resultado de tal infusão teria sido o caboclo, um tipo “forte, resistente, valente e patriota”. Os cablocos seriam “o padrão do homem eugenizado e, como ele, resistente às grandes fadigas, às intempéries, à fome” e tipos como esse não haveria muitos na terra. Este homem forte estaria apático e atrasado “porque está doente, porque deixaram-no a mercê da ignorância, porque o caboclo infelizmente não conhece ainda as leis que regem a saúde.”²¹⁵

A visão positiva do caboclo apresentada nesse livro de 1922 é muito próxima à do movimento sanitarista, que acreditava no seu trabalho para “regenerar” o homem do sertão. A visão negativa sobre a mestiçagem no artigo publicado dois anos depois mostra uma contradição no discurso de Kehl. Acreditamos que essa contradição pode ser explicada pela existência de dois discursos sustentados pelo autor. O primeiro esteve próximo ao movimento sanitarista brasileiro e era menos racialista e mais positivo, pois esta era a imagem da eugenia que Renato Kehl queria “vender”. A nova ciência por ele defendida não era muito popular no Brasil e por isto ele a associou ao movimento

²¹⁵ KEHL, Renato. *Melhoremos e prolonguemos a vida, a valorização eugênica do homem*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1922, pp 42-43.

sanitarista, de grande apelo na intelectualidade do período, como uma forma de divulgar suas novas idéias. Uma eugenia “mais branda” e menos radical era útil para um primeiro estágio e depois que essa ciência fosse conhecida e bem estruturada, medidas mais radicais poderiam ser defendidas. O tema foi focado nos anos 1920, de forma consistente, apesar de ter um caráter mais brando, mas torna-se um discurso radical nos anos 1930.

A imigração foi um tema secundário na obra de Renato Kehl, o que não quer dizer que ele não tenha se engajado e participado dos principais debates e decisões tomadas sobre o assunto. Kehl juntamente com Xavier de Oliveira propôs que o Brasil limitasse a entrada de não-europeus no país, durante o Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia realizado em 1929 no Rio de Janeiro. A moção foi derrotada por uma pequena margem devido à argumentação contundente de Edgard Roquette-Pinto. Kehl ainda participou de uma comissão especial designada por Getúlio Vargas em 1934 para examinar a questão da imigração assíria, que tinha sido proposta pela Liga das Nações. A comissão era chefiada por Oliveira Vianna e composta por Roquette Pinto, Dulphe Pinheiro Machado, e dois membros da Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, Raul de Paula e Nicolão Debané. Segundo Lesser, essa comissão teve um viés xenófobo e sua decisão não foi modificada nem mesmo com os bons pareceres sobre os assírios residentes nos Estados Unidos enviados pelos diplomatas brasileiros de Washington.²¹⁶

Uma carta enviada por Renato Kehl a Xavier de Oliveira foi lida em plenário na discussão em torno do estabelecimento de cotas aos imigrantes, que afetava principalmente os japoneses. A carta consta nos anais.

²¹⁶ LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional*. P 128.

“É um crime de lesa-pátria permitir a entrada indistinta, e anárquica, em massa de imigrantes, sobretudo asiáticos, no nosso país. A tanto equivale transformar o Brasil numa verdadeira “Sapucaia” de raças.

Precisamos que alguém se levante com energia e diga estas coisas, sem reboços, para ver e ainda se consegue demover os responsáveis pela administração do errado passo que vão dar. O povo de Iraque é um dos mais atrasados do mundo, composto de tribos nômades, ingovernáveis, turbulentas. Será crível admitir que recebamos este rebotalho da mais ínfima espécie no osso território? Para mim trata-se de um caso inconcebível de ignorância ou de interesses inconfessáveis. Não se entope um país com povos de raças heterogêneas e inassimiláveis e, mesmo, que fossem assimiláveis. Um país não é laboratório de experiências de cruzamentos. Temos a obrigação de deixar para os nossos filhos e netos um futuro tranqüilo do ponto de vista racial e sociológico

Como esperar esse futuro, introduzindo povos que aqui se enquistarão ou que se mesclarão para dar nascimento a uma população cujas características(...) são difíceis de prever(...). Isto de se dizer, relativamente os japoneses, que são muito inteligentes e dóceis, não é motivo bastante para considerá-los favoráveis para nosso povoamento há razões muito mais sérias e muito mais complexas, especialmente eugênicas e que, por infelicidade, ninguém leva em consideração. Sou radicalmente contrário a tais imigrações em massa. Tenho razões suficientes, após estudos e observações de muitos anos, para assim opinar. Não me deixo levar apressadamente, como fazem simpatias de momento ou por outro qualquer motivo que a razão e o patriotismo não justificam. Peço-lhes, pois, que com denodo se bata, enquanto é tempo, contra este crime de lesa-pátria. Não desejo que meus filhos ou netos tenham, um dia, de empunhar armas para defender o maior de todos os patrimônios, que é o de ser cidadão desta grande e bela terra.”²¹⁷

O verdadeiro motivo para a desconsideração de imigrantes assírios e japoneses no Brasil é o racial. Kehl admitiu que os japoneses fossem muito inteligentes e dóceis e mesmo assim não recomenda a entrada desse povo no país. Podemos perceber o quanto a miscigenação apavora o cientista que teme os frutos de cruzamentos entre japoneses, negros, brancos e índios. O problema da assimilação era importante, mas não tanto quanto os possíveis resultados provenientes dessa mistura. Kehl utiliza de sua autoridade científica ao afirmar que já tinha realizado muitos estudos, o que o credenciava para omitir tal opinião.

A discussão sobre o imigrante “desejável” e o “não desejável” também moveu a intelectualidade argentina nas primeiras décadas do século XX. O Museu Social

²¹⁷ CARNEIRO, Valdemar. *A Crise da Imigração Japonesa no Brasil (1930-1934); Contornos Diplomáticos*. Brasília:FUNAG, 1990. (Anexo), p 261.

Argentino²¹⁸ foi uma das instituições que promoveu o debate. Em 1919, O Museu distribuiu um questionário para “pessoas qualificadas” responderem sobre o problema da imigração depois da Primeira Guerra na República Argentina. O fluxo imigratório caiu sensivelmente durante o conflito na Europa e esses intelectuais questionavam o futuro do país que tinha baseado seu sucesso econômico na exportação de riquezas agrárias produzidas por braços italianos e espanhóis. O questionário perguntava o número de imigrantes que o país suportava, quais grupos deveriam ser atraídos, quais nacionalidades ou grupos de pessoas deveriam ser desconsiderados. Mais de 40 respostas foram publicadas num boletim semestral da instituição, que compreendia os meses de janeiro a junho.

Encontramos opiniões distintas entre os membros do Museu. Estanislao Zeballos acreditava que a imigração agrícola era a única desejável.²¹⁹ Horácio Beccar Varela foi mais além e afirmou que considerava não-desejável toda imigração que traga ofícios urbanos. Os imigrantes russos deveriam ser rejeitados e os únicos que poderiam ser considerados eram os agricultores iletrados, pois estes seriam os únicos que não haviam sido contaminados pela abrupta mudança de regime, e poderiam se adaptar ao clima de liberdade da Argentina.²²⁰ José Cerpi considerou que os melhores imigrantes seriam aqueles que possuíssem afinidades de “raça, língua, de costumes com o povo argentino”, logo aqueles de precedência latina, franceses, espanhóis e italianos deveriam ser preferidos. Imigrantes do centro e noroeste da Europa como suíços, alemães, austríacos,

²¹⁸ O Museo Social Argentino foi fundado em 1911 e sempre discutiu assuntos como imigração, demografia, política agrária e outras questões sócio-econômicas mais amplas. O engenheiro Alejandro Bunge foi um dos mais influenciou as elites governantes através de artigos publicados na Revista de Economía Argentina por ele fundada em 1918.

²¹⁹ZEBALLOS, Estanislao. *Inmigración*. Buenos Aires: *Boletín mensual del Museo Social Argentino*, jan-jun 1919, p29.

²²⁰VARELA, Horácio Beccar. (sem título). Buenos Aires: *Boletim mensual del Museo Social Argentino*, jan-jun 1919, pp 36-37.

holandeses e escandinavos também seriam bem vindos. Para Cerpi, não-desejáveis seriam aqueles que não tivessem ofício ou aptidão e “indivíduos de cor” de todas as procedências, pois eram refratários à civilização. Ele não acreditava que existisse “coletividades apreciáveis de nações ou povos que não pertençam à raça branca”, por isso ele não recomendava a entrada de japoneses, chineses ou indianos.²²¹

A idéia de nação de Alberdi²²², que defendeu uma Argentina com seus campos povoados por europeus, continuava a ter seguidores. Proto Ordoñez foi um deles e acreditava que os indesejáveis seriam os indivíduos de “maus antecedentes, refratários à ordem e a todo princípio de autoridade; os enfermos contagiosos, os mendigos, os inválidos, os russos judeus, os ciganos, os egípcios, os de raça negra e amarela.”²²³ Augusto Bunge²²⁴ teve uma visão diferenciada e criticou a xenofobia que podia ser percebida nas ruas de Buenos Aires e o anti-semitismo que eles estavam importando da Europa. Assim como seus colegas, Bunge queria um imigrante agricultor, mas diferente de outros intelectuais a única imigração que ele não aprovava era de agitadores e desordeiros.²²⁵

Dentre as várias opiniões sobre qual imigrante deveria ser atraído percebemos que o agricultor era prioridade. Uma crítica comum entre os intelectuais sobre a imigração na Argentina foi a concentração desses novos moradores nos grandes centros urbanos. Essa

²²¹CERPI, José. *La inmigración despues de la guerra*. Buenos Aires: *Boletim mensual del Museo Social Argentino*, jan- jun 1919, pp 44-45.

²²² Juan Bautista Alberdi foi um influente intelectual de meados do século XIX cuja célebre frase era “governar é povoar”. O seu livro *Bases y puntos de partida para la organización política de la República Argentina* de 1852 foi uma das principais fontes da constituição argentina de 1853.

²²³ ORDONEZ, Porto. (sem título). Buenos Aires: *Boletim mensual del Museo Social Argentino*, jan-jun 1919, p 83.

²²⁴ Augusto Bunge foi um dos economistas mais respeitados das primeiras décadas do século XX na Argentina. Ele apontou problemas sócio-econômicos e demográficos no país. Bunge escreveu artigos no qual relacionava a curva do comércio exterior argentino e a entrada de imigrantes.

²²⁵BUNGE, Augusto. (sem título). Buenos Aires: *Boletim mensual del Museo Social Argentino*, jan-jun 1919, pp 33-34

concentração causava badernas, protestos, conflitos internos arrefecendo as rivalidades nacionais e a xenofobia. Os resultados do projeto imigratório contrariaram seus planos originais que depositavam na imigração a missão de povoar o vasto e deserto interior argentino. Houve um clamor pelo imigrante ordeiro pronto para apreender a nacionalidade argentina. Esses intelectuais estavam cansados de presenciar greves e protestos liderados principalmente por imigrantes italianos e espanhóis de orientação socialista e anarquista. A maioria dos intelectuais via o imigrante urbano como o “não-desejável”. Outros acrescentaram nesse grupo todo imigrante que não fosse branco, pois não seria civilizado. Outros tinham uma restrição especial com os russos judeus que estariam contaminados pelas idéias que levaram à Revolução Russa em 1917. Houve ainda os que acrescentaram à lista de indesejáveis os enfermos, mendigos e os que não possuísem ofícios.

Victor Delfino mostrou o seu lado mais radical ao abordar a imigração. Influenciado por uma onda xenófoba que tomou a Argentina a partir da Semana Trágica em 1919, o autor fez uma clara defesa à “argentinidade”. Delfino descreveu alarmado no texto “O problema da raça argentina”, as estatísticas da Administração de Sanidade Militar. Os dados eram alarmantes, pois dos 31.710 candidatos ao serviço militar 67,2% eram aptos a todo o serviço, 17,2% aptos apenas para tarefas auxiliares e 15,4% eram inúteis. Segundo o autor na situação de guerra 32,4%, ou quase um terço dos candidatos seriam inúteis. Estes dados obtidos em 1896 perdurariam até os dias “atuais”, 1924. A situação se perpetuaria caso aluviões de indivíduos “defeituosos” vindos da velha Europa e Ásia continuassem a entrar na Argentina. Delfino defendeu que a Direção Geral de Imigração prestasse mais atenção para essas questões e para a importação de “não-

desejáveis” que comprometeriam ao futuro da nação.²²⁶ O problema era grave e ameaçava a nacionalidade argentina. O país não poderia andar à deriva como estava e seria uma tarefa de todo bom cidadão “vigiar que suas fontes se conservem impolutas e se possa garantir de sua pureza mediante a uma série de medidas de eugenia preventiva”.²²⁷

A imigração na Argentina deveria contar com a colaboração de nações de emigração para que chegassem a nação platina correntes imigratórias “selecionadas e estáveis e buscando sempre a concordância dos interesses entre o país de emigração e o de imigração”.²²⁸ A imigração deveria ser de “fomento e assimilação” sendo essencial o esforço de manutenção da uniformidade da “composição racial” do país. Delfino defendeu uma política mais restritiva e intervencionista do governo, que deveria direcionar os imigrantes para áreas em que eles tivessem mais aptidão. O autor sugeriu mudanças nas leis de imigração que datavam de 1876, que deveriam considerar as propostas da eugenia. Por essa razão, Delfino pediu que o projeto enviado pelo Ministério da Agricultura para o Congresso Nacional em 1923 fosse analisado e de preferência, sancionado.²²⁹

Um dos motes do projeto foi criar possibilidades para atrair uma população agrícola, de homens enérgicos que anseiassem pelo progresso. O projeto propunha que os imigrantes que desejassem entrar no país fossem examinados para decidir “se podem ser admitidos de acordo com as leis e os decretos regulatórios”.²³⁰ Os argentinos que

²²⁶ DELFINO, Victor. *El problema de la raza*. Buenos Aires: *La Semana Médica*. 18/9/1924, p 674.

²²⁷ DELFINO, Victor. *El problema de la raza*, p 675

²²⁸ DELFINO, Victor. *La inmigración en la República Argentina*. Buenos Aires: *La Medicina Argentina* 8/1926, p 21.

²²⁹ DELFINO, Victor. *La inmigración en la República Argentina*, p 22.

²³⁰ DELFINO, Victor. *La inmigración en la República Argentina*, p 22.

regressassem ao país também deveriam ser examinados “para comprovar que não perderam a nacionalidade” e também para resguardar as famílias de alguma enfermidade adquirida durante a viagem. Não deveriam entrar no país os indivíduos “idiotas, os imbecis, débeis mentais, epiléticos, alienados”, portadores de “febre bubônica, febre amarela, varíola, meningite cérebro-espinal, cardíacos, febre tifóide, tífus exantemático, erisipela, difteria, tuberculose, lepra, tracoma, béri-béri”. Estaria ainda proibida a entrada de “paralíticos, mutilados graves, defeituosos, tarados físicos e mentais, os surdos, mudos e cegos, os inválidos de braço e perna que não tenham capacidade de trabalho”.²³¹ A lista incluía os condenados por crimes comuns, mendigos, prostitutas, alcoólatras crônicos, polígamos, ou os que já foram deportados da República Argentina. A restrição também levava em consideração a idade e proibia a entrada de homens maiores de 50 anos e mulheres maiores de 45. Os menores de 15 anos deviam estar acompanhados dos pais, sendo que mulheres solitárias com filhos só poderiam entrar, caso comprovassem meios de se manter.²³²

A imigração proposta nesse projeto sofreria uma “seleção eugênica” a partir do momento em que restringia a entrada de doentes das mais variadas enfermidades. Dessa forma, esses intelectuais acreditavam estar resguardando a “raça argentina” de uma possível mácula trazida por europeus do pós-guerra. Havia uma crença que os melhores “produtos” da raça européia teriam sido mortos na guerra. Outras proibições eram práticas e queriam selecionar o imigrante que pudesse trabalhar e produzir na Argentina. Dessa forma, o Estado evitava assumir um ônus social que não lhe caberia. Outras proibições tinham conotações morais. Um exemplo é a proibição da entrada daqueles que

²³¹ DELFINO, Victor. *La inmigración en la República Argentina*, p 23.

²³² DELFINO, Victor. *La inmigración en la República Argentina*, p 24.

quisessem ganhar a vida através da adivinhação e que tivessem contato de alguma forma com coisas ocultas ou predissessem o futuro, uma clara menção aos ciganos. Essa medida parece prevenir a entrada de “bruxas” e tem uma forte influência da moral católica.

Renato Kehl e Victor Delfino mostraram uma visão radical da eugenia quando discutiram a imigração. O discurso contrário à mestiçagem de Kehl e a eugenia pouco racializada de Delfino foram substituídos por argumentos contrários à entrada de “raças” não-européias. O autor brasileiro lutou pela restrição da imigração japonesa, por ele considerada “um problema antropológico” avesso à assimilação da cultura brasileira. O eugenista argentino defendeu uma imigração selecionada que primasse pela manutenção da “uniformidade racial” do país. Acreditamos na proximidade das suas visões que defendem uma “pureza” racial trazida por um imigrante europeu saudável e apto a trabalhar. As diferenças entre os discursos ocorreram devido às diferentes conjunturas dos dois países, que direcionaram os escritos dos dois autores.

5-Esterilização e a eugenia negativa

As medidas de eugenia negativa foram menos importantes no projeto eugênico de Renato Kehl e Victor Delfino ao longo da década de 1920. Vanderlei de Souza aponta para uma radicalização do discurso de Renato Kehl a partir do retorno de uma viagem à Europa. Tal concepção teria sido organizada e publicada no livro “Lições de eugenia” de 1929 e defendida ao longo desse ano no Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, no Boletim de Eugenia e nos demais textos do autor.²³³ Acreditamos que a eugenia negativa sempre esteve presente no pensamento de Renato Kehl, mas se tornou mais evidente após seu retorno ao Brasil. No caso de Victor Delfino, a eugenia negativa não o atraiu e a maior parte do seu discurso esteve centrada em medidas voltadas para a melhora do meio ou o combate ao alcoolismo. Uma das poucas vezes em que seu discurso assumiu um tom mais severo foi quando abordou o tema da imigração, em que um viés radical e racalista apareceu em seu discurso. No entanto, propostas típicas de uma eugenia negativa quase sempre estiveram presentes nos discursos dos dois autores, mesmo que eles não as defendessem abertamente.

Renato Kehl considerava o exame pré-nupcial e a proibição de casamentos como medidas atenuadas de preservação da espécie e a esterilização como “o meio radical contra a perpetuação de cacoplastas”.²³⁴ Os dois caminhos apresentariam “eficazes resultados eugênicos”, pois evitariam que os degenerados procriassem. Kehl acreditava

²³³ SOUZA, Vanderlei. *Política biológica como projeto: a eugenia negativa e a construção da nacionalidade na trajetória de Renato Kehl*. Dissertação de Mestrado – COC/Fiocruz, 2006.

²³⁴ KEHL, Renato. *A esterilização do ponto de vista eugênico*. Rio de Janeiro: Brazil-Médico. 26/3/1921, p 155.

na necessidade do estabelecimento de “condições que regulem a (...) faculdade procriadora, e não deixá-la ao arbítrio de inconscientes e ignorantes.”²³⁵ Por essa razão, o autor afirmou concordar com o neo-malthusianismo que defendia a vida celibatária para algumas pessoas e métodos contraceptivos para casais que tivessem adquirido algum tipo de doença transmissível. Segundo Kehl, a prática do neo-malthusianismo teve falhas que levaram à adoção de medidas mais “eficazes” como a prática da esterilização. De acordo com o eugenista, essa medida, quando aplicada para evitar reproduções que não produziriam indivíduos “sãos”, teria sido defendida por vários cientistas e aplicada pelo governo suíço e de alguns estados americanos. Entre os esterilizados estiveram epiléticos, ninfomaníacas, degenerados alcoólicos e homossexuais, evidenciando-se uma conotação associada a julgamentos morais e argumentação científica.²³⁶

Apesar de concordar com tal medida, Kehl salientou os possíveis problemas que ela traria. O primeiro deles era uma interpretação literal do neo-malthusianismo que levaria a esterilização de indivíduos que poderiam gerar uma prole “sã e boa”. Em segundo lugar estaria a dificuldade de convencer os noivos a realizarem a operação mesmo depois de esclarecido que esta não comprometeria os “prazeres sexuais”. Por mais que apreciasse os resultados eficazes e claros da esterilização, Kehl reconheceu as grandes dificuldades de sua execução. A medida contava com a dificuldade de ser aplicada compulsoriamente, em larga escala, pois não deveria poupar nem “ mesmo os indivíduos que aparentem superficialmente normalidade e que, no entanto, intrinsecamente, são defeituosos.”²³⁷

²³⁵ KEHL, Renato. *A esterilização do ponto de vista eugênico*, p 155.

²³⁶ KEHL, Renato. *A esterilização do ponto de vista eugênico*, p 156

²³⁷ KEHL, Renato. *A esterilização do ponto de vista eugênico*, p 156.

A esterilização teria a função de diminuir os degenerados, mas “o grau de perfeição físico-psíquica não será muito elevado com esse processo.”²³⁸ Dessa forma, a esterilização deveria “ser considerada um processo eugênico importantíssimo, mas não um meio único de elevação somática e física da espécie humana, que só será alcançada pelos processos combinados de eugeniização.” A esterilização nunca conseguiria obter o seu resultado ideal, pois ela teria que esterilizar todos os indivíduos com taras e suas linhas genealógicas diretas e colaterais, “que apresentassem qualquer estigma de degeneração”. Além disso, um programa compulsório e eficiente demoraria 25 a 30 anos para que os resultados fossem percebidos. Kehl tinha consciência que a sociedade nunca aceitaria um plano de esterilização sistemático que atingisse pessoas que não possuíam traços de “degenerescência” aparentes. Dessa forma, ele preferiu abrir mão da esterilização e colocar em prática outros “preceitos ditados pela eugenia positiva, preventiva e negativa.”²³⁹

Apesar de um programa compulsório de esterilização não estar entre as principais propostas eugênicas de Renato Kehl, ele considerou a prática para alguns casos específicos. Em 1924, o autor escreveu dois textos sobre o casamento entre surdos-mudos que foram publicados na sua coluna no jornal *Gazeta de Notícias*.²⁴⁰ Os textos apresentam suas considerações sobre tais uniões que não seriam recomendáveis devido aos males transmissíveis por herança. Para Kehl, a solução seria a esterilização de um dos cônjuges, um recurso profilático adotado nos Estados Unidos “garantidor da espécie

²³⁸ KEHL, Renato. *A esterilização do ponto de vista eugênico*, p 156.

²³⁹ KEHL, Renato. *A esterilização do ponto de vista eugênico*, p 157.

²⁴⁰ KEHL, Renato. *O casamento entre surdo-mudo*. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 15/1/1924 e 19/4/1924 (Recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC)

contra a multiplicação crescente de infelizes e indesejáveis, sem lhes impedir o direito de se consorciarem.”²⁴¹

Em 1929, Kehl voltou a defender a esterilização ao rechaçar a afirmação feita por Bateson que “a esterilização dos delinquentes habituais acarretaria a eliminação tanto de indivíduos bons quanto maus.”²⁴² Kehl não concordou com tal afirmação, já que a eugenia só seria recomendável “nos casos de grandes degenerados e criminosos” e, uma vez instituída só poderia ser “praticada tendo em conta condições que a justifiquem plenamente.”²⁴³ As leis que estabelecessem tal medida deveriam contar com “dispositivos para evitar erros e abusos”. A esterilização seria “uma boa medida eugênica, muito embora considerada cruel pelos sentimentos”. A sua aplicação poderia ter evitado casos como o da família Jukes, que perpetuou as taras produzindo vários criminosos e degenerados.²⁴⁴ Kehl argumenta que a “esterilização proposta pode parecer um atentado, uma brutalidade, uma prática anti-cristã”, mas ele não entendia como uma pessoa que utiliza esses argumentos possa permitir a reprodução de criminosos e alcoólatras que produziriam degenerados numa escala infinita.²⁴⁵

Percebemos que Renato Kehl aprovava a esterilização como medida eugênica complementar a medida que diminuiria o número de degenerados. A esterilização deveria ser aplicada com outras medidas eugênicas que ajudariam a “elevar” o nível físico e “psíquico” do gênero humano. Os benefícios científicos não foram suficientes para que a proposta fosse encampada e defendida pelo autor como uma medida eugênica para o

²⁴¹ KEHL, Renato. *O casamento entre surdo-mudo*. 15/01/1924. (recorte avulso)

²⁴² KEHL, Renato. *A eugenia prática*. *A Folha Médica*. Rio de Janeiro, 15 fev. 1929, p 50

²⁴³ KEHL, Renato. *A eugenia prática*, p 50.

²⁴⁴ Kehl relatou o caso do pescador Max Jukes cuja numerosa prole herdou suas taras, resultando em criminosos, alcoólatras, ladrões e degenerados de todo tipo. O caso foi utilizado para defender a aprovação do exame pré-nupcial obrigatório. KEHL, Renato. *A regulamentação eugênica do casamento*. *Brazil-Médico*. Rio de Janeiro. 16/10/1920, p 691.

²⁴⁵ KEHL, Renato. *A Eugenia prática*, p 50.

Brasil. Kehl esteve ciente da resistência que tal medida teria na sociedade brasileira, principalmente da Igreja Católica e de seus seguidores. Por essa razão ele escreveu alguns textos trabalhando o tema, mas não sustentou uma campanha mais insistente para a aprovação de tal medida como medida pública. Ele provavelmente teve medo de que a eugenia ficasse conhecida por esta medida radical e acabasse por receber um estigma na sociedade, o que dificultaria a aprovação de outras propostas eugênicas como o exame pré-nupcial ou o controle da imigração.

As propostas de eugenia negativa foram de encontro às crenças da Igreja Católica, por isso não foram defendidas com o mesmo fervor das demais medidas eugênicas. Os métodos contraceptivos, por exemplo, não foram tratados por Victor Delfino e provavelmente por nenhum outro autor argentino nos anos 1920. O periódico *La Semana Médica* não trouxe pequenas notas sobre o assunto. O aborto eugênico foi descrito por Palma como o tema menos tratado na literatura especializada argentina. Palma destacou duas razões para o fato, a resistência da sociedade e as dificuldades técnicas de controlar todo o processo.²⁴⁶ As duas medidas não foram tão populares, porque os eugenistas tinham medo que as classes mais conscientes e escolarizadas adotassem tais procedimentos, o que diminuiria a reprodução dos indivíduos mais “eugênicos”.

A esterilização foi a medida de eugenia negativa que mais recebeu atenção dos eugenistas e, mesmo assim, esteve pouco presente na literatura especializada. Poucas foram as menções ao tema e quando ocorreram normalmente retratavam a sua aplicação em outros países. Um dos primeiros textos sobre eugenia na Argentina, “Uma nueva ciência. El congreso de Londres” escrito por Victor Delfino em 1912, traz a discussão da

²⁴⁶ PALMA, Héctor. “*Gobernar es seleccionar*”; *apuntes sobre la eugenesia*. Buenos Aires: Jorge Baudino Ediciones, 2002, p 150.

esterilização como um dos temas mais discutidos e polêmicos do Primeiro Congresso de Eugenia. Neste texto o autor descreveu as medidas de esterilização a criminosos nos estados americanos da Califórnia, Indiana e New Jersey. Após explicar o processo utilizado em cada estado, Delfino afirmou que essa medida não teria o sucesso esperado se aplicado separadamente. Para o autor, as medidas “emanadas da eugenia, quando atua em função de melhoramento social, se ressentem de atrozes preconceitos sociais”, tenderiam considerar a classe operária como o elemento mal.²⁴⁷ Delfino criticou a eugenia que somente considerava os fatores hereditários e que se esqueceria de outras influências importantíssimas como o ambiente físico e social.

A esterilização não foi bem vista por Delfino que, ao ressaltar a eugenia nos Estados Unidos, elogiou o senso prático do americano, sua capacidade de unir teoria e pesquisa, principalmente os estudos realizados por Davenport que unem os princípios da Biométrica e as leis de Mendel, mas não citou a esterilização.²⁴⁸ Uma das poucas menções ao tema foi feita em um texto de 1929, em que o autor defendeu a esterilização voluntária como uma medida extrema no combate da tuberculose. Neste texto, o autor apresentou algumas “taras” que estariam presentes no patrimônio hereditário dos indivíduos e seriam transmitidas de acordo com as leis de Mendel. Nestes casos, os três grandes males sociais alcoolismo, sífilis e tuberculose deveriam ser combatidos através da formação de uma consciência higiênica coletiva, ou seja, primeiramente através da abstinência chegando “no caso da tuberculose até a esterilização voluntária”.²⁴⁹

²⁴⁷ DELFINO, Victor. *Una nueva ciencia. El Congreso de Londres*. Buenos Aires: *La Semana Médica*. Buenos Aires, 5/2/1912, p 1176. (tradução livre)

²⁴⁸ DELFINO, Victor. *La Eugénica en los Estados Unidos*. Buenos Aires: *La Semana Médica*. 2/11/ 1919, pp 403-404.

²⁴⁹ DELFINO, Victor. *Notas Médicas: I – La hibridación y el mecanismo hereditario de algunas enfermedades. La Medicina Argentina*. Buenos Aires, Nov.1929, p 462.

Victor Delfino se mostrou mais resistente à eugenia negativa e acreditando mais nos benefícios que uma eugenia neo-lamarckiana que, baseada na melhora do meio, poderia trazer para a Argentina. Ele acreditava no potencial do povo argentino, que contaria com bons “componentes raciais”. Logo, o trabalho do eugenista na Argentina seria o de evitar que a nação se “degenerasse”. Isso poderia ser feito através da restrição da entrada de imigrantes não-brancos, combate ao alcoolismo, criação de centros que reformassem “delinquentes juvenis” e da construção de hospitais. Para atingir esse objetivo, Delfino atuou tanto no campo das idéias ao divulgar a eugenia, quanto na ação ao assumir cargos públicos e fundar instituições que difundiam suas crenças. Por outro lado, Renato Kehl transitou entre o programa de eugenia que ele realmente acreditava, que possuía propostas radicais, e aquele que ele colocava em prática de acordo com a possível aceitação dos seus ouvintes. O próximo capítulo tentará mostrar o caminho da eugenia nos anos 1930 e 1940 no Brasil e na Argentina, e o trabalho por eles realizados. Trabalharemos com a fundação de uma nova associação de estudo da eugenia na Argentina e com os textos publicados por Renato Kehl em periódicos argentinos no final dos anos 1930 e começo dos anos 1940. Tentaremos analisar a escrita de uma eugenia “mais amena” voltada para o público geral.

CAPÍTULO III – MOVIMENTO EUGÊNICO NOS ANOS 1930

1- Eugenia nos anos 1930 na Argentina

A eugenia foi introduzida na Argentina nos anos 1910 por Victor Delfino que se esforçou em divulgar essa “nova ciência” de aperfeiçoamento humano. Nos capítulos anteriores trabalhamos com as idéias defendidas por Victor Delfino e com as suas estratégias de divulgação e “implementação” da eugenia em seu país. Apesar de sua atuação na articulação do movimento, Delfino não é considerado como o principal nome da eugenia na historiografia argentina. Encontramos em poucos textos menções sobre o autor e, quando as encontramos, tais referências são breves e creditam-lhe um papel secundário na difusão da “ciência de Galton”.

O movimento eugênico argentino mais estudado e citado foi o liderado por Arturo Rossi e outros cientistas que se inspiraram nos estudos de Nicola Pende e fundaram a Sociedade de Biotipologia Eugenia e Medicina Social em 1932. Essa instituição foi idealizada por Arturo Rossi e Octavio López logo após o regresso de uma viagem oficial a Itália, onde conheceram um estabelecimento semelhante.²⁵⁰ A sociedade foi fundada como “entidade civil autônoma sustentada economicamente pelo Estado até sua integração absoluta à esfera pública em 1943.”²⁵¹ A Secretaria de Saúde Pública foi o órgão responsável pela sua integração total ao Estado. A ligação com o governo federal foi importante para o estabelecimento dessa instituição que conseguiu recursos para

²⁵⁰ A viagem à Europa foi patrocinada pelo governo do General Uriburu que encomendou aos médicos um estudo das políticas eugênicas implementadas na Itália. MIRANDA, Marisa & VALLEJO, Gustavo. *La eugenesia y sus espacios institucionales en Argentina*. In: MIRANDA, Marisa & VALLEJO, Gustavo. *Darwinismo social y eugenesia en el mundo latino*. Buenos Aires: Siglo XXI de Argentina, 2005, p160.

²⁵¹ MIRANDA, Marisa. *La eugenesia y sus espacios institucionales en Argentina*, p 160.

publicar regularmente um periódico para a divulgação no meio acadêmico. Os Anais de Biotipologia, Eugenia e Medicina Social foram o principal difusor do movimento ao longo da década de 1930 e 1940.

O governo que apoiou a Sociedade chegou ao poder em 6 de setembro de 1930, após um acordo entre os dois principais chefes militares, os generais Justo e Uriburu.²⁵² Segundo Devoto, o golpe de estado ocorreu de forma mais pacífica do que no Brasil devido ao licenciamento do desgastado presidente Yrigoyen na véspera do golpe. Yrigoyen não conseguiu apoio da classe operária, apesar de contar com a maioria dos votos dos setores populares.²⁵³ Essas populações tinham adquirido direito ao voto através da lei 8.871, que estabeleceu “o sufrágio universal masculino, secreto e obrigatório para maiores de 18 anos”.²⁵⁴ A lei entrou em vigor pela primeira vez nas eleições dos deputados nacionais em 7 de abril de 1912. A participação popular enfrentou uma grande resistência da oposição conservadora que não havia se acostumado com a “soberania dos números”. A oposição, composta pela burguesia e as classes médias urbanas, temia uma revolução social, e por isso fundaram a Liga Patriótica, organização que buscou controlar as massas trabalhadoras através da violência.²⁵⁵

O golpe levou o general José Félix Uriburu ao poder, representando a vitória dos antiliberais e nacionalistas e iniciando um período de participação dos militares na política. Organizações nacionalistas e fascistas surgiram ao longo dos anos 1930 na Argentina. Em 1931, o general Uriburu criou a Legião Cívica Argentina, uma

²⁵² FAUSTO, Boris & DEVOTO, Fernando. *Brasil e Argentina; um ensaio de história comparada (1850-2002)*. São Paulo: Ed 34, 2004, p 241.

²⁵³ FAUSTO, Boris & DEVOTO, Fernando. *Brasil e Argentina*, p 238.

²⁵⁴ ANSALDI, Waldo. *La trunca transición del régimen oligárquico a régimen democrático*. FALCON, Ricardo. *Historia Argentina; democracia, conflicto social y renovación de ideas (1916-1930)*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2000, p 18

²⁵⁵ ANSALDI, Waldo. *La trunca transición del régimen oligárquico a régimen democrático*, p 33.

“organização militarizada de caráter fascista voltada a arregimentar simpatizantes nacionalistas em apoio ao novo regime militar e a combater os seus inimigos”.²⁵⁶ A criação desta Legião pode ser considerada como uma medida rumo à implementação do programa nacionalista autoritário que contava com alternativas como: “Estado corporativista e autoritário; o nacionalismo econômico, a industrialização e o intervencionismo estatal na economia; a reespiritualização da sociedade e do Estado por meio do catolicismo; e a adoção de uma postura imperialista na América do Sul.”²⁵⁷ A eugenia teria um importante papel na concretização desse projeto, pois ajudaria a desenvolver uma “raça argentina” forte.

Fundada sob os auspícios do governo federal, a Sociedade Argentina de Biotipologia, Eugenia e Medicina Social esperava atuar como o “organismo central, unificador e coordenador das funções de todos os órgãos públicos e privados que conduzem a mesma finalidade social.”²⁵⁸ A Sociedade nasceu com aspirações de ser o órgão responsável pela coordenação das inúmeras organizações e instituições dedicadas ao cuidado das crianças, higiene e saúde. O “melhoramento” da “raça argentina” estava entre os principais objetivos do governo, que financiava uma instituição, e de pronto, lhe atribuía “super-poderes”.

O principal objetivo da Sociedade era realizar pesquisas sobre o biótipo humano e “determinar o biótipo étnico da população do país, contribuindo a seu melhoramento.”²⁵⁹

Para realizar tal propósito seria necessário a criação de um “Instituto Argentino de

²⁵⁶ BEIRED, José Luis Bendicho. “A grande Argentina”: um sonho nacionalista para a construção de uma potência na América Latina. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 21, nº 42, 2001, p 307.

²⁵⁷ BEIRED, José Luis Bendicho. “A grande Argentina”, p 305.

²⁵⁸ *Sociedad Argentina de Biotipologia, Eugenesia y Medicina Social, “Por la superación de la vida humana”; fundamentos y propósitos*. Buenos Aires: 1932, p 6.

²⁵⁹ *Sociedad Argentina de Biotipologia, Eugenesia y Medicina Social*, p1.

Biotipologia”. O instituto contaria com uma seção para o estudo físico, psíquico e moral do indivíduo. Seriam feitos ainda exames psicopedagógicos, criminológicos, de orientação profissional e psicotécnica dos trabalhadores. A instituição estudaria a genética e a árvore genealógica, o que determinaria o prognóstico hereditário do indivíduo. As anomalias constitucionais seriam corrigidas numa seção de ortogenética física. O instituto teria ainda seções de medicina do trabalho e de nutrição.²⁶⁰

A Sociedade buscaria resolver alguns problemas da nação através da atuação do Instituto. A educação, por exemplo, deveria seguir normas biotipológicas e os conceitos “modernos” da nutrição. Para isso, o Instituto estabeleceria fichas biotipológicas que, além de auxiliar no conhecimento da população, serviriam para vigiar os alunos de ambos os sexos. A escola auxiliaria na seleção de atletas de acordo com suas características biotípicas. Esses dados ainda ajudariam na prevenção da delinqüência precoce, pois seria possível corrigir as anomalias dos adolescentes que tinham tendência ao crime. A higiene mental era um dos pontos da saúde que poderia ser monitorado por essas fichas. Esse registro possibilitaria a realização da medicina preventiva tornando capaz a realização de uma verdadeira profilaxia social. As informações municiariam os cientistas em suas pesquisas em busca de cura de algumas doenças.²⁶¹

Apesar de não estar escrito, percebemos que uma das utilidades das fichas seria a de catalogar e registrar os indivíduos com informações que abarcaria seus antepassados, registros escolares e dados sobre sua saúde. Alguns pontos, como prevenir a delinqüência precoce, abrem possibilidades de interpretação, como perseguir o filho de um líder revolucionário e direcioná-lo para um trabalho que não tivesse sindicatos. Vale lembrar

²⁶⁰ *Sociedad Argentina de Biotipologia, Eugenesia y Medicina Social*, p 4.

²⁶¹ *Sociedad Argentina de Biotipologia, Eugenesia y Medicina Social*, pp 1-2 e 5-6.

que o movimento operário na Argentina causou muitos problemas ao longo da década de 1920 e que o grupo que estava no poder nos anos 1930 temia uma revolução social encabeçada por imigrantes anarquistas. Devemos lembrar que essa Sociedade era conectada ao Estado e deveria ser útil para ele. Um exemplo disso foi a eleição do recrutamento militar como um dos 12 objetivos de atuação do Instituto Argentino de Biotipologia. O Instituto tinha como objetivo “a seleção científica do recrutamento militar, praticando a profilaxia do soldado e das condições biotipológicas individuais para seu ingresso na aviação.”²⁶² A seleção serviria ainda para o Exército e a Marinha.

Os criadores da Sociedade acreditavam que as medidas envolvendo fichas biotipológicas seriam o princípio da implantação de um projeto eugênico na Argentina. Outros propósitos da sociedade lembraram a eugenia incluíam uma legislação anti-alcoólica e a avaliação do problema dos entorpecentes e a questão dos certificados matrimoniais.²⁶³ O Instituto Argentino de Biotipologia procuraria desenvolver a eugenia através do estudo da “herança mórbida” tentando resolver “o problema do matrimônio, da maternidade e da infância, o certificado médico pré-nupcial e o problema da prostituição.”²⁶⁴

O conceito de eugenia expresso no documento de fundação da sociedade foi amplo. Os problemas referentes a esta ciência seriam todos aqueles “enlaçados com a vida humana de seleção da raça” o que incluiria “antes da concepção até a prevenção da delinqüência infantil, passando pela (...) puericultura, durante a gestação, o nascimento e a primeira infância (...) protegendo-o contra as taras hereditárias e das agressões das

²⁶² *Sociedad Argentina de Biotipologia, Eugenesia y Medicina Social*, p 5.

²⁶³ *Sociedad Argentina de Biotipologia, Eugenesia y Medicina Social*, p 2.

²⁶⁴ *Sociedad Argentina de Biotipologia, Eugenesia y Medicina Social*, p 5.

enfermidades do ambiente.”²⁶⁵ A biotipologia seria a “pedra angular” de onde se originaria o conhecimento mais amplo da eugenia. Esta só seria bem sucedida se estivesse baseada nos conhecimentos da biotipologia, pois era preciso conhecer o indivíduo isoladamente.²⁶⁶ Dotada desse conhecimento biotipológico a eugenia deveria ter como “única bússola a medicina social e a sociologia política”.²⁶⁷

Algumas discussões realizadas por Victor Delfino na década de 1920 foram retomadas pela Sociedade. O combate ao alcoolismo, controle da imigração e os certificados de casamento foram medidas “eugênicas” também valorizadas por esse novo movimento. A necessidade de cuidar da infância e de evitar a delinqüência precoce esteve presente nas atuações de Victor Delfino, que entendia a direção do Instituto Tutelar de Menores como uma maneira de “salvar” o adolescente da criminalidade. A importância de cuidar, educar e ao mesmo tempo vigiar o proletariado era uma das propostas de Delfino, que pretendia realizar esse “controle” das massas através da supervisão de suas moradias.

Apesar das semelhanças entre os dois movimentos da eugenia na Argentina, houve muitas diferenças. A influência neo-lamarckista presente no discurso de Delfino teve uma participação diminuta ou quase nula na sociedade liderada por Arturo Rossi. Esta organização tinha na biotipologia a base para todo o seu pensamento. A influência da escola italiana liderada por Nicolas Pende era explícita. Esses cientistas acreditavam que a melhor maneira de atingir a “eugeniização” da sociedade argentina era através da

²⁶⁵ LOPEZ, Octavio & BARILARI, Mariano. *Nuestra orientación*. Buenos Aires: *Sociedad Argentina de Biotipología, Eugenesia y Medicina Social*, p 7.

²⁶⁶ LOPEZ, Arturo. *La biotipología, piedra angular de esta institución*. In: *Sociedad Argentina de Biotipología, Eugenesia y Medicina Social*, p 11.

²⁶⁷ SCHTEINGART, Mario. *Un faz social de capital importancia*. In: *Sociedad Argentina de Biotipología, Eugenesia y Medicina Social*, 1932, p 12.

criação de uma base de dados biotipológicos da população. Esses dados deveriam conter “o estudo dos diferentes biótipos raciais que reúnem em si os defeitos e as qualidades inerentes as distintas estirpes cujo cruzamento constitui o plantel fundamental de nossa nacionalidade, com fim de aperfeiçoar (...) tanto os cidadãos nativos da República como os estrangeiros”.²⁶⁸ A aproximação com a biotipologia e a intenção de mapear a hereditariedade argentina foram alguns dos argumentos de legitimação da Sociedade. A união dos três ramos de conhecimento – biotipologia, eugenia e medicina social – foi o ponto principal de diferenciação dessa sociedade das anteriores. Para os defensores do movimento, esta união estaria acontecendo pela primeira vez na Argentina, apesar de já ter sido colocados em prática em outros países da Europa e nos Estados Unidos.²⁶⁹ A Sociedade utilizou o mesmo argumento do movimento eugênico nos anos 1920 ao propor algo “novo” que, porém era ao mesmo tempo respaldado por uma tradição histórica.²⁷⁰

Apesar de alguma semelhança com as idéias de Víctor Delfino, a Sociedade Argentina de Biotipologia, Eugenia e Medicina Social era muito diferente da Sociedade Argentina de Eugenia. A nova Sociedade reuniu um maior número de médicos, obstetras, puericulturistas, demógrafos e criminologistas, que se entusiasmaram com o discurso proferido por Nicolás Pende em sua visita em 1930.²⁷¹ A Sociedade fundada por Delfino não durou tanto tempo e não conseguiu causar tanto impacto. As “novas propostas”

²⁶⁸ *Sociedad Argentina de Biotipologia, Eugenesia y Medicina Social*, p 6.

²⁶⁹ ROSSI, Arturo. *La unidad de la accion*. In: *Sociedad Argentina de Biotipologia, Eugenesia y Medicina Social*, p 14.

²⁷⁰ Renato Kehl e Víctor Delfino apresentaram a Eugenia como uma novidade científica que desabrochava no mundo naquele momento. Ao mesmo tempo que era apresentada como uma “nova ciência”, e eugenia foi colocada como uma prática antiga adotada pelos Gregos e outros povos que realizavam uma seleção dos cônjuges. Essa prática teria sido esquecida ao longo dos tempos. O mesmo artifício foi utilizado pelos defensores da biotipologia que foi apresentada como uma novidade, mas que no fundo era um dos mais velhos postulados da medicina hipocrática, renovado e ampliado. ROSSI, Arturo. *La unidad de la accion*. In: *Sociedad Argentina de Biotipologia, Eugenesia y Medicina Social*, p 14.

²⁷¹ STEPAN, Nancy. *“The hour of eugenics”; race, gender and nation in Latin America*. Ithaca and Londres: Cornell University, 1991, p 117.

foram propagadas por um periódico próprio – Anais de Biotipologia, Eugenia e Medicina Social – que publicou textos de eugenistas argentinos e estrangeiros como Pende. Algumas dessas propostas mobilizaram o grande público e passaram do campo da teoria para a prática.

As fichas biotipológicas foram a principal proposta da Sociedade Argentina de Biotipologia, Eugenia e Medicina Social. Baseados na idéia de Pende, os eugenistas argentinos propuseram nos anos 1930 a adoção de tais fichas como um “instrumento obrigatório que permitiria ao Estado registrar e manipular a população.”²⁷² Esta deveria conter o registro pessoal e o histórico familiar da população. Um dos modelos da ficha era o cartão de identidade escolar que foi aceito pelo Conselho de Educação e no Departamento de Escolas da Província de Buenos Aires em 1933. Segundo Stepan, esses dados possibilitariam a criação de um “registro da identidade nacional” que, de acordo com os biotipologistas, auxiliariam a administração do patrimônio biológico da nação.²⁷³ De acordo com Vallejo, as fichas serviram como instrumento na política do governo argentino de evitar que o futuro da nação fosse “ameaçado” por imigrantes ou pela reprodução. Para isso, o controle de imigrantes foi acrescido da aplicação de fichas biotipológicas a uma grande parte dos habitantes do país.²⁷⁴

Outra vitória da Sociedade Argentina de Biotipologia, Eugenia e Medicina Social foi a aprovação do certificado pré-nupcial a partir de 1937. Esta lei instituiu a obrigatoriedade do exame, registro e tratamento da doença venérea. Segundo Stepan, a lei conjugava com a escola de pensamento neo-lamarckiana na qual as doenças venéreas

²⁷² STEPAN, Nancy. *“The hour of eugenics”*, p 119.

²⁷³ STEPAN, Nancy. *“The hour of eugenics”*, p 119.

²⁷⁴ MIRANDA, Marisa & VALLEJO, Gustavo. *Los saberes del poder: Eugenesia y Biotipología en la Argentina del siglo XX*. In: *Revista Índias*, número 231, 2004, p 427.

poderiam causar “prejuízos à raça”.²⁷⁵ Temos dúvidas quanto à influência tão evidente de um pensamento neo-lamarckiano dessa teoria. Acreditamos que, nesse momento na Argentina, em que se acreditava que as populações deveriam ser catalogadas, estudadas e diagnosticadas com base nos dados biotipológicos, outras correntes de pensamento influenciaram mais tal medida do que o neo-lamarckismo. Não podemos negar que tal teoria esteve proposta no pensamento de vários médicos e cientistas argentinos desde o final do século XIX. Porém, cremos que nos anos 1930 o pensamento desses “novos eugenistas” tinha mudado rumo a uma eugenia negativa mais “radical” com base no pensamento europeu e norte-americano. Suspeitamos que idéias como de Lombroso²⁷⁶, ainda fortes na academia italiana, tenham influenciado mais os pensadores argentinos que o neo-lamarckismo, tendo em vista que os pensadores portenhos mantiveram um diálogo com os cientistas italianos.

A aprovação dos certificados de casamento atendeu a uma longa reivindicação de vários médicos argentinos, inclusive de Victor Delfino, que defenderam tal medida ao longo dos anos 1910 e 1920.²⁷⁷ A pressão da classe já havia trazido resultados nos anos 1920 através da criação do Departamento de Ensino da Higiene Social por Leopoldo Bald.²⁷⁸ Este departamento tornou obrigatório para os professores de matérias “afins” a transmitir conteúdos de natureza eugênica ao aluno. Vallejo citou duas importantes leis, a

²⁷⁵ STEPAN, Nancy. “*The hour of eugenics*”, p 128.

²⁷⁶ Cesare Lombroso foi um importante cientista italiano do século XIX que defendia a existência de criminosos “natos”. Esses indivíduos trariam características físicas que poderiam ser identificadas como características comuns em criminosos. O autor defendia que os governos poderiam tomar decisões preventivas em posse de tais dados e evitar a ocorrência de crimes.

²⁷⁷ Hector Palma trouxe em seu livro alguns dos pensadores que defenderam a adoção do certificado de casamentos na Argentina ao longo dos anos 1910 e 1920. PALMA, Hector. “*Gobernar es seleccionar*”; *apuntes sobre la eugenesia*. Buenos Aires: Jorge Baudino Ediciones, 2002, p 160.

²⁷⁸ Leopoldo Bard foi deputado nacional e ministro de relações exteriores no governo de Hipólito Yrigoyen. Esse deputado tentou aplicar algumas medidas eugênicas, principalmente no assunto de restrição da imigração.

Lei de “Higiene Sexual Prematrimonial” de 1924 que trazia a exigência dos certificados pré-nupciais para o sexo masculino e a Lei de “Defesa da raça” que colocava o governo na luta contra as “enfermidades e costumes” que podiam “degenerar” a raça. Em 1926, a aprovação da proibição de entre um leproso e uma pessoa “sã”, com argumentos eugênicos, configurou-se como uma “vitória” do movimento eugênico²⁷⁹

As vitórias obtidas pelo movimento eugênico na década de 1930 se deveram, em grande parte ao apoio recebido pelo governo federal. A subvenção financeira, por exemplo, possibilitou a manutenção de um periódico para divulgar as idéias do movimento. O Boletim de Eugenia, fundado por Renato Kehl, em 1929 não teve vida longa por falta de verbas. A Sociedade Argentina de Biotipologia, Eugenia e Medicina Social foi um braço científico-intelectual do governo golpista que subiu ao poder em 1930. Os generais nacionalistas flertaram com a Itália de Mussolini e tiveram nos anais da sociedade um importante instrumento de propaganda autoritária e fascista. Os Anais publicaram, em 1934, o discurso com que o Ministro do Interior anunciou o início das perseguições aos judeus na Alemanha, de acordo com as chamadas “Leis de Nürenberg”.²⁸⁰

A sociedade argentina estava mais propícia a encampar idéias de uma eugenia negativa nos anos 1930. A década anterior tinha experimentado um período de questionamento do modelo de desenvolvimento econômico argentino proposto pela “Geração de 1880” baseado na exportação de carnes e cereais e na imigração em massa de trabalhadores europeus. Os anos vinte não representaram um momento de grande questionamento do modelo agro-exportador, o mesmo não se pode afirmar da imigração,

²⁷⁹ MIRANDA, Marisa & VALLEJO. *Los saberes del poder*, p 431.

²⁸⁰ MIRANDA, Marisa & VALLEJO. *Los saberes del poder*, p 434.

cujas greves gerais e os episódios sangrentos fizeram com que as elites argentinas questionassem os imigrantes que chegavam ao país. Muitos desses imigrantes lideravam o movimento operário que fez muito barulho e incomodou as elites nos anos 1920. Essa década enfrentou ainda questionamentos sobre a validade do sufrágio universal masculino que foi colocado em prática na Argentina em meados dos anos 1910.

Esses questionamentos fizeram com que a sociedade argentina buscasse diferentes respostas. O golpe militar de 1930 foi uma delas, bem como a circulação de idéias mais radicais e autoritárias. Percebemos que a sociedade argentina dos anos 1930 apresentou um terreno fértil para as propostas eugênicas que, em sua maioria, têm um caráter mais autoritário ao penetrar no âmbito privado. O surgimento do fascismo na Alemanha e na Itália, com valorização do tipo nacional “eugênico” pronto para defender e proporcionar o desenvolvimento do país, apresentava um caminho interessante para aqueles políticos. A eugenia na Argentina nas duas décadas deve ser entendida nas suas relações com a sociedade. Nos anos 1920, um movimento cheio de propostas entusiasmadas em busca de construir um novo modelo de nação, em contraponto ao lado mais bárbaro mostrado em nações européias na Primeira Guerra Mundial. Nesse momento as nações européias e os Estados Unidos não são o único exemplo e outras nações do continente como Brasil, Peru e Chile podem servir como modelos mais palpáveis. Sendo assim, nada mais natural que dialogar com os vizinhos e procurar caminhos comuns. Os anos 1930 apresentam certo descrédito do modelo liberal e a Argentina volta a se espelhar em nações européias sob regimes autoritários. O movimento argentino afirma sua proximidade com a escola italiana e mostra admiração pela alemã. Dentro desse universo aprovaram-se medidas

eugênicas elegendo-a como o braço científico da sustentação de um audacioso projeto de uma “grande nação”.

2 – Perda de espaço da eugenia no Brasil

O movimento eugênico brasileiro atingiu o ápice em 1929 quando da realização de um congresso, publicação de jornal próprio e lançamento de livros. Os anos 1930 marcariam a concretização de algumas propostas e a estabilização do movimento. Entretanto, observamos uma ruptura dentro do movimento causado por divergências científicas e ideológicas. Stepan destacou a diferença teórica entre o neo-lamarckismo e o mendelismo como o principal motivo pela cisão dentro do movimento. A divergência ideológica envolvia a questão racial que, segundo a autora, esteve no cerne da questão eugênica.²⁸¹ A primeira delas se baseou numa ruptura entre os eugenistas neo-lamarckistas, que podemos identificar como os difusores da eugenia na década de 1920, e os mendelistas, representados por uma nova geração. O primeiro grupo capitaneado por Renato Kehl propunha uma eugenia mais radical baseada nos “avanços científicos” alcançados por seus colegas europeus. O segundo grupo composto por Roquette Pinto, Octavio Domingues e André Dreyfus utilizaria o mendelismo para defender a mestiçagem e apresentar uma visão mais positiva do país.

Acreditamos que a discussão não passava meramente por uma direção teórica, mas pelas questões ideológicas, como afirmou a própria Nancy Stepan. O projeto de

²⁸¹ STEPAN, Nancy. *Eugenia no Brasil, 1917-1940*. In: HOCHMAN, Gilberto & ARMUS, Diego. *Cuidar, controlar, curar; ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004, p 361.

nação que cada grupo defendia nos parece mais relevante do que o aparato metodológico, tendo em vista que defensores das duas linhas teóricas, defenderam o mesmo projeto. Kehl foi considerado por Stepan como neo-lamarckista, mas concordamos com a afirmação de Vanderlei Souza sobre a orientação mendelista de Renato Kehl enfatizada após a sua viagem a Europa em 1928. Para Souza, Kehl foi seduzido pelas concepções da eugenia alemã e considerou Weismann²⁸² como um dos autores mais importantes para o “aprimoramento” das idéias eugênicas.²⁸³ Podemos notar que dois autores como Kehl e Roquette Pinto com concepções tão diferentes utilizassem do mendelismo para defenderem posições distintas.

A ideologia atrás das teorias e das propostas foi o mais determinante para o posicionamento sobre a eugenia. Como explanou Stephen Jay Gould em seu livro “A falsa medida do homem”(1999), a ciência biológica foi moldada de acordo com os diferentes interesses de seus propositores.²⁸⁴ Segundo Gould, os dados quantitativos estariam sujeitos ao “condicionamento cultural” como qualquer outro aspecto da ciência. O preconceito teria exercido uma influência inconsciente enquanto os cientistas acreditavam estar buscando “a verdade pura”.²⁸⁵ O mendelismo foi utilizado para defender diferentes perspectivas da eugenia no Brasil. O geneticista Octavio Domingues utilizou as leis de Mendel ao defender a mestiçagem no Brasil que, segundo Stepan, teria

²⁸² Weismann foi um importante cientista do século XIX que comprovou que o *germ* plasma não sofria influência do ambiente. Sua pesquisa serviu para desconstruir a teoria de transmissão de caracteres adquiridos de Lamarck.

²⁸³ SOUZA, Vanderlei. *A política biológica como projeto: a “Eugenia negativa” e a construção da nacionalidade na trajetória de Renato Kehl (1917-1932)* Rio de Janeiro: tese de dissertação FIOCRUZ, 2006, p 160.

²⁸⁴ Nesse livro Stephen Jay Gould mostra como os preconceitos influenciaram a elaboração de teorias, especialmente aquelas relacionadas com o determinismo racial. Ao abordar a craniometria, o autor revela as estratégias discursivas utilizadas quando a pesagem do crânio de um grande cientista não condizia com as expectativas.

²⁸⁵ GOULD, Stephen Jay. *A falsa medida do homem*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p 10.

formado um mestiço exemplar, fruto da “hibridação mendeliana normal e saudável”. A inferioridade desse mestiço não seria maior do que as pretensas raças puras européias. Para Domingues, a tese do branqueamento se confirmaria, pois a “maioria branca” prevaleceria após sucessivos cruzamentos.²⁸⁶ Renato Kehl também seguia uma orientação mendelista, principalmente na passagem dos anos 1920 e 1930, mas utilizava tal arcabouço teórico para defender teorias como esterilização, segregação racial e certificados de casamentos. Kehl elogiou a mestiçagem brasileira no começo dos anos 1920²⁸⁷, no entanto mudou de idéia e a condenou em seu livro “Lições de Eugenia” em 1929, ao afirmar que tal experiência levaria à “degeneração da nacionalidade”.²⁸⁸

Os anos 1930 foram marcados pela radicalização do discurso de Renato Kehl, que propunha colocar em prática um modelo de eugenia que estaria sendo “bem sucedido” na Alemanha. O autor provavelmente acreditou que a sociedade brasileira estaria pronta para abraçar suas propostas após mais de uma década de convívio com a eugenia. O caminho da “eugenia negativa” considerado por Kehl como natural não foi bem aceito por vários pensadores do período. A cisão iniciada na publicação do “Lições de Eugenia” se tornou mais evidente no Primeiro Congresso de Eugenia e continuou nos anos subseqüentes. Antropólogos do Museu Nacional, como Fróes da Fonseca e Roquette-Pinto, representaram uma forte oposição ao suposto novo caminho da eugenia. Souza destacou a disputa pela autoridade científica entre os grupos, para ver qual projeto eugênico prevaleceria.²⁸⁹

²⁸⁶ STEPAN, Nancy. *Eugenia no Brasil, 1917-1940*, p 369.

²⁸⁷ Renato Kehl definiu o caboclo brasileiro como um “tipo forte, resistente, valente e patriota”, ou seja, “o padrão de um homem eugenizado”, no seu livro *Melhoremos e Prolonguemos* de 1922. Essa visão se contrasta com sua afirmação em 1929. KEHL, Renato. *Melhoremos e Prolonguemos a vida; a valorização eugênica do homem*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1922, pp 42-43.

²⁸⁸ SOUZA, Vanderlei. *A política biológica como projeto*, p 146.

²⁸⁹ SOUZA, Vanderlei. *A política biológica como projeto*, p 150.

Roquette Pinto foi um dos principais opositores da eugenia radical defendida por Renato Kehl e desempenhou um papel ativo com publicação de livros e artigos em jornais. Stepan afirmou que a sua visão teria sido influenciada possivelmente pelo seu contato com Franz Boas em 1926. Esse encontro teria, segundo a autora, contribuído para a valorização do mulato no discurso de Roquette Pinto.²⁹⁰ Os cruzamentos entre brancos, negros e índios produziriam “tipos normais, a menos que os progenitores sejam portadores de herança mórbida.”²⁹¹ O autor utilizou argumento semelhante ao do movimento sanitarista ao afirmar que os mestiços que possuíam aparência degenerada era devido a doença e não aos cruzamentos. A mestiçagem entre brancos e negros geraria famílias pouco numerosas, não por questão de infertilidade, mas por motivos sociais. Para Roquette-Pinto os mestiços não seriam inferiores aos brancos no lado intelectual e, na sua maioria, não seriam “tão profundos” embora fossem às vezes brilhantes. O único “porém” apresentado pelo autor foi o ponto de vista moral, no qual os “mestiços manifestam uma acentuada fraqueza: a emotividade exagerada, ótima condição para o surto dos estados passionais.”²⁹²

A visão de Roquette-Pinto do mestiço era positiva, apesar dele carregar alguns conceitos como o lado emocional instável e uma capacidade intelectual duvidosa. Apesar de ainda possuir preconceitos Roquette-Pinto teria revertido, segundo Stepan, o uso de Davenport²⁹³ da genética mendeliana. De acordo com a autora, o eugenista americano

²⁹⁰ STEPAN, Nancy. *Eugenia no Brasil, 1917-1940*, p 370.

²⁹¹ ROQUETTE-PINTO, Edgard. *Ensaio de Antropologia Brasileira*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978. (1 edição 1933), p 94.

²⁹² ROQUETTE-PINTO, Edgard. *Ensaio de Antropologia Brasileira*, p 95.

²⁹³ Charles Davenport foi o principal defensor da Eugenia nos Estados Unidos. Ele realizou inúmeras pesquisas sobre eugenia baseado nas leis de Mendel. Davenport chefiou um instituto de estudo da eugenia em Long Island e organizou o segundo e o terceiro congresso internacional de eugenia. O autor manteve uma grande correspondência com outros cientistas e influenciou imensamente cientistas como Domingo Ramos de Cuba.

utilizou as teorias de Mendel para condenar os cruzamentos raciais. Roquette-Pinto teria argumentado “que os cruzamentos mendelianos entre os brancos e negros seriam um processo saudável de branqueamento”, e que esses filhos poderiam ser “tão brancos que nem mesmo um antropólogo experiente como ele próprio poderia distingui-los dos europeus.”²⁹⁴ Mais uma exemplo de como o mendelismo foi utilizado para fundamentar argumentos completamente opostos.

Roquette-Pinto concordava com Alberto Torres ao afirmar que o grande problema do Brasil era a organização. Com a defesa desse ponto o autor afirmava que faltava “educação do povo, nacionalização da economia e circulação das idéias e da riqueza.”²⁹⁵ A organização deficitária do país levava os dirigentes a pensarem que faltavam braços, o que não seria verdade, já que existiam trabalhadores não aproveitados em regiões como o Nordeste. O problema do Brasil não seria racial e sim de organização. Esse ponto era muito importante no pensamento de Roquette-Pinto e influenciou até mesmo sua visão de eugenia. O autor utilizou Jennings para afirmar que “a herança é uma potencialidade, dependente na sua manifestação de condições do meio, durante o desenvolvimento.” Segundo o autor, Jennings defenderia que “a distinção entre caracteres adquiridos e caracteres hereditários é artificial”. Os caracteres hereditários poderiam ser modificados pela educação.²⁹⁶

O conceito de herança de Jennings em termos de probabilidade não seria facilmente aceito pelos médicos que, segundo Roquette Pinto, defenderiam a idéia de que o que era hereditário era fixo.²⁹⁷ Essa visão de hereditariedade e eugenia realmente não

²⁹⁴ STEPAN, Nancy. *Eugenia no Brasil, 1917-1940*, p 370.

²⁹⁵ ROQUETTE-PINTO, Edgard. *Ensaio de Antropologia Brasileira*, p 78.

²⁹⁶ ROQUETTE-PINTO, Edgard. *Ensaio de Antropologia Brasileira*, p 54.

²⁹⁷ ROQUETTE-PINTO, Edgard. *Ensaio de Antropologia Brasileira*, p 54.

foi bem vista por Renato Kehl. A divergência entre os autores rondava assuntos como mestiçagem e como o projeto eugênico deveria ser implementado. Vanderlei Souza defendeu a existência de um conflito entre dois projetos nacionais. O primeiro deles era composto pela maioria dos médicos e defendia uma eugenia ligada ao ideário reformista que contava com políticas públicas no setor do sanitário e na educação. O segundo grupo, liderado por Kehl, procurava estabelecer um espaço mais definido e restrito da eugenia que a posicionasse como uma ciência diferenciada e importante na melhoria das populações. Para Souza, Kehl estaria a procura de uma “delimitação mais clara quanto suas bases e pressupostos” distanciando-a das ciências com as quais havia praticamente se amalgamado no começo dos anos 1920.²⁹⁸ Por isso Kehl teria criado dois termos, eugenia e eugenismo, sendo o primeiro a ciência que defendia e a segunda a aplicação da higiene, educação e medicina social.²⁹⁹

A tentativa de delimitação da eugenia dentro de um novo campo científico causou discordância de antigos aliados, como Belisário Penna. O sanitarista teria afirmado que, sem o saneamento, a higiene, a medicina social e a educação a eugenia não contaria com os seus alicerces. Além de divergências com Belisário Penna, Kehl entraria em grandes discussões em torno da imigração. No capítulo anterior relatamos a sua reprovação aos imigrantes japoneses. Esse tema voltaria a ser debatido no Primeiro Congresso de Eugenia quando a proposta de Kehl de aprovar um comunicado que defendia a restrição da entrada desse povo foi negada. O assunto voltaria a tona em 1934, com o debate na nova Assembléia Constituinte. Esse seria um dos últimos grandes debates em que a eugenia ocuparia lugar de destaque.

²⁹⁸ SOUZA, Vanderlei. *A política biológica como projeto*, p 164.

²⁹⁹ SOUZA, Vanderlei. *A política biológica como projeto*, p 166.

Kehl foi contrário à entrada de japoneses, pois acreditava que a miscigenação desses com os demais povos estabelecidos no Brasil traria malefícios para a composição racial brasileira. Ele argumentou que, apesar da inteligência dos japoneses, eles não seriam recomendáveis para a entrada no país, por motivos eugênicos que ele não justifica em uma carta enviada ao Congresso.³⁰⁰ A miscigenação também foi utilizada como argumento por Roquette-Pinto para defender a entrada dos imigrantes japoneses. O autor utilizou um estudo de Porteus & Babcock³⁰¹ no Havaí para defender a entrada dos japoneses no Brasil. Os bons resultados atingidos por esse povo nos testes de inteligência seriam “mais uma prova brilhantíssima contrária aos que maldizem os cruzamentos”. Os japoneses seriam o resultado de “velhos cruzamentos entre os typos humanos que também concorreram no Brasil: ainos (brancos), mongoes (amarelos) e indonesios (negroides)”³⁰². A comparação com o brasileiro foi uma das estratégias de Roquette Pinto de aproximar a composição racial japonesa com a brasileira, pois ambos seriam povos com as mesmas matrizes raciais, o que os tornava imigrantes ideais, facilmente assimiláveis.³⁰³

O projeto que estabelecia a cota de entrada no país de 2% referente aos últimos 50 anos foi aprovado por imensa maioria, 146 a favor e 41 contra. O estabelecimento dessa cota pode ser considerado como uma vitória da eugenia que teria convencido alguns

³⁰⁰ CARNEIRO, Valdemar. *A Crise da Imigração Japonesa no Brasil (1930-1934); Contornos Diplomáticos*. Brasília: FUNAG, 1990. (Anexo) p 261.

³⁰¹ Os estudos de Porteus & Babcock no Havaí analisou o desempenho escolar, pesquisas com fazendeiros e em testes de inteligência de diversos grupos de imigrantes que habitavam o Havaí. Seis grupos “raciais” foram analisados: japoneses, chineses, havaianos, filipinos, portugueses e porto-riquenhos. A obra foi de grande importância no período devido aos grupos analisados que tinham alguma semelhança com a população brasileira. Oliveira Vianna também citou o trabalho no livro *Raça e Assimilação*. Os resultados da pesquisa foram extremamente favoráveis para os japoneses e alguns desses dados foram distorcidos na obra de Vianna, contrário a imigração nipônica. Para conferir a pesquisa: PORTEUS E BABCOCK, *Temperament and Race*. Boston/USA: Richard d. Badger Publisher: 1926.

³⁰² ROQUETTE PINTO, Edgard. *Ensaio de Antropologia Brasileira*, p 165.

³⁰³ Para saber mais sobre o papel de Roquette Pinto na defesa da imigração japonesa, confira LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional*. São Paulo: Editora UNESP, 2001, p 180.

deputados a restringirem a entrada de imigrantes japoneses. Apesar de importante, a eugenia não foi o principal argumento responsável por tal aprovação. Alguns assuntos como assimilação e receio do imperialismo japonês também foram relevantes. Este último argumento não conseguiu ser refutado com veemência. Podemos considerar esta como a última vitória da eugenia, que foi perdendo sua importância ao longo dos anos 1930, especialmente em sua vertente mais radical. A visão de mestiçagem de Renato Kehl que condenava uniões entre “raças” diferentes foi refutada por muitos intelectuais do período. Como lembrou Souza, Roquette Pinto estava no grupo de intelectuais que procuraram redimir o “homem brasileiro” através da valorização da mestiçagem, como uma experiência única e benéfica.³⁰⁴

Esse novo nacionalismo ganhou corpo com os trabalhos de Artur Ramos³⁰⁵ e principalmente após a publicação de “Casa Grande & Senzala” de Gilberto Freyre em 1933, que exerceu muita influência no pensamento social brasileiro dos anos 1930. Influenciado em grande parte por Franz Boas, Gilberto Freyre procurou realizar o primeiro grande trabalho sociológico que conseguisse apresentar uma visão não-racista baseada na valorização de alguns aspectos da cultura negra.³⁰⁶ A miscigenação foi bem vista pelo autor que, segundo Araújo, teria inaugurado uma terceira posição de pensamento, na qual ele distinguiu raça de cultura. Essa distinção teria valorizado as contribuições fornecidas pelo negro, português e pelo índio. Essa nova interpretação teria

³⁰⁴ SOUZA, Vanderlei. *A política biológica como projeto*, p 189.

³⁰⁵ Artur Ramos foi um reconhecido antropólogo negro que considerou a “raça” culturalmente ao invés de biologicamente. Ele teria buscado reatualizar a obra de Nina Rodrigues nos anos 1930, seguindo uma tendência da Antropologia Cultural ao rejeitar posturas racistas. MARTINEZ-ECHAZÁBAL, Lourdes. *O culturalismo dos anos 30 no Brasil e na América Latina: deslocamento retórico ou mudança conceitual?*. In: MAIO, Marcos Chor & SANTOS, Ricardo Ventura. *Raça, Ciência e Sociedade*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/CCBB, 1996, p 111.

³⁰⁶ ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Guerra & Paz; Casa Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 1930*. Rio de Janeiro: Ed 34, 1994, p 28.

buscado superar o racismo ao mesmo tempo em que construía uma nova identidade nacional, que valorizava a “híbrida e singular articulação de tradições que aqui se verificou.”³⁰⁷

Casa Grande & Senzala valorizou a miscigenação, pois ela teria criado um produto único no Brasil. Essa mistura só teria sido possível devido a uma predisposição do português em realizar uma colonização híbrida e escravocrata. A predisposição portuguesa deveu-se a seu passado étnico e cultural que teria resultado de uma mistura sendo difícil encontrar um tipo “normal” português.³⁰⁸ Essa miscigenação teria sido importante para a aclimação do povo português que foram os únicos europeus a conseguirem “civilizar e colonizar” os trópicos. O cruzamento entre os negros e os portugueses teria criado um mulato ainda mais adaptado ao ambiente.³⁰⁹ A miscigenação com o índio teria sido inevitável e natural e o contato com eles enriqueceu o Brasil e introduziu práticas e costumes importantes.³¹⁰

Gilberto Freyre dedicou alguns capítulos para a descrição de cada “raça” ou cultura que compunha o Brasil e sua contribuição na formação do povo brasileiro. Um grande destaque foi dado à contribuição dos negros, cuja alegria contrastava com a introversão do índio.³¹¹ O negro não teria inteligência inferior e eventuais dificuldades em exames de inteligência se daria pelo fato dos exames serem baseados em critérios europeus. Freyre desmentiu algumas teorias de superioridade racial e destacou que nem mesmo os maiores gênios nórdicos seriam de “raça pura”.³¹² Freyre retomou a obra de

³⁰⁷ ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Guerra & Paz*, p 30.

³⁰⁸ FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da sociedade patriarcal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975, pp 6-8.

³⁰⁹ FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*, p 17.

³¹⁰ FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*, pp 132-134.

³¹¹ FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*, p 402.

³¹² FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*, pp 410-414.

Nina Rodrigues ao destacar que os negros não deveriam ser tomados como um todo e sim de acordo com sua área de origem.³¹³ O autor procurou desconstruir alguns mitos sobre os africanos e enfatizou o contato entre a casa grande e a senzala que produziu “mulatinhos” que personificariam a miscigenação no Brasil.

A terceira posição estabelecida por Gilberto Freyre teria criado, segundo Araújo, uma possibilidade de “superar o inacabamento” definitivo do nosso passado, pois o processo de miscigenação ainda estaria acontecendo, o que forneceria um futuro possível. O Brasil seria um país em “processamento” cuja nacionalidade ainda estaria em formação. Os componentes dessa aquarela miscigenada não seriam deploráveis como alguns autores da época consideravam. Ao reconhecer o valor da influência dos negros e dos índios, Gilberto Freyre teria lançado as bases para uma “verdadeira identidade coletiva” capaz de criar uma identidade comum a seus diversos componentes.³¹⁴

A nova interpretação de Gilberto Freyre foi bem aceita pela intelectualidade e acentuou um processo de valorização da mestiçagem brasileira. Essa nova visão fez com que uma eugenia negativa que condenava o cruzamento entre as diferentes “raças” tivesse cada vez menos espaço na sociedade brasileira. Os anos 1930 estiveram permeados por uma interpretação um pouco mais positiva do Brasil, como uma tentativa de se distanciar das funestas previsões de Gobineau e Agassiz³¹⁵.

A década de 1930 seria um momento de reordenação das concepções de raça o que, segundo Junia Sales Pereira, representaria um deslocamento discursivo do negativo

³¹³ FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*, pp 416- 422.

³¹⁴ ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Guerra & Paz*, p 30.

³¹⁵ Gobineau e Agassiz foram alguns dos cientistas que condenaram a miscigenação ocorrida no Brasil. O seu pensamento foi muito lido e citado pelos cientistas brasileiros.

para o positivo.³¹⁶ Para a autora o Estado Novo teria um discurso ambíguo na construção da identidade, pois, ao mesmo tempo em que a diferença seria uma das marcas da singularidade, os inaptos deveriam ser excluídos através da eugeniação. A autora destacou que o diferente foi valorizado representado na figura do bandeirante, do mulato, do sertão e dos mestiços, o que não queria dizer que os que não se encaixassem em um determinado padrão seriam respeitados. Os indivíduos que não se adaptassem a esses padrões deveriam ser “regenerados” pela eugenia.³¹⁷ A autora afirmou que a identidade procurou fornecer ao “heterogêneo” um padrão de corpo sadio, robustos e prontos a servirem a nação. A eugenia seria considerada como um “ponto de harmonia entre a ausência de um tipo racial brasileiro definido e a pretensa pureza racial apresentada pelos padrões europeus e que, de longe, se diferenciavam das múltiplas feições nacionais.”³¹⁸

A eugenia foi importante para o Estado Novo, pois promoveria a “regeneração” racial do país a partir do momento em que diminuiria as diferenças raciais e controlaria os “indesejáveis”. Esse discurso ambíguo teria valorizado a cultura negra e eleito a faceta multirracial do Brasil na formação de um tipo uno brasileiro. A tentativa foi estabelecer um ser único, mestiço, forte e eugênico. O discurso do governo condizia com parte do movimento intelectual do período que, inspirado em Gilberto Freyre, valorizou a mestiçagem. Essa medida não comportava a promoção de uma eugenia radical como propôs Renato Kehl e foi colocada em prática pelo governo argentino. Dessa forma, podemos perceber uma diferença entre os dois governos que enfatizaram a identidade nacional de diferentes maneiras. O governo argentino incentivou um projeto eugênico

³¹⁶ PEREIRA, Júnia Sales. *A escultura da raça; juventude e Eugenia no Estado Novo*. Dissertação de Mestrado - UFMG/FAFICH, 2002, p 26.

³¹⁷ PEREIRA, Júnia Sales. *A escultura da raça*, p 27.

³¹⁸ PEREIRA, Júnia Sales. *A escultura da raça*, p 28.

semelhante aos de Alemanha e Itália, pois a “maioria branca” possibilitava essa proximidade no discurso. Os anos 1930 no país platino foram propícios para uma eugenia negativa, que colocaria a nação argentina no mesmo patamar de suas “irmãs” européias. O governo brasileiro precisou encontrar um novo caminho para uma nação mestiça e diferente de suas semelhantes européias. Essa solução se tornou mais evidente após a valorização da mestiçagem que tornaria o Brasil um país único, mas tão forte, robusto e eugênico quanto as nações do norte

3- Victor Delfino e o “novo” movimento eugênico argentino

Os anos 1930 e 1940 contaram com uma menor produção intelectual de Victor Delfino e Renato Kehl. Esses autores tiveram uma menor “relevância” intelectual no período, pois não participaram das principais discussões da época. Como já destacamos anteriormente, a discussão em torno de eugenia e raça mudou de foco e outros caminhos foram tomados. Os autores foram gradativamente perdendo sua importância no debate, a partir da metade dos anos 1930. O contato entre eles também diminuiu um pouco apesar de eles ainda se corresponderem. Analisaremos nesse tópico a posição de Victor Delfino no “novo” movimento eugênico argentino.

Victor Delfino não foi um participante ativo na Sociedade Argentina de Biotipologia, Eugenia e Medicina Social, apesar de ter sido um dos fundadores da instituição.³¹⁹ Ele não assumiu nenhum cargo de importância e praticamente não publicou

³¹⁹ Vallejo destacou a participação de Victor Delfino e de outros integrantes do movimento eugênico argentino dos anos 1920, membros do Museu Social Argentino e da Universidade de La Plata. Segundo o autor a Sociedade Argentina de Biotipologia, Eugenia e Medicina Social revitalizou a experiência anterior com a eugenia. MIRANDA, Marisa & VALLEJO, Gustavo. *La eugenesia y sus espacios institucionales en*

textos nos Anais de Biotipologia Eugenia e Medicina Social. Delfino também fez poucas menções à nova instituição no *La Medicina Argentina*, periódico que coordenava desde 1926. Apesar de não ter tido uma participação ativa no movimento, Delfino teceu muitos elogios a Nicola Pende³²⁰, que seria um dos grandes mestres da ciência européia. Mesmo sendo jovem, Pende já teria prestado um importante serviço à ciência universal pela eficácia com que dirigiu departamentos científicos e pelo trabalho de experimentador e clínico.³²¹ Os trabalhos por ele produzidos desde o começo da carreira até aquele momento teriam dado novas orientações à medicina e “promovido magníficos progressos no campo médico-social” em diferentes áreas da medicina. Delfino citou os diferentes casos em que as análises, observações e descobertas de Nicola Pende foram confirmadas por trabalhos de pesquisa e suscitaram avanços na ciência médica.³²²

A obra mais importante de Nicola Pende teria sido o Instituto Biotipológico de Gênova, que seria único no mundo em suas finalidades e resultados. Essa instituição promovia “o estudo das constituições físico-psíquicas com ampla vistas até a concessão de altos fins práticos, como o melhoramento da raça.”³²³ O instituto “observa, vigia e corrige o desenvolvimento físico-psíquico de alunos de escolas primárias e secundárias (...) e aos jovens trabalhadores destinados a um outro ofício.”³²⁴ Delfino elogiou o trabalho de Pende pelo seu estudo da personalidade humana e pela prevenção de

Argentina. In: MIRANDA, Marisa & VALLEJO, Gustavo. *Darwinismo social y eugenesia en el mundo latino*. Buenos Aires: Siglo XXI de Argentina, 2005, p 161.

³²⁰ Nicola Pende foi um dos fundadores da biotipologia na Itália e influenciou enormemente a fundação de sociedade semelhante na Argentina. Ele foi membro correspondente da Sociedade Argentina de Biotipologia, Eugenia e Medicina Social e era venerado pelos cientistas portenhos.

³²¹ DELFINO, Victor. *Prof. Nicola Pende*. Buenos Aires: *La Medicina Argentina*. 1930, p 408.

³²² DELFINO, Victor. *Prof. Nicola Pende*, p 408.

³²³ DELFINO, Victor. *Prof. Nicola Pende*, p 410.

³²⁴ DELFINO, Victor. *Prof. Nicola Pende*, p 410.

anomalias e de enfermidades sociais, que garantiria a integridade orgânica e psíquica das gerações futuras.³²⁵

Esse artigo contendo a biografia de Pende foi publicado no *La Medicina Argentina* um pouco antes da visita do cientista a Buenos Aires. O tom elogioso do texto mostra o quanto Víctor Delfino aprovava o trabalho realizado por Nicola Pende e provavelmente a implantação de políticas semelhantes na Argentina. A fundação da Sociedade de Biotipologia, Eugenia e Medicina Social foi noticiada pelo *La Medicina Argentina*, periódico editado por Víctor Delfino. A nota transcrevia as intenções da nova instituição, bem como a relação dos nomes que compunham o conselho superior e direção geral. Alguns membros do movimento eugênico argentino dos anos 1920 estiveram presentes.³²⁶ Delfino não teve um papel ativo na criação da sociedade apesar de ser conselheiro da instituição, mas publicou alguns textos nos *Anais de Biotipologia, Eugenia e Medicina Social*. Os textos começaram a ser publicados no periódico a partir de 1934 até 1937, além de um artigo em 1940. Uma grande parte dos textos era constituída de análises de outros médicos como biografias e necrologias. Os textos de sua autoria abordaram a nipiologia e a higiene mental. Outro texto analisou a *Casa del Niño* e a proteção da criança argentina. Delfino publicou apenas um texto, no qual abordou a eugenia em 1935.³²⁷

³²⁵ DELFINO, Víctor. *Prof. Nicola Pende*, p 410.

³²⁶ *Sociedad Argentina de Biotipologia, Eugenesia y Medicina Social*. Buenos Aires: *La Medicina Argentina*, 5/1932, p 1457.

³²⁷ Víctor Delfino publicou doze textos nos *Anais de Biotipologia, Eugenia e Medicina Social*: Prof. Marie (1853-1935); uma sensible pérdida para la ciencia (1935); Una figura médica de actualidad el Prof. R. Cândido Patiño Mayer (1935); Las actividades em el campo de la eugenesia y de la medicina social (1935); Paul Godin (1935); Profilaxis mental y nuestros deberes com respecto a los débiles mentales (1936); Notas Científicas (1936); La nipiologia, la fecunda obra del Prof. Ernesto Cacace (1936); Doctores Gregório Marañon y Augusto Pi Suñer (1937); La casa del niño, sistema argentino de protección a la infancia abandonada (1937); La higiene mental em las diferentes naciones de América (1937); La nipiologia, concepto de esta nueva ciência (1937) e Nuevas investigaciones sobre los colóides (1940).

O texto de Delfino sobre eugenia apresentou as conclusões e os programas desenvolvidos em diferentes países do mundo. O autor foi introduzido pelo jornal como conselheiro da Associação Argentina de Biotipologia, Eugenia e Medicina Social.³²⁸ Ele já teria desenvolvido uma multiplicidade de atividades “de ordem eugênica” desde muito tempo. Tal trabalho era reconhecido internacionalmente e não apenas na Argentina. Delfino teria pedido para o periódico publicar os acontecimentos da eugenia no mundo, pois eles teriam “fundamental importância para os que seguem através de nossas colunas o movimento crescente da eugenia e da medicina social em todas as partes.”³²⁹ Eles aproveitaram para destacar os congressos sobre história da medicina e de proteção à infância que ocorreriam respectivamente em Madri e Bruxelas. A matéria convida a todo intelectual que se interessasse em participar ou acompanhar algum desses congressos poderia dirigir suas consultas e contribuições à secretaria geral da Associação aos cuidados de Victor Delfino.

O artigo foi dividido em quatro tópicos que relatavam o desenvolvimento do movimento eugênico no mundo. O primeiro deles apresentou as conclusões do Congresso Internacional de Ciências Antropológicas e Etnológicas de Londres. As conclusões sobre tal congresso tinham sido comunicadas pelo seu secretário dr. Alan N. Brodik a Victor Delfino. Ele tinha sido o responsável pela organização da representação argentina para o dito congresso e tinha sido designado membro do Conselho Permanente Internacional de Congressos Antropológicos até o próximo encontro em 1938. Entre as resoluções do congresso estavam: o exame mais profundo dos métodos empregados para a investigação

³²⁸ Encontramos referência a essa instituição com Sociedade e Associação Argentina de Biotipologia, Eugenia e Medicina Social.

³²⁹ DELFINO, Victor. *Las actividades en el campo de la eugenesia y de la medicina social*. Buenos Aires: *Anais de Biotipología, eugenesia y medicina social*. no 39 1935, p 2.

das aptidões mentais dos negros; a sugestão ao Governo das Índias Britânicas para a criação de um censo que coletasse informações sobre os tipos somáticos, religiões, costumes e lendas; e representação aos governos que lidam com povos indígenas, para a contratação de antropólogos que pudessem estudar tais culturas e contribuir para a resolução de problemas.³³⁰

O segundo tópico trouxe as resoluções da assembléia da Federação Internacional de Organizações Eugênicas, da qual Victor Delfino era o representante da Argentina, realizada em Zurique em julho de 1934. A resolução tomada nessa assembléia foi proposta pelo representante alemão Alfred Ploetz. Esse cientista percebia a iminência de mais uma guerra que teria um efeito catastrófico para a “raça ocidental”, pois eliminaria vários varões saudáveis. Os membros dessas organizações eugênicas teriam concordado, apesar de divergências de idéias políticas e filosóficas, com a necessidade de pesquisa e prática das propostas eugênicas. A assembléia fez um apelo aos líderes de todo o mundo para colocarem em prática os resultados das pesquisas genéticas a fim de “salvar” o capital humano dessas nações.³³¹

Os dois últimos tópicos se referem a congressos que não teriam ocorrido ainda. O primeiro deles era o Congresso Internacional de História da Medicina que aconteceria em Madri. Delfino trouxe os temas oficiais da assembléia e as seções abertas para comunicações e conferências. O congresso contaria ainda com uma exposição de livros raros, manuscritos, lâminas e papiros, que retratavam o desenvolvimento da medicina na Espanha e na América Ibérica. O tópico ainda traz os idiomas oficiais, as normas para o

³³⁰ DELFINO, Victor. *Las actividades en el campo de la eugenesia y de la medicina social*, p 2.

³³¹ DELFINO, Victor. *Las actividades en el campo de la eugenesia y de la medicina social*, p 2.

envio de trabalhos e as datas. Estes deveriam ser encaminhados para Victor Delfino, representante da Sociedade Internacional de História da Medicina de Paris.³³²

O último tópico convidou a intelectualidade argentina a participar da seção da Associação Internacional para a Proteção da Infância em Bruxelas. Entre os tópicos a serem discutidos estavam a proteção da criança em campanhas médicas, pedagógicas e sociais; os efeitos das crises econômicas e greves nas crianças e nos adolescentes; e métodos de investigação. Algumas seções abordariam vários temas como o dever do Estado para com as crianças e o exame pré-nupcial. Essa reunião seria de grande importância e caberia a Victor Delfino, membro da Associação Internacional para a proteção da infância de Bruxelas, designar o relator oficial da Argentina e indicar o nome das personalidades argentinas dispostas a apresentarem comunicações.³³³

O artigo termina com uma apresentação da carreira científica de Victor Delfino. A biografia relatava a atual participação de Delfino como membro do comitê editorial *Eugenical News* junto a outros cientistas latino-americanos como o cubano Domingo Ramos, Renato Kehl e o mexicano Antônio Saavedra. Entre as “atividades eugênicas” de Delfino foram descritas a sua produção publicada no *La Semana Médica*, *La Medicina Argentina*, *La Clinique* de Montreal e *El Siglo Médico* de Madri. Os inúmeros cargos e títulos do eugenista também foram relacionados em ordem cronológica. Entre eles estão a designação como vice-presidente do Segundo Congresso de Eugenia (o único na América do Sul)³³⁴ e do Terceiro Congresso de Eugenia em 1932; participação como membro da Sociedade de Eugenia de São Paulo, França e América; e a atuação no Comitê

³³² DELFINO, Victor. *Las actividades en el campo de la eugenesia y de la medicina social*, p 2.

³³³ DELFINO, Victor. *Las actividades en el campo de la eugenesia y de la medicina social*, p 3.

³³⁴ O Segundo Congresso de Eugenia era para acontecer em 1915, porém a Primeira Guerra Mundial adiou essa reunião para 1921.

Internacional de Eugenia e na Federação Internacional de Organizações Eugênicas. A descrição ainda destacou a participação de Delfino em congressos e sociedades relacionadas a eugenia na Bélgica, Itália e França.³³⁵

O texto não trouxe análises sobre as concepções da eugenia ou medidas a serem adotadas. A eugenia nos anos 1930 já era difundida e por isso Delfino não precisava mais justificar a importância dessa ciência. As suas concepções de eugenia foram em grande parte deixadas de lado para a aplicação de um projeto mais radical, baseado na biotipologia. Entendemos esse texto como uma tentativa de Delfino se posicionar no campo científico da eugenia como um pensador de renome e reconhecimento internacional. Por essa razão todos os congressos mencionados no texto tinham em Victor Delfino o principal representante das instituições organizadoras no país. Ou seja, ele era o escolhido para divulgar as resoluções e as inscrições para os próximos congressos deveriam ser a ele encaminhadas. A pequena biografia do autor no final do texto servia para referendar a sua autoridade no assunto, bem como os vários contatos estabelecidos com diversas academias ao longo de 20 anos de carreira científica.

A influência de Victor Delfino no meio científico foi diminuindo ao longo dos anos 1930. O autor teve uma grande importância na divulgação da eugenia no país, ao tentar aglutinar os importantes médicos da época em torno de uma sociedade e ao divulgar incessantemente a eugenia e “ciências afins” nos jornais que publicou. Suas idéias se tornaram ainda mais claras após 1926 quando assumiu a direção do periódico *La Medicina Argentina*, no qual teve mais liberdade editorial para publicar suas idéias e os autores que as sustentavam. Nesse período o autor publicou mais textos de autoria própria sobre eugenia abordando vários pontos como consaguinidade, imigração e alcoolismo.

³³⁵ DELFINO, Victor. *Las actividades en el campo de la eugenesia y de la medicina social*, p 3.

Ele também publicou autores com os quais tinha afinidade como Renato Kehl e Vital Brasil, além dos importantes nomes mundiais como Leonard Darwin. Apesar de maior liberdade editorial, o *La Medicina Argentina* perdeu destaque no debate sobre eugenia após a criação dos *Anales de Biotipologia, Eugenesia y Medicina Social*.

Apesar de possuir o cargo de conselheiro, Victor Delfino não esteve envolvido na criação da Sociedade Argentina de Biotipologia Eugenia e Medicina Social como esteve na formulação da Sociedade Eugênica Argentina em 1919. O seu projeto de eugenia não foi o vencedor, suas idéias não eram necessariamente opostas ao modelo de eugenia adotado pela “nova” sociedade, mas não focavam a biotipologia. Por esta razão, Delfino ocupou posição secundária na eugenia argentina dos anos 1930. Ao longo desta década, ele publicou menos textos, sendo que os que publicou não tocavam as discussões mais importantes. Um bom exemplo foi o texto analisado que, supostamente seria sobre eugenia, mas não era nada mais que a descrição de congressos. Delfino buscou ressaltar as suas redes de comunicação com o movimento eugênico mundial, com o intuito de afirmar a sua autoridade científica e se posicionar no meio intelectual argentino. Mesmo assim, essas redes não eram as prediletas pelos idealizadores da Sociedade Argentina de Biotipologia Eugenia e Medicina Social. Esses pensadores seguiam os trabalhos de Nicola Pende e admiravam o movimento alemão. Delfino estava alinhado com a escola de Davenport e Leonard Darwin que organizavam os congressos internacionais de eugenia.

O movimento eugênico argentino procurava uma identidade latina baseada na influência italiana. Apesar de admirarem as medidas tomadas pelos eugenistas anglo-saxões e alemães eles não ousavam levá-las a sério. Delfino não defendeu a aplicação das

medidas radicais como esterilização e aborto, mas participou da organização mundial do movimento eugênico arquitetada por Charles Davenport do qual também participou Renato Kehl. Delfino se julgava o representante argentino desse movimento. Os novos eugenistas dos anos 1930 não estavam muito interessados nessa “confraria” e procuraram aplicar as pesquisas biotipológicas realizadas na Itália.

Apesar de não gozar de destaque no “novo” movimento eugênico argentino, Delfino foi bem visto pelos membros da Sociedade. Ele recebeu uma honrosa necrologia de uma página seguida de foto nos Anais de Biotipologia na ocasião de sua morte. Ele foi descrito como um homem apreciado pela academia argentina e mundial. Segundo o artigo, ele talvez fosse o argentino mais “vinculado às esferas científicas da Europa e América”. O discurso de Carlos B. Quirós, membro do diretório dos Anais, foi transcrito. Quirós o descreveu como um dos grandes homens da Argentina que tão bem representou o país em congressos e conferências científicas internacionais. Delfino teria sido “o paciente e iluminador forjador de cultura, um orientador representativo do nosso patrimônio cultural e moral”.³³⁶ O jornal *La Prensa Médica Argentina* também homenageou Victor Delfino, mas não mencionou o seu contato com a eugenia. O periódico destacou sua formação, atuação no jornalismo médico e os cargos de professor de física no Colégio Nacional Manuel Belgrano, a direção no Instituto Tutelar de Menores e na Comissão Assessora de Hospitais e Asilos Regionais. As suas participações em inúmeras organizações internacionais também foram destacadas.³³⁷

³³⁶ *Doctor Victor Delfino*. Buenos Aires: *Anales de Biotipología, Eugenesia y Medicina Social*. no 96, 1941, p 23.

³³⁷ *Dr. Victor Delfino*. Buenos Aires: *La Prensa Médica Argentina*. No 28, 1941.

4 – Eugenia para leigos: Renato Kehl

A eugenia “negativa” defendida por Renato Kehl no final dos anos 1920 perdeu força ao longo dos anos 1930 com o surgimento de outros intelectuais e debates como explicitamos anteriormente. Apesar de não receber a atenção de outrora, Renato Kehl continuou a defender o assunto e a escrever livros e artigos sobre assuntos correlatos. Entre os textos por ele publicados estão artigos em dois periódicos argentinos *Viva Cien Años* e *Hijo Mío* entre 1938 e 1948. Essas duas revistas eram voltadas para um público geral, a primeira delas discutia questões de bem-estar e a segunda era recheada com dicas para pais. As revistas tinham capas coloridas e os artigos sempre contavam com gravuras, fotos e ilustrações. Os textos de Renato Kehl eram uma clara tentativa de divulgar a eugenia e colocá-la em prática através de pequenas atitudes que poderiam ser tomadas no dia a dia dos leitores.

A revista *Viva Cien Años* era voltada para o público geral e seus artigos abordavam temas como qualidade de vida, saúde e bem-estar. Os artigos normalmente eram publicados em duas páginas com uma continuação do texto no fim da revista. O periódico contava com uma diagramação diferente, mais comercial, com títulos escritos em letras chamativas. A abordagem era leve e de fácil entendimento e os termos científicos e específicos eram evitados. Em alguns momentos, a eugenia foi defendida abertamente, com textos que realizavam uma defesa explícita de seu valor. Outros textos abordavam assuntos mais gerais que, em alguns casos, chegam a se distanciar da eugenia mas ao mesmo tempo, mantém um enfoque científico. Kehl publicou 29 artigos entre os anos de 1938 e 1948, nos quais abordou vários temas.

Kehl utilizou uma abordagem científica mesmo em textos sobre assuntos considerandos de interesse geral. Neles uma temática cotidiana era discutida de acordo com conhecimentos médicos. Entre esses textos destacamos alguns que discutiram a razão para o envelhecimento, a crença na amizade e a qualidade de alimentos. No artigo *Que és el peso fisiológico* por exemplo, o autor defendeu a importância da manutenção de um peso fisiológico. Segundo Kehl, todos os indivíduos em estado normal teriam um peso mais ou menos fixo que caracterizaria o estado em que o indivíduo se encontraria saudável. Existiria um “aparato regulatório” no qual o organismo procuraria manter esse peso fixo após eventuais doenças que o teriam alterado. A oscilação desse peso ideal seria, portanto, um sinal de enfermidade tanto no caso de perda ou de ganho de peso. Kehl argumentou que cada corpo teria uma individualidade e seria de bom grado respeitá-la, ao evitar qualquer tratamento voltado ao ganho ou a perda de peso. Dessa forma, uma mãe zelosa registraria num “livro de saúde” dados sobre o peso de seu filho como forma de auxiliar o médico.³³⁸

Em outro artigo, Renato Kehl discutiu o costume de se despedir dos amigos com um aperto de mão. Esse hábito seria anti-higiênico pois uma pessoa que tivesse uma ferida nas mãos poderia passar para a outra. Kehl reconhecia que tal hábito já era muito difundido e que dificilmente seria possível evitar o aperto de mãos sem que parecesse rude. Ele não queria com seu texto alarmar as pessoas, mas somente lembrá-las da importância de lavar as mãos após tais contatos. O autor ressaltou que várias doenças como lepra, tuberculose, febre tifóide e sífilis poderiam ser transmitidas através desse contato. A proposta do autor foi abolir o aperto de mãos e substituí-lo pelo cumprimento militar realizado à distância. No caso de indivíduos com intimidade um beijo na ponta

³³⁸ KEHL, Renato. *Que es el peso fisiológico?* Buenos Aires: *Viva Cien Años*, 3/8/1938, pp 554,555 e 590.

dos dedos acompanhado de um sorriso afetuoso seria uma boa solução ao aperto de mão universal e tão pouco higiênico.³³⁹

Os textos que abordavam temas gerais serviam em grande parte como um aviso para as populações leigas. Em outro artigo, Kehl enfatizou os alimentos danosos à saúde e sobre o importante equilíbrio entre o ácido e o básico dentro do corpo. Os alimentos teriam um importante papel nessa relação e essa era a razão pela qual mudanças repentinas de apetite poderiam acontecer. Essas mudanças poderiam ser uma tentativa do organismo em manter o equilíbrio o que fazia os indivíduos perderem a vontade de consumirem produtos ácidos ou alcalinos (básicos) de acordo com a necessidade do corpo.³⁴⁰

Outros textos procuravam não só alertar os leitores de algum perigo mas também esclarecer algumas dúvidas. Kehl tentou esclarecer em um artigo a razão pela qual envelheceríamos. A velhice aconteceria como consequência de um desgaste glandular da tireóide e supra-renal, o que afetaria a circulação do sangue e a perda da vitalidade dos tecidos.³⁴¹ O bom funcionamento dos órgãos tinha garantido a Lina Cavalieri de 50 anos a aparência de 20 anos.³⁴² Kehl destacou outras causas como excesso de roupas, vícios, alimentação sem orientação, falta de higiene e vida social intensa e sedentária. A matéria de Kehl também apresentava algumas medidas para evitar o envelhecimento, alguns delas testadas cientificamente. O texto voltado para o público feminino procurou informar e fornecer alternativas.³⁴³ O assunto, que certamente sempre interessou as mulheres, também serviu como uma forma de lucrar. Ao lado da matéria foi veiculado um anúncio

³³⁹ KEHL, Renato. *El apretón de manos*. Buenos Aires: *Viva Cien Años*. 1940, p 525.

³⁴⁰ KEHL, Renato. *Alimentos que hacen mal*. Buenos Aires: *Viva Cien Años*. 1/11/1939, pp 191-192.

³⁴¹ KEHL, Renato. *Porque envejecemos?* Buenos Aires: *Viva Cien Años*. 1938, p 621.

³⁴² KEHL, Renato. *Porque envejecemos?* p 654.

³⁴³ KEHL, Renato. *Porque envejecemos?* p 655.

de um livro sobre exercício para mulher. Se o sedentarismo era um das razões apontadas por Kehl para o envelhecimento nada como adotar exercícios que, segundo o anúncio, regenerariam as forças naturais do corpo.³⁴⁴

Os temas corriqueiros foram tratados, mas a eugenia não foi esquecida por Kehl que a abordou em artigos da revista. Em alguns deles a ciência foi apresentada com um pouco de delongas e sem muita explicitação. No artigo *La dignidad humana*, Kehl destacou a eugenia como a ciência que possibilitaria que cuidássemos da “dignidade humana” que seria o patrimônio físico, moral e intelectual.³⁴⁵ O autor introduziu por vários parágrafos essa ciência mas somente revelou seu nome no último parágrafo. O dever dela seria “defender e melhorar o patrimônio integral, constituído pela beleza física, moral e intelectual da espécie.”³⁴⁶ A questão da beleza física foi importante no discurso construído por Kehl nesse período. Ele publicou outros artigos sobre o tema.³⁴⁷

A melhora no patrimônio integral, da beleza física e a conquista da felicidade só seriam atingidos “no dia em que os médicos sejam governantes ou que os governantes sejam médicos.”³⁴⁸ Esses médicos deveriam ser aqueles que exercitassem a clínica geral e que tivessem visão “sociológica, psicológica e eugênica.”³⁴⁹ Eles seriam responsáveis pelos indivíduos mesmo antes deles nascerem, tendo como obrigação defendê-los das “taras” e de milhares de fatores que poderiam danificar a sua saúde. Esse cuidado continuaria na idade escolar através do ensinamento da higiene e no aconselhamento dos

³⁴⁴ KEHL, Renato. *Porque envejecemos?* p 654.

³⁴⁵ KEHL, Renato. *La Dignidad Humana*. Buenos Aires: *Viva Cien Años*. 18/5/1938, p 219.

³⁴⁶ KEHL, Renato. *La Dignidad Humana*, p 246.

³⁴⁷ Outros artigos sobre beleza física foram publicados na revista argentina, como: *Caras Bonitas* (1938), *Porque abundan los feos?* (1939), *Historia de feos* (1939), *Guerra a la fealdade*(1939), *La belleza femenina* (1939) e *Piernas perfectas* (1939).

³⁴⁸ KEHL, Renato. *Los paladines de la salud*. Buenos Aires: *Viva Cien Años*. 1938, p 11.

³⁴⁹ O texto conta com uma introdução de Renato Kehl que relata o seu trabalho como eugenista e sua extensa publicação. Ele seria um dos mais sólidos representantes do pensamento científico sul-americano.

pais para a educação psicológica. A medicina seria responsável por aliviar sofrimentos futuros.³⁵⁰ A prevenção de descendências de alcoólatras era uma das medidas possíveis, pois a ciência já teria comprovado em pesquisas os resultados negativos de filhos gerados por pessoas que consumiam álcool em excesso.³⁵¹

A defesa de um projeto eugênico mais explícito foi feito no texto que defendia a formação das elites. Esse movimento seria uma “garantia contra a decadência dos povos e das nações”, através da seleção de núcleos “distinguidos” e “seletos” que formariam as elites.³⁵² Pelo critério eugênico os indivíduos selecionados deveriam conter uma personalidade destacada “para prestar serviços ao Estado”. A seleção seria realizada na juventude e utilizaria “processos especiais de recrutamento” de acordo com as missões que esses indivíduos teriam que fazer. Esses indivíduos contariam com uma formação política que os prepararia para ocupar os cargos superiores. A admissão deveria desconsiderar a questão de origem social e situação econômica dos candidatos e focar no seu valor pessoal.³⁵³ A seleção eugênica teria como função a escolha de corpos preparados para se tornar líderes. Essas elites deveriam ter a vida facilitada bem como a união com outros seres de caráter eugênico a fim de procriar e elevar o “valor somato-psíquico, intelectual e moral das coletividades”. Kehl afirmou que sua intenção não era formar uma casta e sim proporcionar melhores condições para indivíduos eugênicos que às vezes eram atrapalhados por questões financeiras.

O intuito de multiplicar esses indivíduos estava presente no mundo e em toda a América. Alfredo Saavedra no México, Carlos Enrique Paz Soldán no Perú e Victor

³⁵⁰ KEHL, Renato. *Los paladines de la salud*, p 64.

³⁵¹ KEHL, Renato. *La descendencia del alcoholista*. Buenos Aires: *Viva Cien Años*. 1939, pp 326-327.

³⁵² KEHL, Renato. *La formación de “elites”*. Buenos Aires: *Viva Cien Años*. 1942, p 686.

³⁵³ KEHL, Renato. *La formación de “elites”*, p 687.

Delfino – recém falecido – e outros cientistas na Argentina tinham sido responsáveis pela defesa de tais medidas em seus países.³⁵⁴ Para Kehl, a América do Sul sempre teria contado com elites destacadas, responsáveis pelos esplendores e pela “evolução do patrimônio cultural e de tradições nacionais soberanas”.³⁵⁵

O último texto analisado foi um dos poucos publicados na revista *Viva Cien Años* que expôs as idéias e propostas de Renato Kehl para a formação de uma nação eugênica. As idéias apresentadas são radicais, se considerarmos as possíveis interpretações de tal projeto. Kehl propôs a seleção de indivíduos que seriam treinados para assumir os cargos mais importantes. Essa medida abriria possibilidades para inúmeras ações autoritárias. No caso do Brasil, essas elites certamente não engobhariam negros e provavelmente poucos mestiços. Os outros textos de Kehl publicados na revista abordaram a eugenia indiretamente, e trataram do alcoolismo e dos certificados de casamento. A publicação provavelmente não comportava uma propaganda tão explícita sobre o tema, pois não era seu foco.

A outra revista argentina que publicou os artigos de Renato Kehl nesse período também não expôs as idéias eugênicas explicitamente em suas páginas. *Hijo Mío* era uma revista voltada para pais e mães e trazia dicas e conselhos sobre como criar os filhos. Alguns artigos de Renato Kehl tinham enfoque simplesmente clínico como o que fazer com as febres. Em outros textos o autor procurou responder perguntas recorrentes, como se os filhos seriam altos, gordos, magros e com quem se pareceriam. Acreditamos que os textos publicados servissem como um projeto de aplicação de uma eugenia prática, a

³⁵⁴ KEHL, Renato. *La formación de “elites”*, p 723.

³⁵⁵ KEHL, Renato. *La formación de “elites”*, p 724.

partir do momento em que novas gerações estariam sendo moldadas de acordo com os preceitos eugênicos.

As dicas fornecidas por Kehl podiam ser muito básicas e aparentemente não ter nenhuma relação com a eugenia. O sol aconselhado para evitar anemia e outras inúmeras doenças, não poderia entretanto ser tomado em excesso. Kehl destacou que o abuso de coisas boas normalmente causaria degenerações nos indivíduos. O abuso dos banhos de sol poderia proporcionar perturbações graves no organismo. A luz ativaria modificações metabólicas e reativaria as defesas mas, em excesso, passaria de remédio para veneno. A pigmentação protetora ao sol deveria ser construída gradualmente com progressiva exposição ao sol. Fraqueza nas pernas, dores de cabeça e zumbidos nos ouvidos poderiam ser sintomas de intolerância ao sol. O contato repetitivo de raios de sol sobre a cabeça descoberta poderia causar meningite.³⁵⁶

Os conselhos médicos continuaram em outros artigos do autor. Em um deles Kehl discute as febres e o momento de respeitá-las e a hora de combatê-las. As febres seriam vistas como um mal que deveria desaparecer o mais rápido possível. No entanto, em algumas ocasiões a febre deveria ser respeitada, pois “na maioria dos casos é útil, em alguns é indiferente; em poucos é prejudicial”.³⁵⁷ No primeiro caso, seria importante respeitá-la, pois ela seria uma “luta reveladora da energia orgânica e de provável vitória por parte de nossa defesa contra os atacantes.”³⁵⁸ Antes de atingir um limite ela seria sinal de combatividade e seria importante para a formação de um batalhão de anticorpos. Combatê-la seria um erro pois minaria o processo natural de defesa do organismo. Os

³⁵⁶ KEHL, Renato. *El abuso de los baños de sol*. Buenos Aires: *Hijo Mío*. 1939, pp 702,703 e 716.

³⁵⁷ KEHL, Renato. *Las fiebres; cuando combatirlas? cuando respetarlas?*. Buenos Aires: *Hijo Mío*. 1939, p 770.

³⁵⁸ KEHL, Renato. *Las fiebres; cuando combatirlas? cuando respetarlas?* p 770.

pacientes deveriam tomar apenas alguns medicamentos leves. Os antitérmicos só deveriam ser usados quando as febres durassem por um longo período ou uma temperatura elevada fosse atingida. Kehl procurou desmentir uma crença geral em torno da febre e defender a formação do sistema defensivo das crianças.

Outros textos de Kehl eram respostas para freqüentes perguntas dos pais. Em um dos textos ele respondeu o questionamento “Será alto?”. Ele apresentou os motivos responsáveis pelo crescimento que envolvia, além da genética, a alimentação e o bom andamento das secreções internas. A ingestão de vitaminas, ferro e ácidos teria notada influência no crescimento. As secreções seriam responsáveis pelos estímulos aos hormônios. Aparentemente a genética era o fator mais importante sendo evidente a diferença da estatura nas diferentes “raças”. Os indivíduos de ambos os sexos deveriam estar entre 1,59 e 1,85, sendo que, se estivessem fora desse padrão, seriam considerados anormais e portadores do gigantismo ou nanismo.³⁵⁹

Uma questão dos pais a Kehl sobre a constituição física – ser gordo ou magro – foi esclarecida através da citação de estudos de Davenport sobre as influências hereditárias e externas que determinariam o grau de corpulência dos indivíduos. O tipo gordo seria dominante sobre o magro e, logo, traria “genes” para gerar indivíduos gordos e magros. A estrutura de um corpo gordo seria o resultado “da ação de vários fatores hereditários dominantes (que determinariam a corpulência)”.³⁶⁰ Essas informações seriam importantes para os jovens na hora da seleção matrimonial. Segundo o autor, “quem vai se casar, deve estabelecer, pois, em um hipotético tabuleiro de xadrez, as figuras que

³⁵⁹ KEHL, Renato. *Será alto?*. Buenos Aires: *Hijo Mío*. 1938, p 689.

³⁶⁰ KEHL, Renato. *Tendremos Hijos Gordos o Flacos?*. Buenos Aires: *Hijo Mío*. 1938, p 541

participem do torneio, o noivo, a noiva, os pais do noivo, os pais da noiva, etc.”³⁶¹ Kehl aproveitou esses artigos para defender uma “seleção matrimonial” dos cônjuges antes de se casarem. Eles deveriam analisar fatores como compleição física, altura e outras características antes de contrair matrimônio.

Esses artigos foram uma tentativa velada de introduzir a eugenia ao público geral, com o enfoque nas ações e não em teorias e propostas. Kehl apresentou poucos termos complicados, apesar de deixar claro o seu embasamento científico. Ele tentou cuidar da saúde das crianças, guiando os pais sobre as atitudes a serem tomadas. O autor também aconselhou os pais na criação de seus filhos. Os conselhos envolviam questões sobre a linguagem que deveria ser utilizada, ações que deveriam ser evitadas e outras atitudes a serem tomadas. Os conselhos do autor frisavam que “filhos mimados se transformam em adultos sem iniciativa e com medo de responsabilidade”.³⁶² Kehl procurava moldar os corpos e as mentes dessas novas gerações que deveriam ser eugênicas e dispostas a arriscar e a tomar atitudes.

A diferença entre os textos publicados nas duas revistas argentinas existiu em função do público ao qual os textos foram dirigidos. A revista *Viva Cien Años* teve um tom mais propagandista ao abordar a eugenia mais explicitamente em seus textos. Kehl descrevia para esse público os imensos benefícios que poderiam ser atingidos caso a eugenia fosse adotada pelos leitores. No artigo “Formação das elites”, Kehl defendeu abertamente a eugenia como modelo para se selecionar indivíduos que serviriam ao Estado. Os artigos na revista *Hijo Mío* tiveram um enfoque na saúde infantil, nas dúvidas comuns dos pais e em dicas para criar crianças com o corpo e mente sãos. A eugenia

³⁶¹ KEHL, Renato. *Tendremos Hijos Gordos o Flacos?* p 541

³⁶² KEHL, Renato. *Sabe usted, en verdad educarlo?*. Buenos Aires: *Hijo Mío*. 1938, p 398.

apareceu de forma contida e subentendida em alguns desses textos. O único que chegou a se aproximar do tema trabalhava com casos de precocidade infantil utilizando Francis Galton como exemplo.³⁶³ A proposta da segunda revista era mais prática e estaria colocando a eugenia em prática ao influenciar a criação de inúmeras crianças.

Os textos publicados por Kehl na Argentina na segunda metade da década de 1930 abordaram a eugenia de uma forma indireta e não trouxeram propostas. O autor brasileiro provavelmente não encontrou espaços para publicar textos sobre a eugenia no Brasil e tampouco na Argentina cujo projeto eugênico diferia em parte daquele proposto por Kehl. Percebe-se que os dois autores estudados exerceram um papel secundário no debate acadêmico de seus países nos anos 1930, pois seus projetos não foram vencedores. No Brasil, a condenação da mestiçagem começava a se tornar obsoleta, e alguns pensadores procuraram redimir o país ao valorizar a mistura única formada no Brasil. Na Argentina, o projeto eugênico vencedor se inspirou na escola italiana de biotipologia e recebeu apoio do governo para formar uma “grande nação”.

³⁶³ KEHL, Renato. *Un ejemplo de precocidad intelectual hereditaria*. Buenos Aires: *Hijo Mío*. 1938, pp 94-95.

Conclusão

O projeto de uma eugenia latino-americana foi elaborado por Renato Kehl e Victor Delfino, os autores responsáveis pela introdução e divulgação dessa nova ciência nos seus países. Eles consideraram viável o estabelecimento de um órgão continental e procuraram convencer colegas de outros países a iniciarem o movimento eugênico. Kehl e Delfino foram auxiliados por Paz Soldán que pensou em nomes no Chile, Paraguai e Venezuela capazes de iniciarem associações eugênicas. Percebemos ao longo da pesquisa que os cientistas sul-americanos nutriam uma grande admiração mútua e usufruíam de um intenso intercâmbio intelectual concretizado em congressos, visitas e jornais médicos. Os autores argentinos eram lidos no Brasil e vice-versa, em artigos que publicaram em periódicos que transitavam nas bibliotecas do país vizinho.

O intercâmbio entre os dois pode ser percebido nos periódicos editados por Victor Delfino que, como todo editor, privilegiou temas que julgava importante, como alcoolismo e eugenia. Delfino utilizou essas publicações para introduzir a eugenia na Argentina. Esta foi a mais importante estratégia de divulgação da eugenia, bem como a fundação da *Sociedad Eugénica Argentina*, a diretoria de instituições como *Instituto Tutelar de Menores* e secretário da *Comision Asesora de Asilos y Hospitales Regionales*. Esses cargos possibilitavam zelar pelo futuro da nação e criar uma estrutura de hospitais e instituições que “reformariam” e cuidariam da população argentina. Renato Kehl adotou outras estratégias para divulgar a eugenia no Brasil, a principal delas foi a aproximação dessa ciência com o sanitarismo. A ligação entre os dois movimentos fez com que a eugenia fosse recebida naturalmente na intelectualidade brasileira como uma continuação

da higiene e da medicina social, proporcionando um papel de destaque em congressos, associações e publicações específicas.

Acreditamos que o autor contava com uma dualidade teórica transitando entre uma eugenia positiva, neo-lamarckiana e mais próxima do sanitarismo e uma eugenia negativa, mendeliana e mais radical.³⁶⁴ Vanderlei de Souza defendeu em sua dissertação de mestrado uma mudança na teoria de Kehl ocorrida em 1928 após sua viagem a Europa. Essa nova fase da eugenia teria sido sintetizada no livro *Lições de Eugenia* publicada em 1929. Defendemos que Kehl lidou com essas duas facetas da eugenia, sendo que a primeira foi predominante no final dos anos 1910 e a segunda se tornou mais explícita a partir de 1929. A eugenia negativa apareceu em alguns momentos do discurso de Kehl ao longo dos anos 1920 ao debater assuntos como imigração. Os 13 meios de implementar a eugenia expostos no livro *Lições de Eugenia*, já estavam presentes em um artigo publicado em 1926. Essa dualidade também serviu como uma estratégia utilizada pelo autor que optou por aproximar a eugenia do movimento sanitarista no final dos anos 1910 e distanciá-la no final dos anos 1920, quando julgou necessário afirmar a sua autoridade no assunto.³⁶⁵ Cremos que a “confusão” teórica de Kehl foi a principal estratégia de divulgação dessa ciência desconhecida no Brasil.

As propostas eugênicas de Victor Delfino e Renato Kehl não foram muito distantes, mas acreditamos que os autores tiveram enfoques diferentes sobre as medidas prioritárias. Victor Delfino destacou o combate ao alcoolismo e despendeu grande parte de seu tempo apresentando os males do consumo de tais bebidas. Kehl desconsiderou o

³⁶⁴ SOUZA, Vanderlei. *A política biológica como projeto: a “eugenia negativa” e a construção da nacionalidade na trajetória de Renato Kehl*. Rio de Janeiro: Tese de dissertação FIOCRUZ, 2006.

³⁶⁵ Vanderlei Souza mostrou a diferenciação feita por Kehl entre eugenia e eugenismo, diferenciando as propostas de uma eugenia negativa de outras propostas feitas pelo movimento sanitário. SOUZA, Vanderlei. *A política biológica como projeto*. cap 3

tema e voltou sua energia para a aprovação dos certificados de casamento. Delfino, por outro lado, não escreveu muitos textos sobre o assunto, sendo que abordou o tema mais abertamente na década de 1930, provavelmente influenciado pelos textos de Kehl, por ele considerado referência no assunto.³⁶⁶ A educação foi importante nos projetos dos dois autores, pois ajudaria na formação de um indivíduo consciente das noções de higiene, do risco de algumas doenças e dos critérios que deveriam ser dotados para a escolha de um cônjuge.³⁶⁷ Acreditamos que o assunto fosse mais importante no projeto de Delfino, ao assumir o *Instituto Tutelar de Menores* com o objetivo de salvaguardar e “reformular” a nova geração pela educação.

A imigração talvez tenha sido um dos principais pontos de encontro dos dois autores. Ao debateram o tema, ambos assumiram a perspectiva mais radical de seus discursos. Kehl foi contrário à entrada de imigrantes japoneses no Brasil e fundamentou sua posição com afirmações contrárias à mestiçagem.³⁶⁸ O seu colega argentino também zelou pela “uniformidade racial” da Argentina e defendeu uma imigração selecionada.³⁶⁹ Ambos defenderam uma “pureza racial”, possível na promoção do imigrante europeu saudável e trabalhador. Os discursos foram próximos variando apenas de acordo com as conjunturas de cada país.

Victor Delfino não foi um entusiasta dos benefícios da eugenia negativa e focou sua defesa em medidas neo-lamarckianas. Renato Kehl esteve mais próximo da eugenia negativa, principalmente após o final da década de 1920. Acreditamos que essas medidas

³⁶⁶ DELFINO, Victor. *El certificado de sanidad para conyuges*. Buenos Aires: *Clinica y Laboratorio*. 1930 (número XV), p 34.

³⁶⁷ KEHL, Renato. *Los problemas de la degeneración de las razas*. Buenos Aires: *La Semana Médica*. 14/10/1920, p 530.

³⁶⁸ KEHL, Renato *Questões de raça- O Dr. Renato Kehl diverge da opinião dos que são favoráveis a imigração japonesa*. Rio de Janeiro: *Correio da Manhã*. 16/05/1924. (recorte avulso)

³⁶⁹ DELFINO, Victor. *El problema de la raza*. Buenos Aires: *La Semana Médica*. 18/9/1924, p 674.

estiveram presentes ao longo de sua trajetória intelectual, mas se tornaram mais evidentes nos anos 1930. A defesa de uma eugenia positiva foi mais fácil para o autor argentino devido a uma composição racial argentina considerada mais “eugênica” que a brasileira, por ser mais próxima das nações européias. Renato Kehl teve que lidar com uma realidade não muito bem vista pelos homens da época. As conjunturas provavelmente levaram a uma maior radicalização da eugenia de Kehl quando comparada a de Delfino.

As propostas baseadas na eugenia negativa não receberam um apoio maciço na sociedade brasileira dos anos 1930. O surgimento de obras como *Casa Grande & Senzala* de Gilberto Freyre valorizou a mestiçagem no Brasil e apresentou novas formas de se pensar o país. A faceta multirracial do Brasil foi destacada pelo Estado Novo que tentou criar um mestiço único, forte e eugênico.³⁷⁰ O governo militar argentino, por outro lado, aprovou medidas eugênicas como o certificado de casamento. Os militares na Argentina apoiaram a eugenia e a fundação da *Sociedad Argentina de Biotipologia, Eugenesia e Medicina Social*. Os dois governos militares enfatizaram a identidade nacional de diferentes maneiras.

A ascensão da eugenia na Argentina não significou a aplicação do projeto eugênico de Victor Delfino, que não foi alçado a um papel de destaque. O autor ficou numa posição secundária apesar de ocupar o cargo de conselheiro da sociedade fundada em 1932. O autor tentou se posicionar como um nome importante ao publicar textos que destacavam seus contatos internacionais e cargos ocupados ao longo de quase três décadas.³⁷¹ Kehl também não gozou de destaque acadêmico na década de 1930, mas

³⁷⁰ PEREIRA, Júnia Sales. *A escultura da raça; juventude e Eugenia no Estado Novo*. Dissertação de Mestrado - UFMG/FAFICH, 2002, p 27.

³⁷¹ DELFINO, Victor. *Las actividades en el campo de la eugenesia y de la medicina social*. Buenos Aires: *Anais de Biotipología, eugenesia y medicina social*. no 39 1935.

continuou publicando em periódicos argentinos. Os artigos publicados em revistas voltadas para o público geral, *Hijo Mío* e *Viva Cien Años*, buscavam aplicar a eugenia através de dicas cotidianas. O grande número de artigos publicados pelo autor nas duas revistas nos faz pensar no respeito intelectual que possuía no país. Seus contatos na Argentina não se limitaram a Victor Delfino apesar dele ter fomentado tal intercâmbio.

O movimento eugênico nos dois países percorreu caminhos diferentes. Os autores estudados adotaram estratégias de organização e divulgação de acordo com as sociedades das quais faziam parte. Acreditamos que Victor Delfino teve menos espaço nos anos 1910 e 1920 para expor suas idéias nos periódicos que editava e, por isso, optou por realizar a divulgação por meio de pequenas notas. Renato Kehl não encontrou problemas em propagar as suas idéias devido à proximidade com o movimento sanitarista. Essas idéias receberam pouca resistência da intelectualidade brasileira dos anos 1920, o que mudaria nos anos 1930 quando seu discurso se radicalizou. Kehl foi mais bem sucedido na divulgação da eugenia nos anos 1920 que teve uma maior organização no país. Victor Delfino teve um projeto neo-lamarckiano e menos radical que não encontrou público e nem conseguiu muito destaque na Argentina dos anos 1920 e 1930. Os dois autores tiveram posições semelhantes e propuseram soluções próximas para seus países. Delfino adotou uma eugenia positiva que se preocupou com evitar que o país se “degenerasse”. Kehl foi levado a adotar uma posição mais radical devido à composição racial brasileira que era considerada mais problemática pelos homens da época. Os contextos foram determinantes no discurso por eles construído e na aceitação e concretização de suas propostas.

BIBLIOGRAFIA:

1- Referências Bibliográficas:

ADAMS, Mark B. *The Wellborn Science; Eugenics in Germany, France, Brazil, and Russia*. New York/Oxford: Oxford University Press, 1990.

ALMEIDA, Marta. *Das Cordilheiras dos Andes à Isla de Cuba, passando pelo Brasil: Os Congressos Médicos Latino-Americanos e Brasileiros (1888-1929)*. Tese de doutoramento USP: São Paulo, 2003.

ALVAREZ, Adriana. Ramos mejía: Salud Pública y multitud en la Argentina finisecular In: LOBATO, Mirta Zaida (Org). *Políticos, médicos y enfermedades*. Buenos Aires: Biblos, 1996.

ANSALDI, Waldo. La trunca transición del régimen oligárquico a régimen democrático. In: FALCON, Ricardo. *Historia Argentina; democracia, conflicto social y renovación de ideas (1916-1930)*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2000.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquem de, *Guerra e Paz: “Casa Grande e Senzala” e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

ARMUS, Diego. “Milonguitas” en Buenos Aires (1910-1940): tango, ascenso social y tuberculosis. *História, Ciências, Saúde*. Manguinhos, Rio de Janeiro, IX (suplemento), 2002.

_____ Salud y Anarquismo. In: LOBATO, Mirta Zaida (Org). *Políticos, médicos y enfermedades*. Buenos Aires: Biblos, 1996.

AZCONA, Laura. *Los manuales escolares: las ideas higienistas en educación*. In: DI LISCIA, Maria. *Médicos y maestros: Higiene, eugenesia y educación en Argentina (1880-1940)*. Santa Rosa, Arg:Editorial de la Universidad del Pampa, 2004.

BANDEIRA, Moniz. *O Eixo Argentina-Brasil; o processo de Integracao da America Latina*. Brasilia: Ed. UNB, 1987. pg.15

BARRANCOS, Dora. Socialismo, higiene y profilaxis social, 1900-1930. In: LOBATO, Mirta. (Org). *Políticos, médicos y enfermedades*. Buenos Aires: Biblos, 1996.

_____ *Brasil – Argentina; a visao do outro*. Brasilia: FUNAG, 2000.

BEIRED, José Luis Bendicho. “A grande Argentina”: um sonho nacionalista para a construção de uma potência na América Latina. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 21, nº 42, 2001. P 307.

BENCHIMOL, Jaime Larry & TEIXEIRA, Luiz Antônio. *Cobras, lagartos & outros bichos; uma história comparada dos institutos Oswaldo Cruz e Butantan*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1993.

BERTUCCI, Liane Maria. *Saúde: arma revolucionária; São Paulo 1891/1925*. Campinas: CMU/ Ed UNICAMP, 1997.

_____ *Influenza, a medicina enferma: ciência e práticas de cura na época da Gripe Espanhola em São Paulo*. Campinas: EDUNICAMP, 2004.

BROOKES, Martin. *Extreme Measures; the Dark Visions and Bright Ideas of Francis Galton*. New York: Bloomsbury Publishing, 2004

BUSTAMANTE, Fernando & MENÉNDEZ-CARRIÓN, Amparo. Purposes and Methods of Intraregional Comparison. In: SMITH, Peter. (Org.) *Latin America in Comparative Perspective; New Approaches to Methods and Analysis*. Boulder, EUA: Westview Press, 1995.

CARNEIRO, Valdemar. *A Crise da Imigração Japonesa no Brasil; (1930-1934) Contornos Diplomáticos*. Brasília: IRPI, 1990.

CASTAÑEDA, Luzia. Eugenia e Casamento. In: *História, Ciências, Saúde*. Manguinhos, Rio de Janeiro. Vol 10 (3): 901-930, set-dez. 2003.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro; do leitor ao navegador*. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1998

_____ *História Cultural – entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

_____ *Do livro à leitura* in: CHARTIER, Roger (Org.) *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

CONDE, Mauro Lúcio & FIGUEIREDO, Betânia (Org) *Ciência, História e Teoria*. Belo Horizonte:Argvmentvm Editora, 2005.

COSTA, Angela & SCWARCZ, Lilia. . *1890-1914: No tempo das certezas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

DEVOTO, Fernando. Imigração européia e identidade nacional nas imagens das elites argentinas (1850-1924). In: FAUSTO, Bois. *Fazer a América*. São Paulo: EDUSP, 2000.

DIACON, Todd A. *Stringing together a Nation; Candido Mariano da Silva Rondon and the construction of a Modern Brazil, 1906-1930*. Durham and London: Duke University Press, 2004.

DI LISCIA, María Silvia. En pos de la regeneración nacional – Instituciones y biotipología en Argentina (1900-1940). In: *Varia História*, 34, julho 2004, pg 13-37.

_____ & SALTO, Graciela Nélica (Org.) *Higienismo, educación y discurso en la Argentina (1870- 1940)*. Santa Rosa, La Pampa, Argentina: Editorial de la Universidad del Pampa, 2004.

DONGHI, Túlio Halperín. *El espejo de la história; problemas argentinos y prespectivas latinoamericanas*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1988.

DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol, ROMERO Magali & GLICK, Thomas. *A recepção do darwinismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.

DUBOW, Saul. *Scientific racism in modern South Africa*. New York: Cambridge University Press,1995.

FALCÓN, Ricardo (Org). *Democracia, confilto social y renovación de ideas (1916-1930)*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2000.

FAUSTO, Boris.(Org) *Fazer a América: a imigração em massa para a América Latina*. São Paulo: Edusp, 1999.

_____ *Imigração: cortes e continuidades*. IN: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.) *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998,vol.4, p.13-61.

_____ & DEVOTO, Fernando. *Brasil e Argentina; um ensaio de história comparada (1850-2000)*. São Paulo: Editora 34, 2004.

FROTA-PESSOA, Oswaldo. Raça e Eugenia. In: SCHWARCZ, Lilia e QUEIROZ, Renato. *Raça e Diversidade*. São Paulo: EDUSP, 1996.

GILLHAM, Nicholas Wright. *A Life of Sir Francis Galton; from African explorations to the birth of Eugenics*. New York: Oxford University Press, 2001.

GOULD, Stephen Jay. *Darwin e os grandes enigmas da vida*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____ *A falsa medida do homem*. São Paulo: Martins Fontes: 1999.

_____ *Structure of Evolutionary Thought*. Cambridge, MA, EUA: Harvard University Press, 2002.

GUTMAN, Margarita & HARDOY Jorge Enrique. *Buenos Aires: História Urbana del Área Metropolitana*. Bilbao, Espanha: Editorial Mapfre, 1992.

HELG, Aline. Race in Argentina and Cuba, 1880-1930: Theory, Policies, and Popular Reaction. IN: GRAHAM, Richard (Editor). *The Idea of Race in Latin America, 1870-1940*. Austin, EUA: University of Texas Press, 1990.

HOCHMAN, Gilberto & ARMUS, Diego (Org). *Cuidar, Controlar, Curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.

ITASSU, Leonel. *Argentina e Brasil; a balança de poder no Cone Sul*. Sao Paulo, Brasil: Annablume, 1996

KEVLES, Daniel J. *In the Name of Eugenics*. Cambridge, Massachussets, USA: Harvard University Press, 1995.

KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. 5º ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2000.

LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia*. 6ª ed. revista. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

LESSER, Jeffrey. Imigração e mutações conceituais da identidade nacional, no Brasil, durante a Era Vargas. in: *Revista Brasileira de História*, 14:28, São Paulo, 1994.

_____ Legislação Imigratória e Dissimulação Racista no Brasil (1920-1934). in *Arché*: 8, 1994.

_____ *A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: Editora da UNESP, 2001

LIMA, Nísia Trindade e HOCHMAN, Gilberto. Condenado pela raça, absolvido pela medicina: O Brasil Descoberto pelo Movimento da Primeira República. In: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (Org.). *Raça, Ciência e Sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz/ CCBB, 1996.

_____”Pouca saúde e muita saúva”: sanitarismo, interpretações do país e ciências sociais. In: HOCHMAN, Gilberto & ARMUS, Diego. *Cuidar, controlar, curar*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.

LIMA, Nísia Trindade. Um sertão chamado Brasil. Rio de Janeiro: Ed. IUPERJ, 1999.

LOBATO, Mirta Zaida (Org.) *Políticas, médicos y enfermedades; lecturas de história de la salud en la Argentina*. Buenos Aires: Editorial Biblos, 1996

LOBO, Bruno. *Japonezes no Japão- No Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1926.

LORENZANO, César. (Editor). *Histórias de la Ciencia Argentina II*. Caseros, Arg: Universidad Nacional de Tres de Febrero, 2005.

LOVISOLO, Hugo. *Vizinhos Distantes; Universidade e ciência na Argentina e no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed Uerj, 2000.

LUCA, Tania Regina de. *A Revista do Brasil: Um Diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

MARQUES, Vera Regina Beltrão. *A Medicalização da Raça: Médicos, Educadores e Discurso Eugênico*. Campinas: Ed. Unicamp, 1994.

MARTINEZ-ECHAZÁBAL, Lourdes. O culturalismo dos anos 30 no Brasil e na América Latina: deslocamento retórico ou mudança conceitual? In: MAIO, Marcos Chor & SANTOS, Ricardo Ventura. *Raça, Ciência e Sociedade*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ /CCBB,1996.

MAYR, Ernst. *Biologia, ciência única: reflexões sobre a autonomia de uma disciplina científica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____ *The Growth of Biological Thought; diversity, Evolution and Inheritance*. Cambridge, MA, EUA: Harvard University Press, 2002.

MIRANDA, Marisa & VALLEJO, Gustavo. *Los saberes del poder: eugenesia y biotipología en la Argentina del Siglo XX*. *Revista de Indias*, n. 231, 2004. Pp 425-444.

_____ *Darwinismo social y eugenesia en el mundo latino*. Buenos Aires: Siglo XXI de Argentina Editores, 2005.

_____ *La Idea de “la buena raza” en La Argentina*. In: *Todo es História*, número 425, pg 56-63.

MOREIRA, Ildeu de C. e MASSARANI, Luisa. A divulgação científica no Rio de Janeiro: algumas reflexões sobre a década de 1920. in: *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, VII(3), nov 2000 – fev 2001, pp 627-651.

MOTA, André. *Quem é bom já nasce feito; sanitarianismo e eugenia no Brasil*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

NARI, Marcela. *La Eugenesia em Argentina, 1880-1940*. In: *Quipú*, vol 12, n 3, set-dez 1999, pp 343-369.

OLIVEIRA, Bernardo Jefferson de. *Francis Bacon e a fundamentação da ciência como tecnologia*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

OLIVEIRA, Letícia Fagundes. *A cruzada eugênica no Brasil: Eugenia e sexualidade nas décadas de 20 e 30*. Dissertação de mestrado, São Paulo, USP, 2003.

ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira & Identidade Nacional*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986.

PALMA, Héctor. *“Gobernar es seleccionar”; Apuntes sobre la eugenesia*. Buenos Aires: Jorge Baudino Ediciones, 2002.

PAULY, Philip. *Biologists and the Promise of American Life; from Meriwether Lewis to Alfred Kinsey*. Princeton and Oxford: Princeton University Press, 2002.

PEREIRA, Júnia Sales. *A Escultura da Raça; juventude e eugenia no Estado Novo*. Departamento de História, Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: UFMG/FAFICH, 2002. (mimeo).

PORTER, Roy. *Das tripas coração; uma breve história da medicina*. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2004.

REIS, José Roberto Franco. *“De pequenino é que se torce o pepino”: a infância nos programas eugênicos da Liga Brasileira de Higiene Mental*. In: *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, VII(1), mar-jun 2000, pg. 135-157.

RIGOTTI, Ana Maria. La ciudad y la vivienda como ámbitos de la política y la práctica profesional. In: FALCÓN, Ricardo (Org). *Democracia, conflito social y renovación de ideas (1916-1930)*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2000.

SALESSI, Jorge. *Médicos, maleantes y maricas; higiene, criminologia y homosexualidad en la construcción de la nación Argentina (Buenos Aires 1871-1914)*. Buenos Aires: Beatriz Viterbo Editora, 2000.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão; tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. As teorias raciais, uma construção histórica de finais do século XIX. In: SCHWARCZ, Lilia e QUEIROZ, Renato. *Raça e Diversidade*. São Paulo: EDUSP, 1996.

_____ *O Espetáculo da Raça; cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARTZMAN, Simon. *Formação da comunidade científica no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Rio de Janeiro: FINEP, 1979 (Capítulos 1 e 5)

SEYFERTH, Giralda. Colonização, imigração e a questão racial no Brasil. In: *Revista USP*. São Paulo, n.53 (março/maio). P.117-149.

_____ *A invenção da raça e o poder discricionário dos estereótipos*. IN: *Anuário Antropológico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

_____ *Os paradoxos da miscigenação: observações sobre o tema imigração e raça no Brasil*. In: *Estudos Afro-Asiáticos*, número 20, junho de 1991.

SKIDMORE, Thomas E. *Preto no Branco. Raça e Nacionalidade no Pensamento Brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

_____ & SMITH, Peter. *Modern Latin America*. New York: Oxford University Press, 1974.

SOUZA, Candice Vidal. *A pátria geográfica: sertão e litoral no pensamento social brasileiro*. Goiânia: Ed. da UFG, 1997.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. *A política biológica como projeto: A “eugenia negativa” e a construção da nacionalidade na trajetória de Renato Kehl*. Dissertação de Mestrado – Casa de Oswaldo Cruz /FIOCRUZ. Rio de Janeiro, 2006.

STENGERS, Isabelle. *A Invenção das Ciências Modernas*. São Paulo: Editora 34, 2002.

STEPAN, Nancy. *Gênese e evolução da ciência brasileira*. Rio de Janeiro: Artenova/Fiocruz, 1976.

_____ “*The Hour of Eugenics*”; *Race, Gender, and Nation in Latin America*. Ithaca, EUA and London: Cornell University Press, 1991.

_____ Eugenics in Brazil. In: ADAMS, Mark (ed.) *The Wellborn Science; Eugenics in Germany, France, Brazil, and Russia*. New York: Oxford University Press, 1990.

STOCKING Jr, George W. *Race, Culture, and Evolution; Essays in the History of Anthropology*. Chicago, USA: University of Chicago Press, 1968 (1982).

TABOADA, Gisele & NERY, João. *A Revista da Semana em perspectiva*. IV Encontro de Pesquisa de Intercom. In: <http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/1266/1/R0676-1.p>

TODOROV, T. *Nós e os Outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana*. Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1993.

VILHENA, Cynthia P. de S. Práticas eugênicas, medicina social e família no Brasil republicano. *Revista da Faculdade de Educação*, v.19, n.1, p.79-96, jan/jun. 1993.

ZIMMERMAN, Eduardo A. *Los reformistas liberales; La cuestión social en la Argentina 1890-1916*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1995.

2. Fontes Primárias:

Arquivos e bibliotecas pesquisados

Fundo Pessoal Renato Kehl – DAD-COC, Fiocruz

Centro de Memória – FUNED (Fundação Ezequiel Dias)

*Biblioteca Central “Juan José Montes de Oca” – Facultad de Medicina – UBA
Universidad de Buenos Aires*

Biblioteca del Congreso – Obras raras – Buenos Aires

Biblioteca Nacional – Sessão de Periódicos – Buenos Aires

Biblioteca de la Universidad del Museo Social Argentino – Buenos Aires

Livros, artigos e folhetos

ALBERDI, Juan Bautista. *Bases y puntos de partida para la organizacion politica de la Republica Argentina*. Buenos Aires: Centro Editor de America Latina, 1979.

Boletim da Academia Nacional de Medicina. Rio de Janeiro. 29/12/1919.

BUNGE, Augusto. (sem título).). Buenos Aires: *Boletim mensual del Museo Social Argentino*, jan-jun 1919.

CERPI, José. *La inmigración despues de la guerra*. Buenos Aires: *Boletim mensual del Museo Social Argentino*, jan- jun 1919.

CONI, Emilio R. *Certificado de sanidad para conyuges*. Buennos Aires: *Revista Farmaceutica*. 5/1919.

DELFINO, Victor. *La Defñición de los fenómenos vitales*. Buenos Aires: *La Semana Médica*. 18/07/1912.

_____ *Consecuencias de la ley de Mendel*. Buenos Aires: *La Semana Médica*. 25/07/1912.

_____ *El Alcoolismo en la República Argentina*. Buenos Aires: *La Semana Médica*. 10/10/1912.

_____ *Alcoolismo y Descendencia*. Buenos Aires: *Revista de Criminología, Psiquiatría y Medicina Legal*. 18/07/1915.

_____ *La eugenia en los Estados Unidos*. Buenos Aires: *La Semana Médica*. 02/10/1919.

_____ *Higiene y proletariado*. Buenos Aires: *La Semana Médica*. 17/04/1919.

_____ *Algunos resultados de los estudios acerca de la herencia normal y patológico de la especie humana*. Buenos Aires: *La Semana Médica*. 18/05/1922.

_____ *La Liga de profilaxis y higiene mental*. Buenos Aires: *La Semana Médica*. 04/08/1921.

_____ *El Social Service*. Buenos Aires: *La Semana Médica*. 23/02/1922.

_____ *Higiene Oral y principalmente en el niño*. Buenos Aires: *La Semana Médica*. 28/2/1922.

_____ *Algunas reflexiones sobre la higiene del obrero*. Buenos Aires. *La Semana Médica*. 29/03/1923.

_____ *El problema sanitario nacional y el Ministerio de Sanidad*. Buenos Aires: *La Semana Médica*. 06/09/1923.

_____ *La Higiene Mental em las diferentes naciones de América*. Buenos Aires: *Revista Científica Argentina*. 1924.

_____ *Movimiento Eugênico*. Buenos Aires: *La Semana Médica*. 04/09/1924.

_____ *El problema de la raza*. Buenos Aires: *La Semana Médica*. 18/09/1924.

_____ *La cooperación internacional en el dominio de la higiene*. Buenos Aires: *La Semana Médica*. 16/10/1924

_____ *Higiene de las prisiones*. Buenos Aires: *La Semana Médica*. 11/12/1924

_____ *La consaguinidad en sus relaciones con el matrimonio*. Buenos Aires: *La Medicina Argentina*. 07/1926.

_____ *La inmigración de la República Argentina*. Buenos Aires: *La Medicina Argentina*. 08/1926.

_____ *Notas Científicas: 2º Los postulados de la eugénica. Significación científica y social de esta ciencia*. Buenos Aires: *La Medicina Argentina*. 09/1929.

_____ *Notas Médicas: La hibridación y el mecanismo hereditario de algunas enfermedades*. Buenos Aires: *La Medicina Argentina*. 09/1929.

_____ *Notas Científicas: 2º La higiene de la raza y el "Winderen Laboratorium" de Oslo*. Buenos Aires: *La Medicina Argentina*. 12/1929.

_____ *Los avances de la eugenia em Francia*. Buenos Aires: *La Medicina Argentina*. 1930.

_____ *Los progresos de la eugenística*. Buenos Aires: *La Medicina Argentina*. 1930.

_____ *El certificado de sanidad para conyuges*. Buenos Aires: *Clinica y Laboratorio*. 1930.

_____ *Prof. Nicola Pende*. Buenos Aires: *La Medicina Argentina*. 1930.

_____ *Sobre la creación de los institutos de eugenesia y maternidad de la Asistencia Pública*. Buenos Aires: *La Medicina Argentina*. 02/1931

_____ *Perfiles Eugênicos*. Buenos Aires: *La Medicina Argentina*. 11/1931.

_____ *Una gran Asamblea Científica. El Tercer Congreso Internacional de Eugénica en Nueva York*. Buenos Aires: *La Medicina Argentina*. 12/1932.

_____ *Las actividades en el campo de la eugenesia y de la medicina social*. Buenos Aires: *Anais de Biotipología, eugenesia y medicina social*. n 39. 1935.

ELLIS JR, Alfredo. *Populações Paulistas*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala; formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

_____ *Sobrados e Mucambos*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

GALTON, Francis. *The Art of Travel (1872)*. London: Phoenix Press, 1971.

INGENIEROS, Jose. *Cronicas de Viaje*. Buenos Aires: Ramon J Roggero & CIA Editores, 1915.

KEHL, Renato. *Darwinismo social y Eugenia*. Rio de Janeiro: *La Semana Médica*. 12/12/1918.

_____ *Las asociaciones eugénicas*. Rio de Janeiro: *La Semana Médica*. 13/03/1919.

_____ *Povo são e povo doente*. Rio de Janeiro: *Brazil-Médico*. 01/05/1920.

_____ *O casamento em face da eugenia*. Rio de Janeiro: *Brazil-Médico*. 18/09/1920.

_____ *A regulamentação eugênica do casamento*. Rio de Janeiro: *Brazil-Médico*. 16/10/1920.

_____ *Los problemas de la degeneración de las razas*. Buenos Aires: *La Semana Médica*. 14/10/1920.

_____ *A esterilização do ponto de vista eugênico*. Rio de Janeiro: *Brazil-Médico*. 26/03/1921

_____ *La Eugénica y la guerra*. Buenos Aires: *La Semana Médica*. 31/03/1921.

_____ *Melhoremos e Prolonguemos a vida*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1922.

_____ *O médico e o culto a raça*. Rio de Janeiro: *Brazil-Médico*. 21/01/1923.

_____ *Questões de raça-O dr. Renato Kehl diverge da opinião dos que são favoráveis à imigração japonesa*. Rio de Janeiro: *O Correio da Manhã*. 16/01/1924

_____ *Efeitos do alcoolismo*. Rio de Janeiro: *Gazeta de Notícias*. 12/03/1924.

_____ *A descendência do alcoolista*. Rio de Janeiro: *Gazeta de Notícias*. 28/03/1924.

_____ “*La eugénica y sus fines*”. Buenos Aires: *La Semana Médica*. 19/08/1926.

_____ *Bíblia da Saúde*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1926.

_____ *Preguntas a un Eugenista*. Buenos Aires: *La Medicina Argentina* 03/1927.

_____ *O exame médico pré-nupcial*. Rio de Janeiro: *Brazil-Médico*. 10/12/1927.

_____ *A eugenia práctica*. Rio de Janeiro: *A Folha Médica*. 15/02/1929.

_____ *Registro individual e archivo genealógico de família*. Rio de Janeiro: *A Folha Médica*. 25/07/1929.

_____ *A eugenia no Brasil*. Rio de Janeiro *Brazil-Médico*. 27/07/1929.

_____ *La duración de la vida. Cálculo de la longevidad*. Buenos Aires: *La Medicina Argentina*. 04/1931.

_____ *La felicidad desde el punto de vista médico y eugénico*. Buenos Aires: *La Medicina Argentina*. 10/1933.

_____ *Será alto?* Buenos Aires: *Hijo Mío*. 02/1938.

_____ *Un ejemplo de precocidad intelectual hereditaria*. Buenos Aires: *Hijo Mío*. 05/1938.

_____ *La dignidad humana*. Buenos Aires: *Viva Cien Años*. 05/1938.

_____ *Sabe usted, en verdad, educarlo?* Buenos Aires: *Hijo Mío*. 09/1938.

_____ *A quien se parece?* Buenos Aires: *Hijo Mío*. 10/1938.

_____ *Qué es el peso fisiológico?* Buenos Aires: *Viva Cien Años*. 1938.

_____ *Porque envejecemos?* Buenos Aires: *Viva Cien Años*. 1938.

_____ *Paladines de la salud*. Buenos Aires: *Viva Cien Años*. 1938.

_____ *Tendremos hijos gordos o flacos?* Buenos Aires: *Hijo Mío*. 11/1939.

_____ *El abuso de los baños de sol*. Buenos Aires: *Hijo Mío*. 02/1939.

_____ *Las fiebres; cuando combatir las? cuando respetar las?* Buenos Aires: *Hijo Mío*. 03/1939.

_____ *La descendencia del alcoholista*. Buenos Aires: *Viva Cien Años*. 1939.

- _____ *Alimentos que hacen mal*. Buenos Aires: *Viva Cien Años*. 11/1939.
- _____ *El apretón de manos*. Buenos Aires: *Viva Cien Años*. 1940.
- _____ *La formación de "élites"*. Buenos Aires: *Viva Cien Años*. 1942.
- LOPEZ, Octavio & BARILARI, Mariano. *Nuestra orientación*. Buenos Aires: *Sociedad Argentina de Biotipología, Eugenesia y Medicina Social*, 1932.
- MAUL, Carlos. *A intriga entre o Brasil e a Argentina*. Rio de Janeiro: Benjamim Constant, 1923.
- ORDOÑES, Porto. (sem título). Buenos Aires: *Boletim mensual del Museo Social Argentino*, jan-jun 1919.
- PORTEUS, Stanley D. & BABCOCK, Marjorie. *Temperament and Race*. Boston: /USA: Richard d. Badger Publisher:1926. Pg 333-335.
- ROQUETTE-PINTO, Edgar. *Ensaio Brasileiro*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.
- _____ *Ensaio de Antropologia Brasileira*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.
- ROSSI, Arturo. *La unidad de la acción*. Buenos Aires: *Sociedad Argentina de Biotipología, Eugenesia y Medicina Social*, 1932.
- SARMIENTO, Domingo Faustino. *Conflicto y Armonías de las Razas en America*. Buenos Aires: La Cultura Argentina, 1915.
- SCHTEINGART, Mario. *Un faz social de capital importancia*. Buenos Aires: *Sociedad Argentina de Biotipología, Eugenesia y Medicina Social*, 1932.
- VARELA, Horácio Beccar. (sem título). Buenos Aires: *Boletim mensual del Museo Social Argentino*, jan-jun 1919.
- VERISSIMO, Jose. *Cultura, Literatura e Política na America Latina*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986
- VIANNA, J.F. Oliveira. *Raça e assimilação*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1932.
- _____ *Evolução do Povo Brasileiro*. São Paulo: Companhia Editora Nacional: 1933.
- ZEBALLOS, Estanislao. *Inmigración*. Buenos Aires: *Boletín mensual del Museo Social Argentino*, jan-jun 1919.

